

Oito contos do Autor

**ITALO
SVEVO**

Argo e seu Dono



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



ARGO E SEU DONO

Italo Svevo

Título original: Argo e il suo padrone

tradução: Liliana Laganá

apresentação de Elvio Guagnini

São Paulo - Berlendis &Vertecchia

Editores, 2001

Gênero: conto italiano

Digitalizado e revisto por Virgínia

Vendramini

Janeiro de 2017

Orelhas

Italo Svevo (Trieste, 1861 — Treviso, 1928) é um autor que viveu e que escreveu entre os dois séculos. Mas é interessante o fato de ele ser considerado universalmente como um escritor fin de siècle projetado para o século XX, e do século XX, justamente porque sua narrativa representa e coloca, mas principalmente antecipa, temas que encontrarão cidadania plena na cultura desse século. Não é por acaso que seu

nome se destaca — hoje — nas classificações, compiladas no exterior, dos autores italianos mais conhecidos na literatura geral do século que acaba de terminar. O trabalho de Svevo autor de contos nos testemunha, entre outras coisas, pelo menos dois fatos: antes de mais nada uma continuidade do trabalho do escritor no decorrer de toda sua vida; em segundo lugar, uma experimentação de modalidades diferentes do conto breve. A escolha dos oito contos publicados nesta coletânea testemunha bem, parece-me, fases e problemáticas diversas do trabalho narrativo de Svevo. Poder-se-ia dizer que cada um destes contos, de algum modo, representa uma forma, um gênero e

um problema diferente na narrativa sveviana de medida breve. Sejam bem vindos, portanto, outros enfoques a este setor de produção narrativa de Svevo em parte menos conhecida em relação aos romances, na Itália e fora da 'Itália. Mesmo porque esse setor está longe de ser marginal e periférico na produção do escritor triestino. Pelo contrário.

Índice

Apresentação

Argo e seu dono

O assassinato de via Belpoggio

A mãe

O meu ócio

Nós do bonde de Sérvola

De modo traiçoeiro

A tribo

A novela do bom velho e da bela
jovem

Apresentação

Svevo: A arte do conto

Elvio Guagnini

Svevo é reconhecido, em nossos dias, pela crítica mundial, como um dos grandes autores da tradição literária europeia entre os séculos XIX e XX. Não é por acaso que seu nome se destaca — hoje — nas classificações, compiladas no exterior, dos autores italianos mais conhecidos na literatura geral do século

que acaba de terminar. Com Pirandello e com Primo Levi.

Svevo é um autor que viveu (1861-1928) e que operou entre os dois séculos. Seu primeiro conto publicado é *Una lotta*, em "L'Indipendente", 6-7 janeiro de 1888; seu primeiro romance é *Una vita*, Trieste, Vram, 1892. Mas é interessante o fato de ele ser considerado universalmente como um escritor fin de siècle projetado para o século XX, e do século XX, justamente porque sua narrativa representa e coloca, mas principalmente antecipa, temas que encontrarão cidadania plena na cultura desse século, naquela mais avançada e problemática.

Também a fama de Svevo tem algo

particular. Ignorado e mesmo atacado (típica a acusação de "escrever mal") por diversos críticos inclusive de Trieste, sua cidade, Svevo foi descoberto — por volta da metade dos anos Vinte — por autores (não é um acaso) como Bazlen, Montale, Joyce, Larbaud, Crémieux, expoentes de uma cultura e de uma crítica atentas tanto ao horizonte europeu do discurso literário quanto à qualidade de estilo de seus autores.

A descoberta de Svevo prossegue ainda hoje, poder-se-ia dizer. Problemas de edição crítica recolocam ainda a necessidade de explorar alguns textos; o teatro de Svevo — cujo conhecimento foi estimulado e promovido por Tullio

Kezich, entre os primeiros — aparece como um terreno fértil de atenções para a direção e a interpretação de textos; para os contos de Svevo estão se voltando muitas atenções de estudiosos, velhos e jovens, com novas aquisições e enfoques importantes.

Também no plano editorial (uma prova disso são as bibliografias correntes e a seção bibliográfica de "Aghios. Rivista di studi sveviani" que dirijo desde 1997 junto com Giu-seppe A. Camerino), os contos parecem realmente um setor em crescente desenvolvimento. E, ao mesmo tempo em que agora se encontram no mercado até edições de contos isolados, estão se intensificando pesquisas com

vistas a ensaios ou a edições de todos os textos da narrativa breve de Svevo.

Sejam bem vindos, portanto, outros enfoques a este setor de produção narrativa de Svevo em parte menos conhecida em relação aos romances, na Itália e fora da Itália. Mesmo porque esse setor está longe de ser marginal e periférico na produção do escritor triestino. Pelo contrário. O trabalho de Svevo autor de contos nos testemunha, entre outras coisas, pelo menos dois fatos: antes de mais nada uma continuidade do trabalho do escritor no decorrer de toda sua vida; em segundo lugar, uma experimentação de modalidades diferentes do conto breve.

A escolha dos oito contos publicados nesta coletânea testemunha bem, parece-me, fases e problemáticas diversas do trabalho narrativo de Svevo. Poder-se-ia dizer que cada um destes contos, de algum modo, representa uma forma, um gênero e um problema diferente na narrativa sveviana de medida breve.

Quanto à datação dos contos aqui apresentados, é preciso lembrar que alguns são textos que pertencem ao período inicial da carreira de Svevo escritor (L'assassinio di Via Belpoggio foi publicado no "Indipendente" de Trieste, em capítulos, em 1890); La tribú foi publicado em 1 de novembro de 1897 em "Critica sociale", o periódico socialista

fundado por Filippo Turati); outros conhecem uma elaboração mais longa (La novella del buon vecchio e della bella fanciulla, publicada póstuma, foi composta definitivamente na metade dos anos Vinte, mas alguns esboços datam do período 1907-1908); outros ainda datam do período entre os anos Vinte e Trinta (a série Noi del tramway di Sérvola foi publicada na "Nazione" de Trieste entre 1919 e 1921. Outros contos apresentam uma datação complexa e difícil (como Argo e il suo padrone, publicado póstumo em 1934 mas com data — como composição — que pode ser colocada entre os anos Vinte e Trinta); outros textos, enfim, foram elaborados nos

últimos anos da vida de Svevo (como *La madre*, publicado em 1924; *Proditoriamente*, que é de 1923 mesmo se publicado só em 1949; *La novella del buon vecchio e della bella fanciulla* de cuja redação final já falei; *Il mio ozio* que é do período 1926-1928).

O caráter dos contos também é diferente. De grande originalidade estrutural (é um dos textos mais "modernos" de Svevo, embora pertencente ao período de seus exórdios narrativos) *L'assassinio di Via Belpoggio* apresenta-se não só como a realização, na prática textual, da ideia de Schopenhauer a respeito da aquisição da consciência de um evento somente depois de o fato em si

já ter ocorrido, mas também como uma original exploração da consciência do protagonista (uma espécie de indagação investigação interior após o assassinato), das suas contradições, das suas tentativas de auto mistificação e de deturpação da realidade: uma espécie de "policia" que se desenrola principalmente na interioridade, onde é conhecido o assassino mas onde — contudo — devem ser individualizados confins e linhas de demarcação da moral e da consciência.

La tribú é ao contrário uma espécie de apólogo, de fábula alegórica realizada em breves e velozes quadros sucessivos, que representa as contradições e os sofrimentos que se manifestam após o

assentamento de uma tribo nômade às voltas com as consequências dilacerantes do afirmar-se do princípio de propriedade, do desejo egoísta de acumulação, da desigualdade; mas também — por outro lado — com o emergir de uma aspiração à felicidade, ao trabalho, a um futuro de igualdade para todos. Trata-se de uma parábola, de uma reflexão social em termos narrativamente incisivos, na qual são esboçadas aporias e utopias da história e da evolução da civilização humana.

De grande qualidade — certamente — é *Argo e il suo padrone*. A etologia atual nos acostumou a reflexões sobre a comunicação com os animais. É destes

dias a notícia de novas tecnologias japonesas para traduzir eletronicamente a língua canina "Bowlíngual", de outras e novas pesquisas sobre a linguagem dos cães na Sierra Nevada College de Lake Tahoe na Califórnia, e de uma importante comunicação de Patricia Simonet na Associação Americana para o Estudo do Comportamento Animal em Washington. Svevo representa, de modo original, a complexa relação entre um homem e seu cão. Através dessa relação — explorada primeiramente na perspectiva do dono e depois na do cão de quem o dono apresenta as memórias — Svevo tem a possibilidade de focalizar temas importantes da própria narrativa, como a

atormentada relação com a ciência médica, mas explora também — através da reconstrução da filosofia e da psicologia de Argo, que acaba morrendo de neurastenia aguda — comportamentos paradigmáticos: a hipocrisia, a covardia, a "sinceridade" (entendida pelo cão como condição alcançada somente com a morte), o tédio, a dor, o ciúme, a alegria da liberdade, o sofrimento que favorece a clareza, as estratégias para a convivência com os outros, a dificuldade de pensar na dor quando se vive numa condição de felicidade, a incongruência dos comportamentos e da variabilidade de humor dos homens. Um conto, Argo e il suo padrone, em que notas satíricas,

humorísticas, uma lúcida consciência das hipocrisias e (as mistificações comportamentais se exprimem — às vezes — através dos aforismos com os quais Svevo representa a filosofia de Argo ("A vida é assim: é necessário antes implorar para ter as coisas e depois rosar para conservá-las"; "pensar na corrente quando se está livre seria como diminuir a grande alegria da liberdade").

De acordo com o testemunho de Livia Veneziani, esposa de Svevo (Em Vita di mio marito, Trieste, Eclizioni dello Zibaldone, 1958) Svevo colaborara à "Nazione" de Trieste, dirigida pelo seu amigo Giulio Cesari escrevendo no começo "oito pequenos artigos e uma

sátira sobre o bonde de Sérvola". A mais recente edição da série (Italo Svevo, *Noi del tramway di Sérvola*, organizada por Marili Cammarata, Trieste, Parnaso, 1994) apresenta somente cinco desses pequenos artigos. Entre os *Articoli*, propriamente, os primeiros quatro desses cinco "pequenos artigos" haviam sido colocados por Bruno Maier no III volume da *Opera Omnia* (*Racconti-Saggi-Pagine Sparse*, Milão, Dall' Oglia, 1996). A organizadora da edição de 1994 os define "pequenos contos satíricos". E, enquanto permanece aberta a caça aos "pedaços" que faltam (se for verdade o testemunho de Livia Veneziani), pode-se dizer que todos estão com a razão, também a edição

B.U.R.(Milão, 1988) organizada por Giacinto Spagnoletti, que insere os quatro artigos no volume Racconti. Talvez reportage seja o termo preciso para indicar esse gênero. Mesmo porque, sabe-se, o reportage é um gênero que mistura muitos gêneros (entre outros, o conto, o relato, o comentário, a impressão, a investigação). E esses reportages de Svevo que dizem respeito ao bonde (a "carruagem de todos" dos reportages de De Amicis, de 1899) são um gênero muito sui generis. Antes de mais nada brinçalhão, sorridente, às vezes polêmico, com alguns toques nos registros do absurdo, do grotesco, do surreal. Como naquele trecho em que se fala de uma

assembleia de passageiros amontoados num único vagão (30 de agosto de 1919) sobre a qual se faz o relato: "Um dos membros, permanecendo de pé, contou ter sabido de fonte segura que nós tínhamos comunicações mais frequentes do que entre NovaYork e São Francisco, duas cidades mais importantes que Sérvola e a própria Trieste. Portanto não devíamos nos queixar. De um buraco no forro, um outro, que não tendo encontrado outro lugar senão em cima do teto debaixo do trole, gritou que ao passo que o bonde de Sérvola só atrasa umas horas, o trem de Wladiwostock uma vez atrasou três semanas".

As vezes o conto assume, entre a

seriedade e a paródia, o aspecto de um relato de viagem: com traços, é preciso insistir, surreais, como quando (21 de outubro de 1919) Svevo discute sobre as providências e as decisões relativas no caso que "um passageiro fosse soprado para fora a meio caminho" pelo vento bora. E devem ser lembrados também os jogos de palavras e de conceitos, como no último artigo (11 de fevereiro de 1921) no qual se raciocina sobre a relação entre os conceitos de "comunal" e de "comunista" e se conclui: "esperamos ansiosamente o bonde da idade da pedra, isto é aquele que será lapidado por nós". Com certeza, está aqui o Svevo que gostava de rir das (e através das) próprias páginas — como

testemunhava a filha Letizia — e está o Svevo amigo de Joyce, da mesma forma atento, também ironicamente, às ideologias e às técnicas da vanguarda.

Ao gênero conto, ou conto breve entendido conforme certas definições canônicas, pertence Proditoriamente. Pirandello escrevera — em 1897 — que a novela, como a tragédia clássica, "pegam o fato, por assim dizer, pelo rabo (...) para nos descrever (...) seus últimos passos, o excesso, em suma". Numa nota de 1947, Corrado Alvaro escrevia que, para a composição de contos breves, era preciso encontrar "o momento culminante de uma vida, que deixa descobrir o passado e adivinhar o futuro". Para Moravia (1958),

enquanto o romance ofereceria "uma representação da realidade mais complexa, mais dialética, mais poliédrica, mais profunda e mais metafísica do que a fornecida pelo conto", o fascínio do conto nasceria "de uma arte literária sem dúvida mais pura, mais essencial, mais lírica, mais concentrada e mais absoluta que a do romance", que beiraria — ao contrário "muitas vezes o ensaio ou o tratado filosófico".

Trata-se de teses interessantes, inclusive para dizer algo conclusivo sobre o conto suevo. Moravia lembrava também a grande variedade de tipos do conto, em relação ao romance, "desde o récit de tipo francês ou conto longo com

personagens quase de romance, até o poema em prosa, ao bozzetto, ao documento lírico". O conto sveviano é seguramente — como se disse no início — muito variado quanto às tipologias. Não compreende, certamente, tipologias de caráter lírico ou poético. Poder-se-ia dizer, isto sim, que ao lado do récit e do bozzetto devem-se registrar o reportage (sul generis, é claro), o pequeno conte philosophique, o apólogo, a parábola, a página alegórica.

De fato, Proditoriamente responde à característica, expressa explicitamente por Pirandello e mais implicitamente por Moravia, de um conto que enfrenta a realidade num seu "momento culminante",

que pega o fato "por assim dizer, pelo rabo", que tende à essencialidade e à representação concentrada. Com certeza, Proditoriamente, mesmo de um ponto de vista puramente exterior e de conteúdo, é como o último ato de uma tragédia (ou de um drama, dada a natureza contextual de Svevo). Ato decisivo e talvez definitivo para o comerciante Maier que — confiando numa amizade antiga — vai até seu colega Reveni pedir auxílio do ponto de vista econômico para fazer frente a uma ameaça de falência, e dele recebe reservas, acusações, recriminações, repreensões, um tratamento frio também por parte da mulher do amigo; último ato para Reveni que, afinal, morre por

derrame ou por um ataque cardíaco: e assim torna vãs as esperanças de Maier e, ao mesmo tempo, redimensiona a importância de sua "aventura".

Ainda no registro da parábola, do conto alegórico e da "fábula" (um gênero que Svevo cultivou com interesse, bom gosto e inteligência: cfr. Ítalo Svevo, Favole, com prefácio de Bruno Maier, Roma, Edizioni dell'Altana, 1966) desenvolve-se o conto La madre: em que as buscas de uma mãe inexistente por parte do pintinho Curra, criado numa chocadeira, (uma mãe tecnológica), se torna uma reflexão paradigmática sobre a formação do conhecimento, sobre o peso das ideias pré concebidas e dos

preconceitos na avaliação da realidade, na relação entre experiência da vida, sonhos, impacto não raro duro com a realidade.

La novella del buon vecchio e della bella fanciulla e Il mio ozio apresentam um parentesco ao mesmo tempo cronológico e temático. No centro da Novella está o confronto entre gerações, entre jovens e velhos; e — com ele — também a relação entre o "bom velho" e uma "bela jovem": uma relação fundada no dinheiro mas vivida também com ironia, e na consideração da mistificação presente na atitude do "bom velho", que oscila entre sedução e filantropia, um "velho" que — como Emilio Brentani em

Senilità — pema também em ciar lições de moral. Só que agora a senilidade é uma condição física além de uma questão de idade e o "bom velho" lida de fato com a própria morte; e os sonhos agora não são projeções utópicas mas levam ao auto conhecimento e à angústia. Também o "bom velho" da novela se torna escritor — e o faz a título educativo, para a jovem — mas deve perceber que dar uma forma ao texto (isto é, torná-lo literário) resulta numa espécie de traição da verdade. Como Alfonso Nitti em Una Vita, também o "bom velho" é um teórico e desenvolve o aspecto teórico da própria relação com a jovem. Só que, agora, a ironia e o desencanto levam à percepção da

insuficiência da teoria, de seu distanciamento da realidade e das aporias de qualquer moralismo. Disso, a ironia sobre os "teóricos" ("os teóricos são pessoas muito lentas quando se trata de agir") a desilusão, a tomada de consciência da falta de eficácia daquele tipo de reflexão filosófica, a chegada da morte que não anula as dúvidas e as contradições de que é feita a vida.

Il mio ozio, antes publicado entre os contos, foi depois incluído entre os contos inacabados ou fragmentos narrativos de um quarto romance de Svevo; alguns editores o consideraram entre as continuações da Coscienza di Zeno; outros o viram como um segmento daquele

quarto romance inacabado de Svevo que agora foi intitulado definitivamente *Il vegliardo*. Deste romance temos agora duas edições críticas: uma de Bruno Maier, Pordenone, Studio Tesi, 1987; a outra organizada por Giu-seppe Langella, Milão, Vita e Pensiero, 1995: em que o texto de *Il mio ozio* é inserido no *Vegliardo* "segundo", isto é na composição relativamente definitiva da obra, numa versão com variantes em relação àquela aqui apresentada, que corresponde ao texto que Maier coloca no *Vegliardo* "primeiro".

Il mio ozio é — por vários motivos e também por essas considerações — um texto de extremo interesse. Iniciando com

considerações muito interessantes relativas à noção de tempo, à noção de presente, aos vários tempos que o compõem e aos acontecimentos que o fracionam, *Il mio ozio* tem como protagonista Zeno, agora já fora dos negócios, às voltas com problemas farmacêuticos e médicos, tendo que se confrontar com o problema da saúde e o da reprodução: convencido de poder enganar Mãe natureza, Zeno arranja uma amante. Também *Il mio ozio* — como *La novella del buon vecchio e della bella fanciulla* — é um confronto com a juventude, mas principalmente com as próprias contradições e auto mistificações, consideradas, contudo, no

momento de sua definitiva dissolução, de uma relativa tomada de consciência da realidade e da chegada de uma quase-sabedoria ditada pela experiência, que se traduz em novas dúvidas, vividas agora — porém — serenamente: "É próprio de um homem de grande e longa experiência como eu não saber como se comportar, porque sabe que de uma palavra sua, de uma sua ação, podem resultar as coisas mais imprevistas. Basta ler a história universal para saber como causas e efeitos podem se colocar nas relações mais estranhas".

O fim do relacionamento de Zeno com Felicita resolve-se numa espécie de ato educativo, de aquisição de uma

consciência definitiva da própria posição na "carreira de velho", mas também na irônica prospecção de remédios para exorcizar o próprio fim, entre os quais um necessariamente simulado (mesmo se nem sempre bem simulado) voyeurismo, descrito na parte final do "conto" através de um sketch de grande e incisiva narrativa.

Il mio ozio funciona e tem uma sua autonomia seja como conto seja como capítulo de romance. E esse fato diz muitas coisas sobre certas qualidades narrativas da maturidade de Svevo, do romancista assim como do autor de contos: do romancista que rompia a ordem das sequências temporais da escrita

narrativa para organizá-las ao contrário em outros tantos "contos" onde o presente apresentava a condensação de complexas espessuras do passado; do autor de contos que dava ao conto a espessura de um romance, agindo em sentido contrário à ideia moraviana de um conto "desossado" em relação a um romance dotado de uma ossatura ideológica. Mesmo no conto (principalmente em certos textos mais articulados), Svevo mantém aquela dimensão representativa da realidade "mais complexa, mais dialética, mais poliédrica, mais profunda e mais metafísica" que — segundo Moravia — seria própria do romance mais que do conto. Nesse sentido, o conto de Svevo,

em vez de se aproximar da lírica, beiraria muitas vezes — como, para Moravia, faria ao contrário o romance — "o ensaio ou o tratado filosófico", mesmo se com a leveza, com a ironia, com a capacidade de aprofundamentos psicológicos e com o humorismo, próprios do grande narrador que era Svevo.

Argo e seu dono

I

O médico exilara-me lá em cima. Eu devia permanecer um ano inteiro na alta montanha, movendo-me quando o tempo o permitisse e repousando quando o impusesse. Ideia genial que no entanto não foi útil para mim. O movimento que o

verão permitira fartamente não me havia feito bem, e o repouso imposto pelas primeiras tempestades, e que no começo me pareceu agradável, foi logo excessivo, tedioso, enervante. Depois o tédio levou-me a uma aventura com uma mulher do rústico lugarejo. Acabou mal — como se verá-, e ao tédio associou-se um rancor por todo o lugarejo que deveria servir-me como remédio.

A velha Anna, minha única companhia na casinha protegida por um rochedo, ela sim fazia de fato o tratamento. Às vezes esquecia de arrumar minha cama. Eu a olhava com inveja e não sabia ficar bravo. Quando fingia perder a paciência ela ficava indignada: "Só tenho dois

braços!" gritava, e aqueles dois braços pequenos e roliços só então começavam sua atividade levantando-se ao céu em sinal de protesto.

Eu ia embora tranquilizado ao ver que o repouso — para ela pelo menos — não era afinal de contas uma coisa tão ruim.

No meu quarto eu lia o jornal de cabo a rabo incluindo os anúncios. Interrompia amiúde a tediosa leitura para gastar combustível na estufa de ferro, que eu mantinha sempre vermelha. "Agora será suficiente!" dizia para mim mesmo sentindo que a temperatura era quente o bastante, mas, pouco depois, precisando de movimento, recomeçava a lidar com o carvão, de modo que logo eu era obrigado

(graças aos céus!) a uma nova atividade: a de abrir a janela e, logo depois, fechá-la novamente quando o ar abafado do quarto saía todo a aquecer a montanha, e fora de chofre substituído por tanta umidade fria que me obrigava a uma acelerada atividade em volta da estufa. Realmente genial a ideia daquele médico!

Meu cão de caça, Argo, olhava-me com curiosidade e um certo receio, temendo que minha inquietação tomasse outro rumo. Ele também sabia descansar. Ficava deitado no tapete macio sobre o qual apoiava também o queixo chato, e a única parte inquieta de seu corpo era o olho. Assim, certamente, olham os línguados quando repousam no fundo do

mar. Se eu abria a janela, ele se aproximava da estufa e após ter dado uns giros em volta de si mesmo colocava seu longo corpo na mesma posição, e quando o quarto estava muito quente ele migrava para um cantinho longe da estufa. Quando conseguia encontrar novamente a posição boa emitia um suspiro profundo. Só incomodava quando dormia, porque — embora fosse ainda jovem — roncava como uma velha máquina desmantelada. Acordava bruscamente umas vezes por causa de uns pontapés que eu lhe dava, mas dez minutos depois começava tudo de novo e eu me resignava. Afinal aquele barulho sempre igual não era tão desagradável e, se eu me tornava mau,

isso acontecia por pura inveja.

Argo não era um personagem importante nem entre os cães. Os caçadores diziam que não era de raça muito pura porque seu corpo era comprido demais. Todos reconheciam a beleza de seu olho vivo (ele também grande demais para um cão de caça), de seu focinho de desenho preciso e de sua ampla cerviz. Na caça era impulsivo; algumas vezes era agressivo como aqueles bêbados que agredem só porque levados pelo próprio peso. As pauladas algumas vezes funcionavam, mas mais amiúde aumentavam sua bestialidade e então parecia um touro numa loja de porcelanas. Talvez por esse seu caráter

ele aliviou um pouco a dor de minha desconsolada solidão. Bronco e impulsivo, quando não me fazia ficar bravo, fazia-me rir.

Aquela noite eu voltava pela quarta vez ao jornal. Lá fora soprava um vendaval que fechava um dia inteiro de mau tempo. Uma violência de vento que não podia parar um só instante. Se continuasse assim, no dia seguinte seríamos cortados fora do mundo, e a mim não seria concedida outra distração que fazer amor com a velha Anna. E eu lia, distraído pelo ódio que sentia aumentar dentro de mim contra o médico que me havia mandado aqui para cima. Belo resultado tivera para ele a instrução

universitária! Não poderia ter-se dedicado a algum ofício menos danoso?

Finalmente descobri no meu jornal uma notícia que absorveu toda minha atenção.

Na Alemanha havia um cachorro que sabia falar. Falar como um homem e com um pouco de inteligência a mais, pois se lhe pediam até conselhos. Dizia palavras alemãs difíceis que eu não saberia pronunciar. Podia-se até rir desta notícia, mas não se poderia ignorá-la. Para começar não era uma coisa que o vale contava à montanha — como todas as notícias políticas e sociais — só para prostrar, posto que a montanha nada tinha a ver com o assunto. Era uma notícia que

dizia respeito tanto a mim como às pessoas vivas lá embaixo.

Não sei se eu, impressionado, me mexi, mas, com minha surpresa, Argo levantou a cabeça do tapete e olhou para mim. Teria escutado ele também a notícia que lhe dizia respeito? Também olhei para ele e em meu olho devia haver para ele uma expressão tão nova que, inquieto, levantou-se nas patas anteriores para me estudar melhor. Desviou logo sua parte frontal de meu olho inquisidor, com aquela patifaria que há no olhar do cão, único sinal de que sua sinceridade é menos inteira de quanto se supõe. Virou-se de novo para mim e, batendo ora um olho ora o outro — movimento tão cômico

porque é de se supor que o estúpido animal alterne aquele movimento para não ficar cego nem mesmo por um só instante — tentou sustentar meu olhar. Depois, hipocritamente, olhou atento para um canto do quarto onde não havia nada para se ver. Afinal encontrou uma linha intermediária entre mim e o cantinho, de modo que podia me observar sem me enfrentar.

A notícia do jornal livrara-me de todo o tédio. Evidenciada e confirmada pela pantomima de Argo, não podia mais duvidar dela. A notícia era verdadeira: Argo sabia falar e calava por pura obstinação. Larguei o jornal que não continha mais nada que pudesse me

interessar e me joguei com tudo na educação de Argo.

Tive logo a sensação de dar com a cabeça na parede. O bronco do animal, vendo-se agredido por gestos e sons, juntou todo seu saber e me deu a pata! Uma, duas, vinte vezes! Intuíra que lhe pediam para mostrar o que sabia e dava a pata! E a dava sempre com o mesmo amplo gesto. Devia, para se tornar humano, esquecer o gesto do cão adestrado no qual parara como no limite extremo de sua educação.

Já aquela primeira noite perdi a paciência. Argo foi dormir com o rabo entre as pernas, contudo posso dizer que seu estado era menos lamentável que o

meu. Na cama voltei às imprecações contra o longínquo médico. Devia deixar em paz o pobre cão que não era culpado pelo meu exílio.

Mas não era fácil aceitar tanta inércia como aquela a que eu estava condenado tendo ao lado Argo, que me oferecia a possibilidade de uma atividade realmente sem limites. Antes, para me mexer, eu corria até a estufa e brincava com o fogo; agora, apesar de todo propósito, eu me jogava continuamente ao chão ao lado de Argo. É a única posição em que se pode falar com um cão. O inocente, no começo, quase por um estranho pudor, olhava para outro lado quando via um homem na posição de um cão: depois acostumou-se.

E todo dia eram vinte as lições, eram cem. Choviam pauladas e torrões de açúcar. Quando podia, Argo tentava furtar-se àquela tortura. Mas não consegui ficar sem ele a não ser quando eu dormia. Às vezes o desânimo interrompia as lições. A mesma ira fazia-me em seguida retomá-las: afinal, devia me vingar de tanta imbecilidade.

A mesma desesperada tenacidade eu empregava em educar a mim mesmo para a tarefa ímpar. Espiei o animal para descobrir se devia abordá-lo pelo focinho ou pelo rabo. Recolhi cada som que emitia e aquele som me acompanhava de dia e de noite. A luta foi longa tanto contra o animal quanto contra mim mesmo, mas o

resultado foi um triunfo.

Isto é, devo dizer que foi um fiasco se não esquecer que minha primeira intenção fora ensinar a Argo o italiano. Argo nunca soube dizer uma única palavra italiana. Mas que importa? Tratava-se de nos entender e para isso só havia dois caminhos possíveis: Argo devia aprender minha língua ou eu a dele! Como previsível, das lições que dávamos um ao outro, aprendeu mais o ser mais evoluído. O inverno estava ainda no seu ápice e eu entendia a língua de Argo.

Não é intenção minha ensiná-la aos leitores e me faltam também os sinais gráficos para anotá-la. Do cão, ademais, não é importante sua pobre língua, mas

seu verdadeiro caráter que neste mundo eu percebi primeiro. Falando disso eu me sinto orgulhoso como podiam sê-lo aqueles que primeiro descobriram novas fronteiras da natureza: Volta, Darwin ou Colombo. Argo fez as suas comunicações manso e resignado. Eu as recolhi e as deixei na forma original de solilóquios porque assim ficaram, dado que não me foi possível fazer progressos naquela língua que me permitissem discutir com ele suas comunicações.

Admito talvez aqui e acolá ter entendido mal Argo, mas não muito: posso ter errado alguma palavra, mas com certeza adivinhei corretamente o sentido geral. Infelizmente não posso citar o

testemunho do próprio Argo, porque o pobre animal mal chegou ao verão: morreu de neurastenia aguda. Mas todos que o conheceram o reconhecem nessas suas memórias.

Os detalhes não têm importância e, se tiverem, não há nada que eu possa fazer. Dou o que tenho. A língua do cão é menos completa que a mais pobre língua humana. Quando o forcei a filosofar (certamente Argo é o primeiro filósofo de sua gente) obtive dele esta frase futurista: cheiros três igual vida. Dias inteiros insisti para que ele comentasse a frase e não consegui nada além da repetição. O animal é perfeito, e não aperfeiçoável. Quem o estuda é que deve saber progredir. Anotei

a frase como estava e continuei. Tendo tido em seguida outras comunicações dele, alguma luz se fez e pensei ter entendido. Ele divide a natureza em três classes somente porque para ele o máximo matemático é três; depois cita cinco e pelas suas exemplificações parece ter ainda mais. Eu acredito que esta é a verdadeira, a grande sinceridade filosófica.

É preciso notar o fato curioso que todas as comunicações de Argo se referem à nossa estada na montanha. O vale onde ele havia ficado até poucos meses antes parece totalmente esquecido, pois nunca menciona outras pessoas além de mim, a velha Anna, e alguns outros

homens e cães que conheceu lá em cima. No entanto quando voltamos ao vale demonstrou reconhecer os antigos amigos. Não esquece e nem lembra. Mantém guardado.

Eis as comunicações de Argo. Acrescentei algumas observações entre parênteses das quais talvez sequer havia necessidade.

Existem três cheiros neste mundo: o cheiro do dono, o cheiro dos outros homens, o cheiro de Titi, o cheiro de diversas raças de animais (lebres que às vezes, mas raramente, são grandes e com chifres, e pássaros e gatos) e enfim o cheiro das coisas. O cheiro do dono, dos homens, de Titi e de todos os animais é

vivo e resplandecente, enquanto que o cheiro das coisas é tedioso e preto. As coisas têm às vezes o cheiro dos animais que passaram por cima delas, especialmente se nelas deixaram alguma coisa, caso contrário as coisas são mudas. Nós cães amamos fazer o bem às coisas. O cheiro do dono todos conhecem e não preciso falar dele. Seria uma desgraça se não existisse aquele cheiro nesse mundo. Argo poderia fazer o que quisesse, o que seria ruim. Aquele cheiro tranquiliza, dirige e protege. Titi diz a mesma coisa do cheiro de seu dono, mas eu não acredito nela. E eu sei que também a velha Anna obedece ao meu dono. Também a velha Anna tem um cheiro que

não existe em outro lugar. É agradável porque sempre acompanha o da comida. Quando ela vem para o quintal com a grande tigela cheia de comida eu espero que ela a ponha no chão e faço-lhe festa. Depois, quando chego a colocar o nariz na tigela, aí ela é minha. Ai de quem a tocar! Se a própria Anna se aproximar eu rosno. Desse jeito consegui ter sempre toda a tigela para mim. A vida é assim: é necessário antes implorar para ter as coisas e depois rosnar para conservá-las.

Os homens têm o odor grande e são grandes, mas há animais pequenos com cheiro grande e é o cheiro que não engana. A pequena cadelinha Titi tem o cheiro grande da vida e do amor. Duas Titis

colocadas uma sobre a outra não chegariam à cabeça — se erguida — de Argo. No entanto, assim pequenina, ela é uma coisa muito importante nesse mundo e na vida de Argo. Meu dono, que no mais é parecido comigo, não corre atrás de Titi e eu o deixo ao lado dela sem medo. O cheiro dele me diz isso e não há mais dúvida: o cheiro não mente. Ai se assim não fosse e ele se interessasse por Titi: não seria mais meu dono e sim uma coisa a ser dilacerada. Ai dele!

II

Um dia senti no ar cheiro de caça. O cheiro não diz tudo da presa, mas quando Argo o sente corre pelo desejo ou uiva de medo. Não tem necessidade de ver o animal para se preparar à luta ou ao prazer. Fica pronto na hora. E naquele dia corri levado pelo desejo. Anna gritou para eu parar, mas eu não tenho dúvidas quando a presa me chama, se não estiver o dono para me segurar.

Estranha aquela presa! Entregava seu cheiro somente ao vento. Geralmente todas as coisa estúpidas estão repletas dele porque o animal passando deixa sinais em todo lugar. O cheiro treme, palpita sobre as folhas da relva e exala da terra nua. O dono, quando está, incita, mas

eu sei melhor que ele, que se equilibra em duas pernas só, ao passo que eu tenho três. Afinal sou eu quem descobre a presa, e ele a abate. Agora ela jaz lá. Antes ela sabia segurar uma parte de seu cheiro em seu saco de pele e de pelo; mas agora que o saco está rasgado o animal é sincero. Comunica à terra e ao ar tudo dele mesmo, e em volta dele tudo se anima.

Correndo, aquele dia, sentia estar perseguindo um animal já sincero, coisa que estranhei porque os animais sinceros não sabem mais correr. Na rua moviam-se um homem e um pequeno homenzinho. Passei por eles e perdi o rastro! O vento estava vazio e mudo. Dei meia-volta e só reencontrei o rastro quando cheguei atrás

dos dois homens. Era evidente que o cheiro de caça emanava de um daqueles dois. De fato das costas do maior pendia um bernal e nele, com a cabeça ensanguentada para fora, estava a lebre. Claro, sempre sou eu quem desentoca a lebre e outros a pegam, mas esta eu sequer desentocara e sabia portanto muito bem que não era minha.

Não havia contudo motivo para não usufruir daquilo. Eu me pus a saltitar em volta dos dois homens e o menor deles me acariciou. Junto com o cheiro da presa farejei também o dele, que se tornava cada vez mais amigo e afável, e eu o segui. Tive alguma hesitação, ainda mais que num certo momento pareceu-me ouvir

o assobio do dono. Mas não havia o cheiro dele e eu podia ter-me enganado.

O homenzinho de cheiro mais doce continuava a me acariciar afetuosamente, e aquelas carícias acompanhavam seu cheiro. Aliás as carícias e o cheiro acabaram por ser uma, coisa só. Do mesmo jeito que se fundem o cheiro da comida e da velha Anna. Seguimos caminhando sempre juntos. Eu tinha certeza que, como meu dono não me impedia, devia seguir aquele meu pequeno grande amigo. Descemos, voltamos a subir, atravessamos um bosque e lá descobri um novo odor. Não era o animal que jazia no bernal porque estava suspenso no alto, enquanto que o novo

animal tinha colorido toda a trilha pela qual nós caminhávamos. Pensei: "Que pena que o dono não está!". Mas por que não viera? Desentoquei a presa de uma densa moita e o homem, com um tiro certeiro, a imobilizou e a colocou junto com a outra no bornal. Agora estávamos ainda mais contentes juntos e Argo foi acariciado também pelo maior dos dois. Depois chegamos a uma casa onde também havia uma velha Anna com cheiro de comida que me deram em abundância. Não me deixaram visitar toda a casa, mas me confinaram na cozinha. Mais tarde o homenzinho trouxe-me um pouco de palha e tive uma caminha bastante cômoda. Contudo não me foi possível pegar no

sono. E no escuro, deixado assim sozinho no meio de cheiros totalmente novos, comecei a uivar: eu chamava o dono e também a velha Anna. Minha escapadela a esta altura já terminara. Por que não vinham?

Veio, ao contrário, o maior dos dois homens. Eu me levantei para fazer-lhe festa. Com um tabefe me derrubou sobre a palha e eu entendi que ele queria que eu ficasse quieto. Continuei a me queixar dentro de mim e fiquei sozinho e quieto por longo tempo. Na cozinha já se estava melhor e o cheiro parecia mais agradável. As surras nos acostumam a tudo. Abriu-se mais uma vez a porta e o outro homem, o pequeno, aquele que tinha demonstrado

ser mais meu amigo, veio me ver. Passou os braços pelo meu pescoço e colocou sua boca na minha. Eu aspirei com prazer o cheiro amigo. Depois me deu um pedacinho de carne gostosa. O pedacinho me pareceu pequeno e comecei a fazer festa ao doador para que me desse mais. E, ao fazer festa para forçar o homenzinho à generosidade e aumentar a alegria, comecei a latir. O homenzinho saiu correndo e fechou a porta na minha cara. E então, apesar de ser tão difícil aquietar-se num lugar estranho, adormeci. Sonhei que não tinha mais um dono só mas dois, e se separavam indo em duas direções opostas, de modo que eu não podia pôr em prática meu dever de seguir os dois.

Mais tarde aconteceu a mesma coisa com a presa. Havia tanta presa que o ar gritava. O ar trazia o cheiro de presa na minha frente, e atrás de mim, e dos dois lados, e eu não podia correr e sofria terrivelmente.

De manhã veio o dono. Assim que o escutei, adivinhei ter agido mal. Fui me aproximando dele arrastando a barriga no chão para demonstrar meu arrependimento. Depois me joguei de costas com as pernas para o ar para que soubesse que eu não queria fugir nem me defender. Deu-me umas chibatadas que me fizeram urrar. Depois as sovas acabaram, o que é uma grande alegria. E quando andamos o longo caminho para casa, segui

meu dono feliz por não ter mais nenhuma dúvida. Seria muito ruim ter dois donos. Revi outras vezes o homem e o homenzinho porque viviam por aqueles lados onde mora Titi. Nunca mais os segui porque os cheiros se podem esquecer, mas as chibatadas não.

III

Um cheiro que não se confunde é o de Titi, porque é único no mundo. Único porque sente-se às vezes mesmo quando quem o emana não está, nem nunca passou por lá.

Lembro que uma noite eu estava fechado na cozinha com a velha Anna encolhida perto do fogo. No tédio eu ficava lembrando minhas corridas com o dono ou sozinho. Lembrava os cheiros de presas e homens e ficava ali tranquilo olhando Anna e repousando. De repente lembrei que uma vez que eu perseguia o cheiro de uma lebre (um verdadeiro caminho feito pela presa), topei com Titi que fora atraída pelo mesmo cheiro, porque eu e Titi amamos as mesmas coisas. Seu cheiro naturalmente cobriu com sua força o da lebre, que foi deixada tranquila. Ao lembrar isso não consegui ficar tranquilo naquela cozinha, porque o cheiro de Titi entrara pelas portas e

janelas fechadas. Eu me arremessei contra a porta para alcançar Titi que, na certa, devia estar nas vizinhanças. A velha Anna entendeu outra coisa e me mandou para fora. Ao ar livre o cheiro de Titi estava difuso como na cozinha. Todo o vasto espaço falava dela. Eu farejava as coisas mais estúpidas e lá estava ele; o vento o trazia a mim e eu o enfrentava para aproximar-me do ser amado. Mas desta vez faltava o rastro, porque o odor provinha também da direita e da esquerda. Tanta exalação e nada de Titi.

Titi é um ser bizarro e me faz enlouquecer. Às vezes sinto que ela é também uma presa, mas a única que não quero sincera. Que conserve intacto seu

saco de pele e de pelos tão doce de lambar. Não abocanho nem abano o rabo, mas sinto que quero fazer as duas coisas ao mesmo tempo, ou uma terceira coisa que não sei bem o que é. Ela até agora me evita, mas não lembro ter-lhe feito mal alguma vez. Parece que ri quando me deixa sozinho com a língua de fora.

Um dia eu seguia o dono em seu lento passeio quando topei com Titi: foi uma alegria grande e quando acontece assim inesperada é difícil acreditar. Fui me achegando para me certificar de que não se tratava de simulação. Era mesmo ela. A verdadeira fonte da exalação que me inebria. O dono tinha parado para falar com uma senhora (Argo diz que eu

farejava aquela senhora, mas não é verdade e corrijo sem hesitação. Tratava-se inclusive de uma mulher muito velha). Eu logo perdi a cabeça porque Titi parecia mais mansa e dócil que de costume. Pensei: "Nunca ficarei sem você". Agarrei-a com força, mas logo fui acertado por uma chibatada que me fez ganir. Não larguei logo o meu amor, aliás aumentei o aperto sabendo que Titi quer a luta; virei porém o focinho para ver o inimigo. Parecia ser o dono. Fiquei em dúvida mas não havia o cheiro dele. Juro que naquele instante não havia outro cheiro que o de Titi: e arreganhei os dentes sem hesitação nem resguardo, como se deve fazer num grande perigo.

Choveram chibatadas que acabaram por me derrubar junto com Titi. Mesmo no chão eu segurava minha presa; mas ela certamente recebeu uma parte dos golpes destinados a mim e, livrando-se do meu abraço, fugiu com o rabo entre as pernas. Eu uivava e gania. Pelo espasmo do amor e da dor não podia levantar-me. Acabei por reencontrar o cheiro do dono. Estava ali inteiro agora e eu não entendia onde o tinha guardado até então. Deitei-me mansamente a seus pés e deixei que continuasse a me bater como ele devia acreditar que eu merecesse. Mas se ele não se interessa por Titi, por que impede a mim? Chegará o momento em que ele não estará presente e então não se

importará, como nunca se importa quando não está.

IV

Somente Argo sofre. No mundo inteiro que é belo e reluzente não há outro sofrimento. Os cheiros não sofrem e os animais sempre têm o mesmo cheiro, sejam eles sinceros ou cobertos, por isso não sofrem. Quando são sinceros seu cheiro se torna intenso... Como é diferente Argo, ao contrário, a cada dia!

Quando me colocam a corrente eu morro de tédio. O vento quebra-se no

muro do quintal e eu sinto cheiros indistintos que gritam todos juntos e fazem um barulho que me deixa louco. Oh! Se eu pudesse pelo menos chegar no lugar lá no muro onde os odores ainda estão divididos! Argo precisa saber. Não é um gato a quem basta esconder-se. Para quebrar o tédio farejo a corrente e a casinha e capto somente aquilo que infelizmente já sabia, isto é, que naquela corrente e naquela casinha eu já estive. E então choro ainda mais: pelo passado e pelo presente. Não é um cheiro que eu comunico às coisas, contudo é evidente. Elas dizem: você está aqui de novo e sempre você? Eu na corrente uivo. Grito aos homens que me deem a liberdade e

aos odores que desçam até mim. Os homens e os odores, que não conhecem a dor, não me dão ouvidos.

A corrente e a focinheira são somente para Argo. A focinheira é um pedaço de presa que não é nem coberta nem sincera. Eu não sei o que é. Certamente é uma muralha colocada entre mim e o mundo, uma neblina que cobre e torna menos clara a vida. É verdade que perto da nossa casa tem um cão que fica o dia inteiro na corrente. Mas não sofre por causa disso! Animal estranho, aquele! Não sei o nome dele e acho que nem tem nome algum. Para que lhe serviria um nome, se com certeza ninguém pensaria em chamá-lo, posto que não poderia

atender? Dorme grande parte do dia. Quando está acordado afasta-se do seu canto o tanto que a corrente lhe permite e fica feliz por estar sentado nas patas de trás observando todas as coisas que não têm corrente.

Fica bravo somente quando, entre as coisas que estão sem corrente, vê a mim. Não creio que me queira mal. O coitadinho não conhece coisa melhor e acredita que a corrente é uma necessidade para todos os cães. Acredita ser uma lei. Normalmente passo a seu lado sem olhar; mas um dia que eu estava com o dono ele começou a gritar e eu temi que o dono escutasse seu conselho de me pôr na corrente. Arremessei-me contra ele e,

para que calasse, mordi seu pescoço. Fiquei com a boca cheia só de pelos, de modo que ele pôde desvencilhar-se e derrubar-me. Por sorte consegui dar um pulo tal que ele, retido pela corrente, não conseguiu mais me alcançar. Então, de longe, gritei-lhe ameaças e maldições enquanto ele respondia todo seu ódio por mim, que estava livre. Agora, toda vez que passo perto daquele animal, para fazer-lhe sentir a desvantagem da corrente, o provoco com a devida distância. Ele chega a perder a voz pela ira. Eu não me aproximo muito. Para quê? Pode-se deixá-lo dono daquele pedaço de terra. Ademais ele é muito forte e tem o pescoço protegido por muitos pelos. Não

entendo como pôde derrubar-me com tanta facilidade. A corrente deve ajudá-lo.

E Argo tem também outras dores que o resto do mundo não sabe e não sente. Quando vê o dono acariciar outro cão, ele quer bem ao dono mais que de costume, mas um bem feito de dor. Por que acaricia outrem? Não tem a mim? Será que ele faz isso para que Argo seja mais bonzinho e de fato, se naquele instante ele quisesse algo de mim, eu obedeceria mais prontamente que de costume. Mas ele não quer saber de mim e acaricia o outro. O ódio para com esse outro é ele também feito de dor. Não é permitido agarrá-lo porque o dono está presente e além disso tenho medo de demonstrar minha ira pois

ele poderia ficar feliz com isso. Enfio-me entre aquele intruso e o meu dono para dividi-los, porque se estão divididos não sofro mais e caminho entre eles como por acaso. O dono me enxota mas eu obstinadamente continuo a invadir aquele pequeno pedaço de chão e abano o rabo dissimulando uma alegria que estou longe de sentir. Porque esta é a dor: eu gostaria de uivar para aliviar minha alma, mas então não haveria mais a esperança de afastar do meu dono aquele bicho metido. É preciso esconder a dor e tentar ser agradável. Depois quando o outro finalmente foi embora, volto a encontrar inteiro meu dono e seu cheiro. O outro nada levou. E eu digo a mim mesmo:

então foi estúpido sofrer! Mas na próxima ocasião acontece exatamente a mesma coisa, porque Argo nasceu para sofrer.

Porém é igualmente verdade que Argo é o único que sabe realmente gozar a vida e rir. Quando saio com o dono, especialmente se naquele instante me tiram da corrente, meu corpo fica uma alegria só Sei que quando o dono quer rir fecha um pouco os olhos e abre a boca. Mas a alegria em mim é outra coisa. Joga-me pra cá, joga-me pra lá, e sem esforço dou pulos enormes. Às vezes nem a chibatada mais dolorosa consegue parar a alegria da liberdade em companhia do meu dono. Quando estou sozinho a alegria é igual mas pulo menos. Meus pulos são

para o dono, para que ele fique feliz comigo e entenda que não é para me deixar trancado.

Como é linda a rua tão povoada! Esta pedra teve a visita de Titi e no seu cheiro a vejo e a abraço. Olho o dono para ver se entendeu. Deve ignorar aquele cheiro porque não bate em mim. Depois esqueço Titi porque sei que em companhia do dono não tem graça. Uma presa deixou um rastro ao longo da estrada. O dono olha para mim e depois me chama de volta porque está sem fuzil. Quantos cachorros atravessaram o caminho hoje! Três! Ao pé daquele tronco tem uma saudação de um deles. Onde estará você agora, amigo desconhecido?

Mas meu dono anda no meio do caminho sem desviar um passo para espiar os cheiros. Ele tem os sentidos mais poderosos que os de Argo e não precisa aproximar-se para usufruir deles.

Não longe de nossa casa há um grande e profundo penhasco e eu gosto de ficar descansando lá perto. Um dia vi que um homem, do outro lado que é o mais íngreme, foi descendo, descendo, cada vez mais rápido. Não caminhava com as pernas. Parou num arbusto. Não gritou porque senão eu gritaria junto com ele; mas ficou lá hesitante. Depois arrancou o arbusto que tinha segurado e desapareceu no fundo. Escutei claramente o agitar-se de arbustos e folhas à sua passagem. Quis

segui-lo para ver o que ele fazia naquele lugar que sempre achei meu. Mas chamaram por mim e não pensei mais naquilo.

Mas no dia seguinte senti que o homem lá em baixo fedia como um monte de animais mortos. Na certa jazia em seu sangue. O dono que, com certeza, farejava como eu, não ligou. Depois de alguns dias o cheiro gritava e me alcançava até mesmo na corrente, de modo que ela se tornou ainda mais insuportável que de costume e, quando Anna me libertou, eu, decidido, quis satisfazer minha curiosidade. Nem me importei com a comida já pronta e corri ao penhasco. Anna gritava e acho que o dono também

assobiava, mas não tenho certeza disto. Desci o penhasco e enquanto saltava de pedra em pedra sentia de modo cada vez mais claro o homem e seu sangue. Finalmente aqui está ele com a cabeça aberta. Pus-me a latir de prazer, mas então escutei claro e imperioso o assobio do dono. Não havia dúvidas e eu devia obedecer. Mas com quanta pena depois de tantos esforços! Queria voltar a subir quando vi, sujo de sangue, o boné do homem. Peguei-o na boca e assim o longo caminho para subir foi mais fácil porque o cheiro era meu. O dono parecia impaciente mas não bateu em mim. Pegou o boné na mão para cheirá-lo melhor e eu pensei que estava analisando o cheiro

para saber o que eu fizera e se merecia apanhar. Mas eu não podia impedir aquele homem de entrar num lugar nosso e o dono entendeu isso. De fato não bateu em mim! Não quis me dar o boné que segurou como sendo dele, quase como uma presa.

No dia seguinte consegui novamente escapar da velha Anna e voltei ao penhasco. Havia algo novo! O cheiro estava espalhado pelo caminho por onde eu tinha descido o dia anterior; e isso eu já descobri na estrada principal onde havia até uma gota de sangue. Com certeza aquele homem fugira! De fato no fundo do penhasco não estava mais o homem, mas somente seu sangue que não havia podido levar com ele. E eu voltei a subir no

rastro daquele cheiro e estava tão entretido no meu trabalho que não escutei o assobio do dono. Na estrada não sabia se o cheiro virava à direita ou à esquerda e fiquei perplexo. Mas no alto encontrei-me improvisadamente diante do dono. Não bateu em mim! Pelo contrário, fechou os olhos e abriu a boca. E eu de tanta felicidade esqueci o homem e o boné e pulei latindo em volta do dono que me acariciou. Assim aprendi que certos animais mesmo depois de mortos podem ainda fugir.

Como é variado o ar! Em cima daquele rochedo deve haver um grande pássaro morto, dilacerado por uma bala. Não entendo por que ele foi espalhar seu cheiro lá em cima! Eu queria chegar até ele, mas me chamaram de volta. Os homens que sentem de longe não sabem que eu preciso me aproximar dos objetos para entendê-los melhor.

O dono, um dia, feriu um pássaro bem pequenino e eu o levei para ele. Palpitava ainda brincalhão em minha boca, mas era tão minúsculo que parecia um montinho de plumas animado. O dono pegou-o na mão e o jogou fora. Depois caiu a neve e por vários dias não saímos. Quando novamente passamos por lá eu tirei da

neve o passarinho, que chamara por mim com seu cheiro delicioso debaixo do denso manto de neve que o cobria. Mas o dono não queria que aquele cheiro fosse tirado de lá e me bateu até eu abrir a boca e deixar a presa.

Quando o dono não estava, e portanto não se importava, eu voltava àquele passarinho. Agora era só plumas e penas e a cabecinha redondinha estava sem olhos e reclinada de lado no repouso. Cheirava como quando vivo mas muito mais forte! Na certa sua vida é agora mais forte e ele se recolhe no repouso para formar um pássaro maior. Não será mais o passarinho de voo tão tênue que pôde ser interrompido por uma balinha de chumbo

desviada por um galho de árvore. Será um pássaro enorme e um dia levantará voo levando para o ar sua dor viva. E para abatê-lo não bastará mais um balinha de chumbo, mas será preciso atingi-lo no coração do jeito que meu dono sabe. E descerá com as asas dobradas e a cabeça reclinada debaixo do corpo, para buscar novo repouso e nova vida.

VI

O homem é um animal muito mais simples que o cão, porque sente mais e com mais facilidade. Quando encontra

outro homem toca-lhe a mão e parece não se importar com o que está por detrás daquela mão. Argo, ao contrário, quando encontra outro cão aproxima prudentemente a parte com dentes do próprio corpo àquela sem dentes do outro e cheira. Fica atento e logo ameaça. Depois o outro, se for boa gente, deve demonstrar sua confiança e entregar o dorso a Argo para que o examine inteiro. E enfim Argo acha justo submeter-se à mesma operação ele também. A dificuldade surge quando nenhum dos dois quer ser o primeiro a entregar-se indefeso ao exame e aí acaba um agarrando o outro. Às vezes até mesmo um exame que começou com benevolência recíproca

pode acabar mal. E então é difícil dizer por que a luta começou. Trata-se de um cheiro inimigo que atinge de improviso o nariz e transtorna a mente para o ódio. "Encontrei você finalmente?" a gente se pergunta agredindo com volúpia. Vem a dúvida de que não se trata realmente dele, mas é bem aquele cheiro: inimigo e desagradável. E quando existe o cheiro, o erro não é possível, ou pelo menos precisaria muito tempo para se certificar, e não é prudente esperar ser agredido.

O cheiro fala claro: impele a agredir ou faz também prever a agressão iminente, o que é a mesma coisa. Quando, depois, começa-se a dar dentadas, as dúvidas desaparecem. Talvez as feridas sejam

úteis à clareza. O sangue que jorra grita suas intenções.

Um dia derrubei um cão e o teria estrangulado se o dono não tivesse interferido. Encontrei novamente aquele cão um dia em que o dono não estava e o teria assaltado de bom gosto. Mas ele se jogou ao chão com as patas para o ar, e eu o poupei sentindo que seu cheiro mudara, o que demonstra que uma boa lição também serve para os cheiros. Desde então, quando o encontro, ele se deixa mansamente examinar por mim e sempre acho seu cheiro bom e amigo. Mas eu não o deixo mais me cheirar. Não há motivo e seria perigoso, porque sei que meu cheiro não mudou.

O cão pastor que passa todo dia por aqui ficou bravo comigo, derrubou-me e teria enfiado seus dentes no meu pescoço se ambos os donos não tivessem interferido. Eu me levantei todo pisado e gritei todo o fôlego que tinha no corpo pela injustiça que tinha sido feita contra mim. Pensei também que encontraria a oportunidade de me vingar porque eu não temia aquele cão e certamente ainda poderia me defender: algumas vezes é uma boa astúcia de guerra deixar-se derrubar e estar por baixo, de onde a mordida é mais eficaz. Mas quando outra vez o vi a meu lado pensei que não havia motivo para lutar. O cheiro poderoso que emanava dele parecia mais desejo de

proteção que de luta. É evidente que é preciso obedecer aos cheiros e me joguei de costas com as patas para o ar, sabendo que ele não encontraria em mim nenhuma malícia. De fato deixou-me em paz, mas não permitiu que eu o examinasse. Afinal, para quê? Eu já pudera acertar-me que nele não havia maldade.

VII

Tivemos uma visita: um cão perdido! Contou-me que muitas vezes não comia, mas que cada dia corria totalmente livre por onde fosse. Deve ser lindo seguir

sempre adiante, atrás dos cheiros; mas eu não consigo imaginar o mundo sem meu dono e para seguir sempre adiante seria necessário abandoná-lo, pois os homens ficam muito parados e esperam os cheiros chegarem até eles.

Simpático companheiro aquele cão branco, pequeno, de pelo crespo. É verdade que enquanto estava lá eu o teria mordido porque se deixava acariciar pelo dono. Mas quando foi embora fiquei muito sozinho e o desejo de tê-lo novamente era tanto que, se voltasse, não o impediria mais de me roubar umas carícias. Parecia feito para brincar. Deixava-se derrubar sem resistir porque tinha descoberto que era menos trabalhoso e às vezes

derrubava-se mesmo sozinho, tropeçando nos muitos obstáculos que temos em casa. Ele não estava acostumado aos obstáculos porque nossa casa é menos simples do que o bosque.

Outra coisa a que ele não estava acostumado era se segurar para não espalhar certos cheiros pela casa. Recebeu cada chibatada! E o bobalhão não conseguia entender do que se tratava! Depois de ter apanhado porque escolhera como lugar de suas necessidades um cantinho da sala, a vez seguinte acomodou-se bem no centro. Foi pior! Depois disso nem ao ar livre ousava mais, quando o dono o via. "Como faz você?" perguntou-me muito preocupado. "Se

continuar desse jeito, por mais que eu goste de ficar com vocês, terei que fugir porque para mim é uma coisa muito imperiosa". Expliquei a ele que o dono não queria aquilo em sua toca, mas que fora até gostava. Não quis acreditar em mim. Um dia aconteceu que teve que se acomodar ao ar livre na presença do dono. Não pôde segurar. Quando teve que ceder à necessidade, ao acomodar-se espichou o pescoço para ficar de olho no dono e estar pronto à fuga, o que representa um esforço difícil quando se está pregado num lugar.

Depois, tendo-se certificado quanto à lei, pediu-me umas explicações e o

curioso é que eu não soube dar. Certo era que na toca não se devia (e Argo nunca o faria) e fora era permitido. Depois — pouco antes de partir — meu amigo, que amiúde pensava naquilo, adivinhou: na toca os odores não eram necessários, porque no espaço restrito é bem fácil orientar-se e achar sem a ajuda deles. Os odores só eram úteis ao ar livre e meu dono cuidava para que não fossem desperdiçados.

VIII

A grande diferença entre o homem e o

ção é que o primeiro não sabe o prazer das surras quando cessam. Um dia caminhávamos pelo nosso caminho quando uma mulher que até então acompanhara meu dono começou a bater nele com a sombrinha. Eu arregacei os dentes e queria agarrá-la. Mas o dono impediu-me e, segurando-me pela coleira, começou a correr. A mulher não conseguiu nos alcançar e eu comecei a saltitar em volta do dono para me associar à sua alegria. Mas ele me bateu violentamente com o chicote. Depois parou, e eu achei que chegara o momento de festejar o cessar das chibatadas para nós dois. Recebi ao contrário novas chibatadas e por isso acredito que os homens, depois

de apanharem, querem ficar quietos.

Entre o cão e o homem há outra grande diferença. O homem muda de humor a cada instante como uma lebre esperta muda de direção. Mas é preciso bem mais para fazer um cão mudar de humor. Às vezes Argo está feliz e quer bem a todos. Corta o ar com o rabo porque nele não há suspeita alguma e sabe que não há ninguém que queira pegá-lo por aquele lado indefeso. Depois é tomado por uma dúvida: talvez alguém não goste dele. Mas a dúvida é domada pelo seu rabo que grita ao vento: "Tudo vai bem e são todos amigos". É difícil segurá-lo se não se apresentar a necessidade de enfiá-lo entre as pernas. Mas o homem é um animal

infeliz porque não tem rabo.

Um dia eu e o dono, depois do almoço, estávamos quietos na nossa cova quando Anna veio avisar que havia visitas. O dono gritou, não sei se de prazer ou desgosto. Soube-o ou acreditei sabê-lo logo. Na dúvida comecei a abanar o rabo em volta dele e ele me deu um pontapé. Isto pareceu-me bem razoável porque só assim eu podia saber qual era o humor dele, e fiquei de lado.

Fomos até o jardim ao encontro dos visitantes e eu segui o dono à devida distância. Se eu pudesse, avisaria também os visitantes, que eram um homem e uma mulher.

Com minha surpresa vejo meu dono

correr ao encontro deles, curvar-se e também abrir a boca e fechar um pouco os olhos como costuma fazer quando está contente, pois não tem rabo. Evidentemente seu humor mudara completamente, no entanto eu podia jurar que nada de novo lhe havia acontecido. Não havia razão de não festejar uma mudança tão favorável e me arremessei para tomar parte na festa e lembrar ao dono que, por ter-me dado um pontapé, agora eu precisava de carícias. Mas deu-me outro pontapé ainda mais violento que o primeiro e minha surpresa foi igual à dor.

Segui-o à distância e não podia acreditar na minha desgraça, porque ele já

recomeçara a abrir a boca e fechar um pouco os olhos falando com os visitantes. Quem não tivesse recebido aquele pontapé, que era contudo impossível esquecer, poderia acreditar que meu dono estava em plena alegria e bondade. E o segui de longe durante longo tempo, incapaz de acreditar na minha desgraça. E o via rir e sorrir e curvar-se e cada vez mais me convencia que só podia ser um infeliz mal entendido. Eu não sei viver de mal com meu dono, e, depois de alguma hesitação, apoiei timidamente minhas patas nele tentando me aproximar da parte mais alegre de seu corpo, a cara. Com um murro violento me derrubou e logo em seguida continuou a abanar o rabo para os

outros. Fiquei arrasado. Ele mudava de humor no momento exato em que eu chegava.

Quando os dois visitantes foram embora, acompanhei o dono a uma razoável distância até a porta, e quando a vi fechar-se atrás daqueles chatos, não consegui me segurar e rosnei. Aquela visita custara-me caro e eu odiava aquela gente. O dono logo se aproximou de mim e eu, temendo que ele quisesse punir-me por aquela ameaça a seus amigos, me joguei com a barriga no chão para evitar cair se ele me batesse. E ao contrário foram carícias e carícias. Ninguém acreditará que esta história é verdadeira, no entanto eu a conto exatamente do jeito

que me aconteceu.

Prenderam-me à corrente. Desconfio que tinham algo muito bom para comer e não queriam dar um pouco para o pobre Argo. Anna foi embora sem olhar para mim, ao passo que eu a segui com o olhar até ela desaparecer para dentro da casa, com a esperança de que se arrependesse de sua malvadeza. Lati um pouco procurando comover ou incomodar; mas ninguém se importou com meus queixumes.

Depois tive uma surpresa agradável e esqueci meu sofrimento. Eu não estava sozinho na corrente. Talvez a própria boa Anna, para aliviar minha situação, antes de ir embora deixara a meu lado um velho

sapato. Um sapato cheiroso. O homem que o usara devia ter caminhado muito. Num cantinho do sapato havia um pequeno prego que cheirava a sangue retido. E eu não parava nunca de remexer naquele sapato. Pouco a pouco entendo que se o objeto não é vivo grita, e dele ressoa a vida. Vida inimiga ou amiga? Parece inimiga. Quando entram em casa pessoas com sapatos muito cheirosos eu as enxoto porque são muito diferentes dos cheiros a que estou acostumado. Fico tomado de ira e começo a dilacerar o sapato que resiste. Resiste como se fosse vivo. Não é fácil destruir as fibras. Mas eis que consigo enfiar o nariz em lugares antes inacessíveis e logo predomina um outro

cheiro. Mais velho, mas não menos claro. Faço as pazes com o sapato porque o novo cheiro não é inimigo e paro de dilacerá-lo. Brinco com ele e lhe dou uns golpezinhos que o fazem pular bem contente. É claro que dilacerar um sapato assim é como correr livre pelos campos. Uma paisagem alterna-se a outra e não há lugar para o tédio.

Num certo momento o sapato recebeu um golpe muito forte e foi cair fora do espaço restrito que a corrente me permite alcançar. Está perdido para mim e eu volto a entrar na dor da escravidão. Oh! Quando virão me pegar de novo? O sapato voltou a cheirar como inimigo, agora que está livre.

Quando depois de muitas horas a velha Anna veio finalmente libertar-me eu não tive mais vontade de ficar parado no sapato. Abundantes odores chegavam de todo lado e me chamavam imperiosamente. Vai ver que, para apreciar certas coisas, é preciso a corrente. Dei uma leve farejada no sapato e saí correndo.

Infelizmente não pensei em levá-lo de volta ao lugar acessível quando estou preso na corrente. Lamentei isso no dia seguinte somente quando me encontrei de novo solitário na corrente. E quando fui libertado fiz de novo o mesmo erro, do qual me apercebi somente quando voltei à corrente. Mas pensar na corrente quando

se é livre seria como diminuir a grande alegria da liberdade.

IX

O dono lê e eu estou perto da estufa. Esta toca é deliciosa. Com o calor, a estufa enche-se de odores. O dono deve preferir aquela grande poltrona pelo cheiro que emana. Sobre aquela poltrona muito tempo atrás um homem deve ter-se tornado sincero. Seu sangue cobriu o pano e escorreu ao chão por uma daquelas pernas de madeira. Mas a poltrona encontrava-se então naquele cantinho

onde o chão cheira. De dia, mesmo com as janelas abertas, sente-se o cheiro que murmura debilmente. De noite, com o calor da estufa, ele grita: "Procurem-me!". E eu procuro. Mas o corpo do homem não deve estar aqui nas vizinhanças. E o procuro em vão, aquele amigo meu de todas as noites. Infelizmente o levaram para longe.

O assassinato de via Belpoggio

I

Então matar era tão fácil assim? Parou por um só instante em sua corrida e olhou para trás: na longa rua iluminada por poucos lampiões viu estirado ao chão o corpo daquele Antonio de quem sequer sabia o sobrenome, e o viu com uma

exatidão de que logo se admirou. Naquele breve instante pudera quase perceber a fisionomia dele, aquele rosto magro de sofredor e a posição do corpo, uma posição natural mas não costumeira. Via-o de esguelha, lá na subida, a cabeça reclinada sobre um ombro porque batera de mau jeito no muro. Em toda a figura, somente as pontas dos pés retas e que se projetavam longas no chão, na escassa luz dos longínquos lampiões, estavam como se o corpo a que pertenciam tivesse se deitado por vontade própria: todas as outras partes eram de fato de um morto, aliás de um assassinado.

Escolheu as ruas mais diretas: conhecia-as todas e evitava as ruelas

pelas quais não se afastava tão rapidamente.

Era uma fuga exagerada como se tivesse os guardas no encalço. Quase derrubou uma mulher e seguiu adiante, sem ligar para as imprecações que ela lhe gritava atrás.

Parou no Piazzale di San Giusto. Sentia o sangue correr-lhe vertiginosamente nas veias, mas não estava ofegante e não era portanto a corrida que o havia cansado. Talvez o vinho de pouco antes? Não fora o assassinato, com certeza; aquilo não o cansara nem assustara.

Antonio rogara-lhe que segurasse por um momento aquele pacote com notas de

dinheiro. Pouco depois, quando Antonio pediu a restituição, num repente passou-lhe pela cabeça que pouca coisa o separava da propriedade absoluta daquele pacote: a vida de Antonio! Nem bem concebera a ideia e já a havia executado, e ficava admirado de que aquela ideia que não era ainda uma resolução lhe tivesse dado a energia para aplicar aquele golpe formidável, de tamanha força que lhe doíam os músculos do braço.

Antes de deixar a praça rasgou o envelope que continha as notas, jogou-o e distribuiu desordenadamente seu conteúdo pelos bolsos; depois encaminhou-se com passo que quis ser calmo mas que, por mais que tentasse freá-lo, logo voltou a

ser rápido, pois era difícil moderá-lo no plano, após ter feito a subida correndo. Acabou ficando tão ofegante que precisou parar, bem debaixo do castelo, com a sentinela que olhava a cidade onde acabava de ser cometido o grande delito.

Na escadaria que conduzia à Piazza delle Legna foi mais fácil moderar o passo, mas somente cuidando de colocar sempre os dois pés no mesmo degrau antes de descer o próximo. Queria refletir, mas conseguiu apenas tomar a atitude de quem reflete. Logo disse para si mesmo que não havia necessidade disso, pois cada movimento seu agora era ditado pela necessidade! Acelerou de novo o passo. Sem demora chegaria à estação

ferroviária e tentaria partir para Udine; de lá seria fácil passar para a Suíça.

Naquele momento estava totalmente lúcido. Desfizera-se a leve neblina produzida em seu cérebro pelo jantar que o pobre Antonio pagara. O vinho, oferecido pela própria vítima, não fora a causa do delito, mas facilitara a execução.

Sem aquela neblina na cabeça não teria conseguido esquecer que, cometido o delito, era preciso fazer muita coisa antes de poder colher seus frutos, e com seu caráter pouco enérgico, desanimado, sempre buscava um jeito e outro, e acabaria por agir somente quando se sentisse seguro, e portanto nunca.

Onde se podia matar com segurança? E se existisse o lugar, teria podido arrastar Antonio para lá? Deu-lhe vontade de rir; aquele Antonio era tão imbecil que teria sido fácil fazê-lo ir expressamente a um matadouro mais longe.

Agora caminhava franco e calmo pela rua, mas sabia muito bem que sua tranquilidade vinha do fato de saber que nenhuma das pessoas que encontrava pela rua podia ainda ter conhecimento do delito por ele cometido. Para elas ele era ainda um homem absolutamente honesto e as olhava franco na cara, quase como para desfrutar pela última vez o direito que estava prestes a perder.

Mas na estação tomou-o novamente a

agitação de pouco antes. Lá ele devia dar o passo que iria ter tanta importância no seu destino. Se o deixassem partir estava salvo. Que calma lhe daria o sentir-se arrastar para longe com a rapidez vertiginosa do trem! Porque, com um sentido que nunca soubera ter, sentia avançar, da outra extremidade da cidade, a notícia do homicídio e a perseguição, e sabia que se não fugisse logo o alcançariam.

O trem partiria à uma da manhã e faltava cerca de meia hora. Ele não queria entrar no saguão vazio muito tempo antes da partida, mas não conseguiu permanecer por muito tempo, sozinho, na escuridão, e não por temor, mas por impaciência.

Olhara longamente o relógio da estação vigiando nele o avançar do tempo, depois olhara o céu estrelado e sem nuvens.

Que mais podia fazer? "Se tivesse alguém com quem falar!" pensou, e esteve a ponto de travar conversa com um cocheiro que dormitava no assento de seu coche. Mas segurou-se porque corria o perigo de falar-lhe de seu delito e, à exceção do grande medo do julgamento dos seus similares, com sua própria surpresa não sentia nem um pouco de remorso, mas, ao contrário, uma espécie de orgulho pela férrea resolução tomada improvisadamente e pela execução ousada e segura.

Entrou no saguão. Queria ver as caras

dos presentes, achando que poderia por meio delas compreender o destino que o esperava.

No banco ao lado da porta estavam sentadas duas mulheres do Friuli perto de seus cestos, meio adormecidas. No fundo alguns aduaneiros manejavam pacotes a serem despachados e à esquerda, na cervejaria, havia um só homem gordo que fumava sentado diante de um copo de cerveja pela metade.

Ficou novamente admirado pela agudeza de sua vista e nunca se sentira tão forte e elástico, pronto a lutar ou a fugir. Parecia que seu organismo, advertido do perigo que corria, recolhera todas as forças para colocá-las à sua disposição

naquela ocasião.

Seu passo ressoava forte no local vazio e provocava um eco confuso. As duas friulanas levantaram a cabeça e o olharam.

Ele bateu na janelinha da bilheteria para chamar o empregado e com muito esforço conseguiu esperar sem mexer-se os vários minutos que o outro demorou para atender.

"Um bilhete para Udine!" "Que classe?" Não pensara naquilo. "Terceira". Não a escolhia por economia, mas por prudência; era preciso viajar em conformidade com a roupa bem surrada.

"Ida e volta", acrescentou rapidamente, surpreendido pela boa ideia

que tivera.

Para pagar tirou um pacote de notas, mas as colocou logo de volta no bolso; havia algumas de mil florins. Encontrou um pacote pequeno com notas de dez florins e pagou.

Pareceu-lhe que metade da operação estava realizada, agora que tinha o bilhete no bolso. Aliás, mais que a metade, pois não precisava falar mais com ninguém. Bastava-lhe sentar tranquilamente no seu vagão com aquelas friulanas e o resto seria por conta da locomotiva.

Era preciso ocupar de algum jeito o tempo que faltava para partir. Colocou as mãos em todos os bolsos e apalpou as notas de dinheiro. Eram macias, como se

quisessem simbolizar a vida que poderiam dar.

Assim com as mãos no bolso apoiou-se a um pilar da porta, o ponto mais escuro do saguão de onde podia observar todo o ambiente sem ser visto. Mesmo sentindo-se perfeitamente seguro não queria deixar de tomar nenhuma precaução.

Não sentia uma grande alegria ao contato do dinheiro, e repetia a si mesmo que era porque não se sentia ainda realmente dono dele. Além dessa dúvida, a ideia de seu delito não deixava nele lugar a outros sentimentos. Não era preocupação nem remorso, mas aquela impressão no braço direito com o qual

desfechara o golpe parecia-lhe ter-se espalhado a todo seu organismo. O ato tão rápido e fulminante deixara rastros no corpo que o havia praticado. Seu pensamento não conseguia se separar disso.

"Dê-me meu dinheiro", dissera Antonio parando de repente. Tendo já tomado a decisão de não devolver o pacote, ele achou que Antonio já suspeitara algo, e então fez um gesto destinado a destruir nele a suspeita. Estendeu a mão esquerda para dar-lhe o pacote sabendo muito bem que estavam numa distância tal que suas mãos não se alcançavam. Antonio se aproximou depressa demais, e em parte a violência

do golpe que recebeu derivou do seu movimento em direção ao ferro. Dobrava-se já e ainda não entendera o que lhe acontecia. Levou as mãos à ferida e as retirou molhadas de sangue. Soltou um grito e caiu ao chão onde logo se enrijeceu. Estranho! Naquele grito, a voz de Antonio tornara-se séria e solene; não era mais a voz que até então balbuciara as palavras do imbecil e do bêbado: "Acontecia de fato uma coisa muito séria ao pobre Antonio" pensou Giorgio seriamente.

De súbito foi arrancado de seus sonhos. Com passo rápido entrara um guarda e fora diretamente à bilheteria. Giorgio sentiu o sangue gelar em suas

veias. Estavam já à sua procura? Ficou parado vencendo o movimento instintivo de correr para a rua, mas depois, observando a vivacidade com que o guarda falava com o empregado, pareceu-lhe adivinhar que ele viera prontamente para dar a ordem de não deixá-lo partir e saiu do saguão sem fazer barulho, de modo que nem a duas friulanas bem pertinho da porta perceberam sua saída.

Na escuridão da praça sentiu tanta calma que duvidou que sua fuga fosse justificada, mas não a ponto de voltar para o saguão. Resolveu ficar algum tempo naquele lugar com a esperança de que o destino lhe desse alguma outra indicação para poder se orientar. Nem isso de ficar

ali parado era resolução de pouca conta ou de fácil execução, porque só se sentiria calmo se obedecesse a seu instinto e corresse feito louco longe daquele lugar. Só o fato de ver alguém que talvez tivesse a ordem de prisão fora suficiente para tirar dele toda a audácia de que pouco antes se vangloriava. Buscou uma posição natural para não dar muito na vista e sentou numa escadaria. Não se sentia à vontade assim, mas sabia que aquela era uma posição natural porque poucos dias antes, após ter comido abundantemente uma vez em quarenta e oito horas, sentara nos degraus de uma igreja e pudera observar que os que passavam não o viam.

Partir? Bancar o audacioso e partir às cegas, sem se preocupar em saber se seria preso no momento mesmo de partir ou na estação seguinte? Mais do que esta dúvida o reteve o horror daquelas horas de uma agonia que recém conhecia.

Disfarçou seu medo num raciocínio. "Partir significava fugir e a fuga era uma confissão. Se fosse apanhado na fuga estava perdido sem misericórdia."

Ficaria, e nem lhe faltaram os argumentos para tornar razoável seu desejo de não se afastar de jeito nenhum da cidade.

Quem poderia achá-lo? Duas ou três pessoas que não o conheciam o tinham visto com Antonio, e no lado oposto

àquele onde morava.

Mas depois daquela primeira patifaria não se sentiu mais capaz de audácias. Seu cérebro agitado lhe aconselhava uma audácia útil, mas nem mesmo enquanto a pensava teve por um só instante a intenção de colocá-la em execução. Torturava-o uma grande curiosidade de saber o que as pessoas já sabiam do assassinato e que hipóteses levantavam sobre o caso. Poderia voltar ao lugar do acontecido e informar-se com cautela. Mas para isso era preciso naturalmente falar do assassinato e quem sabe com os guardas...coisas de deixar os cabelos em pé.

Não! Voltaria imediatamente àquele

espécie de toca que há mais de um ano lhe servia como habitação e por um bom tempo não a abandonaria. Continuaria a levar a vida que levara até então, concedendo-se apenas umas comodidades que não dariam na vista.

Para ir até sua casa na Barriera tinha que passar pela espaçosa Via del Torrente. Um indizível medo da luz impediu-o de fazer isso, e, explicando a si mesmo que seu medo era cautela, embrenhou-se por uma ruela solitária que o levou à colina próxima a uma rua larga mas fora de mão, pouco frequentada àquela hora e pouco iluminada. Depois, com uma volta enorme, sempre preferindo as ruas mais escuras, chegou ao outro lado

da cidade. Parou diante de uma porta um degrau abaixo do nível da rua. Entrou, fechou a porta atrás de si, e na escuridão profunda, sentiu-se logo tranquilo. Cometera um erro, aquele passeio até a estação, e, tendo voltado salvo para casa, pensou tê-lo anulado.

Lá ninguém sabia de sua tentativa de fuga; num dos cantos do quarto ouvia-se o ronco de Giovanni, provavelmente bêbado.

Procurou às cegas seu colchão, deitou nele e tirou a roupa. Enfiou a jaqueta onde estava o dinheiro debaixo do travesseiro e adormeceu cambaleando rumo ao sono numa fantasia desordenada. Parecia-lhe não ter sido ele o assassino. Aquela rua

longínqua que ele fugindo olhara uma vez, o assassinado que por tão pouco tempo conhecera e aquela fuga até a estação ainda agitavam sua mente, mas sem comovê-lo ou assustá-lo. Em seu imenso cansaço pareceu-lhe que a escuridão em que se encontrava não iria se dissipar nunca mais. Quem iria procurá-lo ali?

II

Na triste sociedade em que vivia, Giorgio era chamado o grã-fino. Não devia esse apelido às suas maneiras, que de qualquer jeito se mostravam superiores

às dos outros, mas ao desprezo que ele demonstrava pelos costumes e diversões dos seus companheiros. Eles na taberna eram felizes, ao passo que Giorgio entrava nela sem vontade, ficava lá quase sempre em silêncio, e quanto mais bebia mais triste ficava. O povo tem um grande respeito pelas pessoas que não se divertem e Giorgio, percebendo o efeito que produzia, fingia maior tristeza de quanta realmente sentia.

Afinal sua história era muito simples e comum, nem tinha o passado esplêndido que queria fazer acreditar. Os estudos de que se envaidecia consistiam em dois anos de colégio, que demorara cinco anos para completar. Depois abandonara a

escola e em pouquíssimo tempo dilapidara o escasso pecúlio da mãe. Fez várias tentativas para conservar o lugar de burguês culto a que a mãe tentara fazê-lo chegar, mas em vão, porque não encontrou outro serviço que o de carregador. Não podendo mantê-la, abandonara a mãe, e vivia naquela pocilga com outro carregador, um tal de Giovanni, trabalhando, quando muito ativo, dois ou três dias por semana.

Estava descontente consigo e com os outros. Trabalhava resmungando, resmungava quando recebia o salário e não sabia ficar calado nem em suas longas horas de ócio.

Rico nunca fora, mas estivera em

condições em que pudera sonhar em ter uma situação melhor, e outros em volta dele, a mãe principalmente, haviam sonhado junto com ele e, certamente, eram esses sonhos e a amargura de ver sua realização cada vez mais longe que haviam custado a vida de Antonio.

Acordou com um sobressalto por causa de um grande barulho. Giovanni estava se vestindo, e tendo colocado por engano uma bota de Giorgio, a arrancara xingando e a jogara ao chão com violência.

Giorgio fingiu dormir ainda e respirando de propósito ruidosamente pensou de novo com surpresa no seu delito. Se já não tivesse sido cometido

provavelmente não teria a coragem de cometê-lo, mas já que era coisa feita e que ele com os nervos tranquilizados pelo longo repouso se encontrava naquele lugar esquecido por todos, seguro, com a cabeça apoiada sobre seu tesouro, não lamentou nem sentiu remorso. Este foi o primeiro sentimento naquele longo dia.

Giovanni, já vestido, pegou-o por um braço e o sacudiu: "Não vai procurar trabalho, preguiçoso?" Giorgio abriu os olhos e, espreguiçando-se como se tivesse acordado àquela hora, resmungou: "Hoje já não se acha mais trabalho. Vou ficar mais um pouco na cama".

Giovanni exclamou: "Oh! o grã-fino! Continue repousando". Saiu batendo a

porta atrás de si.

Já assim, sem chave, de fora não se podia entrar, mas isso não bastou a Giorgio. Levantou-se e foi fechar com o ferrolho. Depois tirou dos bolsos as notas de dinheiro e as contou.

A visão daquele dinheiro dava-lhe um sentimento certamente não alegre: era a lembrança de seu delito e podia se tornar a prova dele. A visão da rua iluminada pelo sol da manhã o agitara e em vão, para se sentir de novo satisfeito com sua ação, ficava calculando freneticamente quantos anos iria poder viver livre e rico com aquela soma. A preocupação maior interrompia seu cálculo e sua satisfação. "Onde esconder o dinheiro?"

O piso era coberto por tábuas que, com exceção das extremidades mal fixadas, estavam simplesmente apoiadas no chão. Bons esconderijos os havia em abundância, mas nenhum seguro porque havendo um só armário, e sem chave, os dois inquilinos tinham o costume de utilizar amiúde aqueles esconderijos.

Mas boas ideias não faltavam a Giorgio. Escondeu as notas debaixo do colchão de Giovanni.

Enquanto cuidava disso com um sorriso de satisfação nos lábios, um leve rumor proveniente de um canto do quarto sobressaltou-o e o fez largar uma mesa que levantara, que, caindo, lhe contundiou uma das mãos, produzindo-lhe tamanha

dor que teve que morder os lábios para não gritar. Aquele barulho pareceu-lhe como de uma luta e foi tamanho seu espanto que, quando se acalmou, teve que reconhecer com pesar que se boas ideias não lhe faltavam, faltava-lhe alguma coisa que poderia ser imensamente mais útil naquelas circunstâncias.

Decidiu não sair para o momento. Era muito mais fácil ficar ali na semi escuridão do que sair ao sol, na rua. Via a luz que penetrava pela única janela e ficava imaginando que impressão lhe produziria caminhar pelas ruas de dia, quando se sentira tão mal percorrendo-as à noite.

Giovanni traria notícias, as vozes que

corriam sobre o assassinato, pois tinha o costume de ler diariamente o *Piccolo Corriere*, e assim ele ficaria bem informado.

Provavelmente o acontecimento mais importante do dia anterior era seu delito!

O mais importante! Sentiu um mal-estar como se algum peso se pousasse violentamente em seu coração.

Também seus companheiros se interessariam por tal acontecimento.

Como teria coragem de falar de seu delito, como mais cedo ou mais tarde seria forçado a fazer? Bancar o ator num papel daquela feita ele que, por mais perverso que tivesse o sangue, ficava com a cara vermelha à mínima emoção?

Estudou seu papel. Compreendeu logo que naquelas circunstâncias e embora fosse coisa de pessoa pouco refinada, era obrigado a demonstrar uma grande, imensa indignação diante do delito. Nem calma nem indiferença, porque fingir seria muito difícil. A indignação explicaria sua vermelhidão, explicaria o tremor das mãos e a atenção intensa com que ele iria querer saber cada pequeno detalhe que lhe seria referido sobre o delito.

Vestiu-se, e às 11, hora em que os operários ainda não haviam chegado, foi até a taberna mais próxima. Antes de sair de sua toca olhou-a demoradamente; ela tinha o aspecto costumeiro, depois de ele ter tirado o pó que se acumulara ao lado

da cama de Giovanni, debaixo da qual haviam sido remexidas as tábuas.

Ninguém poderia supor que naquele quarto estava escondido seu tesouro.

Na taberna não viu ninguém além da criada. Com ela, uma bela mulher embora já não tão jovem, gostava de brincar, às vezes; naquele dia foi-lhe impossível.

Ficou sentado em seu lugar sobressaltando-se a cada rumor que poderia anunciar a chegada de outras pessoas.

Não ouvira ainda uma só palavra sobre o assassinato! Quis tentar ouvir esta primeira palavra.

Estava já para sair quando se voltou para Teresina que estava levando uns

pratos para a dispensa. Levantou-lhe o queixo e olhando-a fixo nos olhos: "Nada de novo, Teresina?" perguntou, não encontrando uma pergunta mais hábil, e em sua voz vibrou uma emoção que o surpreendeu.

"Oh! finalmente!" exclamou ela afastando-se, porque estavam muito perto da porta. "Pensei que o senhor estivesse doente vendo-o tão sério hoje!"

"Não estou muito bem!" disse, e para que ela acreditasse repetiu a frase várias vezes. Ela esperava receber algum beijo agora que se colocara no escuro, mas ele aproximou-se, pegou-lhe a mão amigavelmente e repetiu a pergunta: "Nada de novo?".

"Não sabe dizer outra coisa hoje?" perguntou ela, e querendo bancar a melindrosa soltou-se e fugiu.

Na rua tentou caminhar com passo seguro e rápido rumo à sua casa. Sentia-se muito fraco, patife, de maneira surpreendente. A preocupação com seu delito tirara-lhe toda naturalidade. Seu comportamento não era natural nem com aquela criada! Por que ficava imaginando que a cidade inteira estava se ocupando do assassinato? Perguntara a Teresa se não sabia nada de novo e esperara que ela, à sua vaga pergunta, contasse o que ouvira falar sobre o delito. "Oh! é preciso mudar de comportamento" disse a si mesmo, mordendo-se os lábios na altiva

resolução, "é minha vida que está em jogo". Portara-se tão tolamente com Teresa que a tornara quase uma testemunha contra ele.

Talvez na cidade nada se soubesse sobre o assassinato! Esta esperança embora insensata diminuiu seu desânimo. Era a única hipótese feliz para ele, porque entendera que não ficaria impune mesmo que não fosse descoberto; aquele terror contínuo já era por si só uma grave punição. Quem poderia sabê-lo? Por um fenômeno qualquer o cadáver de Antonio poderia ter desaparecido da face da terra. Provavelmente sempre foi a esperança que fez supor o milagre na natureza.

Mas logo essa esperança foi

destruída. Ao meio-dia apareceu Giovanni e a ele também disse estar indisposto, como desculpa por não ter ido ao trabalho.

"Ah! é assim", disse Giovanni, e até ele continuar, Giorgio atribuiu a uma suspeita o sorriso irônico que via voltá-lo a boca. "Está doente como de costume, não é?"

De fato não era a primeira vez que Giorgio se dizia doente para desculpar sua preguiça.

Em seguida, após um distraído: "Você soube?", Giovanni começou a contar o delito da Via Belpoggio. Comia o pão que trouxera como almoço e aquelas palavras esperadas por Giorgio com febril

impaciência saíam de sua boca uma de cada vez, com longos intervalos. "Sim, Antonio Vacci... parece tratar-se de mais de trinta mil florins. Um golpe e tanto! O coração partido! Se viveu dez segundos após ter recebido aquele golpe foi muito."

Giorgio não se agitava somente pela sua última esperança que se ia. Fora aquele coração partido a dar-lhe a dor no braço; talvez em seu braço sentira as últimas vibrações do órgão moribundo, e a ideia daquele contato imediato o fazia estremecer. Todos sabiam até os detalhes do delito; devia parecer enorme. No corpo de Antonio não ficara rastro da instantaneidade do fato, mas da violência sim.

Não ousava abrir a boca. Ponderava cada palavra que lhe vinha aos lábios e a engolia de volta porque lhe parecia que cada uma poderia levantar suspeitas. Não haveria um meio de fazer falar aquele indivíduo assim tão ocupado pelo seu magro almoço e que nas tantas reflexões que emitia nada ainda dissera sobre as suposições que na certa haviam sido feitas na cidade sobre ele?

Finalmente Giorgio encontrou uma frase que lhe pareceu uma obra-prima de naturalidade: "E quem é o assassino?". Para encontrar essa frase tivera que examinar antes quanto do fato tratado era de seu conhecimento porque o cometera, depois examinar quanto nas palavras de

Giovanni havia de obscuro, porque era perigoso demonstrar entender tudo logo de cara. "Sim, quem é o assassino?"

Com grande alegria percebeu que o outro ficava impaciente. Empenhando-se com toda sua atenção, ele sabia portanto enganar de modo bastante hábil, e essa vez só teve um remorso. Na alegria de ter encontrado aquela frase, a repetira quase sem perceber.

"Eu já não disse? Não o encontraram até agora. Não se sabe quem é."

Nada mais pôde saber de Giovanni, e renunciou a isso. Para ter as notícias que Giovanni poderia dar-lhe não precisava submeter-se ao suplício de um colóquio. Procuraria por elas num jornal.

Quinze minutos após a saída do carregador, com uma coragem que ele mesmo admirava, saiu após ter vacilado alguns instantes. Com o desejo de notícias que Giovanni estimulava nele, não podia esperar mais.

Para chegar até a mais próxima banca do jornal *Piccolo Corriere* precisava caminhar uns dez minutos. Primeiro caminhou rente aos muros, depois, pelo simples raciocínio de que o aspecto de querer se esconder poderia levantar suspeitas, seguiu franco no meio da rua, com passo que queria ser desenvolto mas que se atrapalhava continuamente. Desaprendera a caminhar?

Logo que conseguiu o jornal correu

imediatamente para a toca. Jogou-se no colchão que arrastara debaixo da única janela e começou a ler. Nunca em toda sua existência encontrara tanto interesse num pedaço de papel estampado, nunca sobre um papel escrito ele soubera concentrar toda sua atenção e esquecer tudo à volta a ponto de, terminada a leitura, ter a sensação de acordar de um longo sonho.

O assassinato era o fato mais importante da crônica local e a enchia quase por inteiro. O relato do delito vinha precedido por algumas considerações feitas pelo jornal sobre a frequência com que tais fatos de sangue se verificavam na cidade, e com um tom de tristeza que certamente impressionou mais o assassino

que lia do que as autoridades a quem era destinado, lamentava-se a incúria com que era tratada a segurança pública.

Lendo, parecia-lhe odiar o jornal! Por que tanta fúria? Na certa mesmo que ele fosse punido o outro não acordaria nunca mais. Não era suficiente a fúria que naturalmente colocariam as autoridades em procurá-lo?

O artigo dava a impressão, ou pelo menos queria dar, de que o assassino causara a máxima sensação na cidade. Tratava-se de um delito, dizia o jornalista, cometido com uma audácia incrível, numa rua da cidade bastante próxima do centro e numa hora adiantada, sim, mas não a ponto de se supor particularmente deserto

aquele bairro. Um cidadão qualquer, pelo único motivo de ter algum dinheiro consigo, fora morto de modo traiçoeiro.

Enganavam-se, e. Giorgio deveria ficar feliz com isso porque dessa feita a suspeita cairia ainda mais dificilmente sobre ele; ninguém vira a vítima acompanhada pelo assassino. Porém, descrito daquele jeito como obra de um agressor que matara um cidadão qualquer só porque supusera um pouco de dinheiro nos bolsos dele, o delito se tornava bem mais terrível; isso aumentava o mal-estar de Giorgio. Esses jornalistas que falavam dele não sabiam a que tentação o expusera a imbecilidade de Antonio.

É fácil compreender que, descrito

dessa maneira, o assassinato iria comover toda a cidade. Cada um sentia ameaçada a própria segurança pessoal, se preciso, se tornaria um útil auxiliar da polícia.

Do assassino nem uma só palavra certa.

Pouco antes do fato, contava o jornal, tinham sido vistos andar por aqueles lados dois indivíduos de péssimo aspecto, presumivelmente os autores do homicídio.

Este erro era absolutamente reconfortante para Giorgio e ele mesmo ficou admirado de não sentir um pouco de calma em seu coração ao ler isso.

Aquele artigo mexera profundamente com ele. Imaginara perseguições feitas com maior sorte, mas, por mais

desafortunadas que fossem, agora que estava diante delas o agitavam e o amedrontavam. Talvez exista no nosso organismo alguma parte tão delicada que se resente ao só presságio do mal. Ele sentia convergir sobre seu organismo tamanho acúmulo de ódio, que, pela importância que lhe parecia ter no momento, o oprimia.

O jornal, que não podia dizer uma palavra sobre o assassino, desabafava fazendo uma biografia detalhada do assassinado.

Antonio Vaccì era casado e pai de duas moças. A família vivera pobremente até alguns meses atrás, quando recebera inesperada herança. Vaccì era descrito

como pessoa de cérebro mole e que desde que enriquecera tinha o costume de levar consigo uma grande soma de dinheiro que mostrava a quem quisesse ver.

Não era portanto possível levantar suspeitas contra aquelas pessoas que sabiam deste tesouro ambulante porque eram muitas. "Enquanto isso", acrescentava o jornal, "as autoridades interrogam logo todos os habitantes da casa onde morava o pobre Vacci".

"Oh! se eu tivesse fugido", pensou com profundo pesar o assassino. Pelo que lera estava claro que as suspeitas não haviam caído sobre ele, e se tivesse partido de Trieste na noite anterior, ele poderia ter chegado à Suíça antes de

temer as perseguições. Achava que o profundo mal-estar que o fazia tão infeliz não o atingiria se ele estivesse longe do lugar onde matara.

À tardinha saiu de novo. Caminhou mais franco e se apressou em atribuir aquela coragem à certeza de não ser observado. Mas o medo reinava soberano no seu organismo. Bastava a mínima coisa inesperada e imprevista para fazê-lo sobressaltar, como por exemplo encontrar-se cara a cara com qualquer uniforme que fosse um pouco parecido com o de um guarda. Não era a leitura do jornal, a segurança de se saber insuspeitado que lhe dava coragem, e acabou por admitir isso. Era o hábito à

nova posição que lhe permitia mover-se mais solto. Grande parte daquilo que chamamos coragem é a experiência e o hábito do perigo.

III

Giovanni, quando voltou às sete da noite, olhou-o de um jeito comicamente sério: "Sabe que suspeitam que você seja o assassino de Antonio Vaccì?" disse-lhe à queima-roupa.

Giorgio estava no escuro, em sua cama. Sentiu que se não fosse assim, o outro, só de ver sua fisionomia, que na

certa se alterara horivelmente, compreenderia que aquela suspeita de que falava brincando era bem fundada. Onde tinham ido seus propósitos de frieza e desenvoltura? "Quem?", balbuciou. Não se podia fazer uma pergunta mais boba, mas a preferira a todas as outras porque a mais breve que lhe viera à mente.

Giovanni respondeu que todos os amigos deles falavam disso. Pelo que contava o *Piccolo Corriere della Sera* uma mulher vira fugir o assassino do lugar do delito, aliás fora quase jogada ao chão por ele, e soubera dar sobre seu aspecto detalhes bastante precisos. Para começar, cabelos crespos, pretos, muito abundantes, e um chapéu de abas caídas.

O susto provocado em Giorgio pelas primeiras palavras de Giovanni foi bastante aliviado por estas últimas. Embora bem pequena, deviam lhe proporcionar alguma tranquilidade. Ele se lembrava daquela mulher que o vira na escuridão por um breve instante, tão breve que seguramente não lhe permitira observar nele nada mais além do chapéu de abas caídas e os cabelos pretos. Além do mais ela não o vira matar, e mesmo que o reencontrasse e reconhecesse, ele não estava de todo perdido; podia salvar-se negando.

Com certeza sua situação era atroz e ele sabia disso, mas estava longe de ser desesperada. Os cabelos podiam ser

cortados e o chapéu mudado.

"Olha só que coincidência!" disse logo a Giovanni, com uma audácia de que pouco antes não se teria considerado capaz. "No ócio de hoje decidi cortar os cabelos que me pesam um pouco, e também... também mudar este chapéu de que não gosto."

Nada mal, mas o susto transparecia, se não das palavras, do som de sua voz, e um observador mais hábil que Giovanni perceberia.

Com inteligência Giovanni observou: "Se não quiser ter problemas com a polícia será bom você não mudar, por enquanto, nem sua barba nem seu chapéu."

"Mas você pode declarar que eu tinha

a intenção de fazer estas mudanças antes que se falasse do chapéu ou da barba do assassino."

Oh! se conseguisse trazer Giovanni para seu lado, fazer dele seu cúmplice! Se não fosse aquele horrível medo de vê-lo surgir como o primeiro a acusá-lo o abraçaria, lhe confiaria tudo e lhe ofereceria a metade do seu tesouro impondo-lhe a metade de suas torturas. Ter um cúmplice lhe pareceria a libertação, porque ele acreditava que seu terror mudaria de natureza se pudesse pô-lo em palavras. Aquela preocupação contínua com seus perseguidores parecia-lhe mais terrível porque não expressa. Por falta da palavra raciocinada ele

acreditava não ter sabido tomar uma resolução enérgica que o teria posto a salvo. Raciocinava-se muito mal com aquelas ideias móveis que passavam pela mente sem deixar rastros, que fugiam instantes após terem nascido.

Fez uma ligeira tentativa de obter ajuda de Giovanni, não apelando porém à amizade com uma confissão, mas confiando na fraqueza do cérebro dele. "Além do mais", disse com pouco caso, "você sabe muito bem que na hora em que dizem ter sido realizado o delito eu já estava deitado, tanto que você me cumprimentou entrando".

"Não lembro!", disse Giovanni com um hesitação que fez Giorgio calar

definitivamente a boca; parecia uma suspeita.

E calou, embora depois Giovanni parecia falar com o propósito de devolver-lhe a coragem que lhe tirara.

Pouco antes de sair disse: "Eis uma facada que rendeu bem àquele que a deu. Eu, mesmo se vivesse cem anos e trabalhasse sempre, não ganharia tudo o que ele ganhou num segundo. No fundo são os preconceitos que nos impedem de cuidar de nossos interesses. Paffi um golpe bem dado e a gente tem tudo o que precisa".

Olhando-o sair, Giorgio pensava que talvez Giovanni fosse capaz de matá-lo em segurança para surripiar seu tesouro,

mas não aceitaria a cumplicidade num negócio perigoso. Sentia-se muito superior a ele, que predicava o assassinato a sangue frio. Ele o cometera, mas num certo momento, vencido pela tentação de se apossar daquele dinheiro que o salvava de sua vida tão infeliz. Não raciocinara, e naquele instante, mesmo se tivesse presente a punição que lhe poderia advir daquele ato, a força, o algoz, nada o deteria. Arriscara portanto a própria vida para pegar o que pertencia a outrem, e não da forma patife como fazia Giovanni, acalentando a ideia de matar em segurança.

Ou quem sabe agora esquecera? O ato, cuja instantaneidade ele lembrava, não

fora produzido por uma aberração momentânea, e prova disso era a satisfação que experimentara ao descobrir-se, naquele mesmo ato, forte e enérgico. Depois obscuramente lembrou que alguma ideia muito parecida à enunciada por Giovanni devia ter passado também pela sua mente. Que estranho enfraquecimento da memória! O assassinato viera dividir sua vida em duas partes, e para além daquele acontecimento ele não lembrava as próprias ideias, as próprias sensações, o próprio modo de ser senão obscuramente, como se se tratasse de coisas não vividas, mas que se ouviu contar, muitos, muitos anos atrás.

Agora, devia resignar-se a admiti-lo,

ele era um indivíduo cuja supressão era desejada por toda uma sociedade.

Como escapar a tamanho ódio, como se tornar menos merecedor dele? Se fosse chamado a explicar seu delito, o que diria para diminuir a crueldade aos olhos dos outros, convencê-los de que ele era melhor do que podia parecer se julgado unicamente por aquela ação? Contaria que um indivíduo que mal conhecia entregara-lhe um dinheiro quase dizendo: "Se me matar é seu!", e que ele, seguindo o convite, o matara?

Não encontraria outra coisa para dizer? Certamente isso não bastava para justificá-lo nem para fazer parecer menor sua culpa, e descobrindo que não existia a

possibilidade de convencer os outros da própria inocência, acabou por reconhecer que seu sentimento era anormal, irracional. Era de fato estranho o sentimento de inocência num indivíduo que matara, e não por amor ou ódio, mas por avidez.

Não podia mais enganar a si mesmo, mas queria tanto diminuir o ódio e o desprezo de seus futuros juízes que dedicou toda sua preocupação a esse fim, e quando acreditou ter descoberto os meios para alcançá-lo, empregou nessa tarefa um tempo precioso, no qual talvez teria podido até mesmo salvar-se.

Fazia muitos anos que não lembrava de sua mãe e agora pensava nela para

obter sua ajuda numa mentira que projetara. Se seu delito viesse a ser descoberto, e ele não poderia impedi-lo, ele afirmaria que o cometera para ter condições de ajudar sua velha mãe.

À noite empreendeu a longa caminhada até San Giacomo, onde devia estar a mãe. Caminhando não pensava no prazer de revê-la; repassava a cena sobre a qual fantasiara, com a qual se justificaria diante dos juízes.

Seu delito não tivera outra finalidade senão tornar agradáveis os últimos anos de vida de uma pobre velha, sua mãe. Não tinha mais dúvidas. Seria fácil mudar numa indulgência cometida o horror que iria inspirar sua ação.

Tinha certeza que poderia induzir sua mãe a recitar a comédia. Era uma mulher inteligente, que não o amava desde que ele traíra as suas esperanças, mas que o acariciaria ao saber que estava rico. Era de grande conforto para ele aquela esperança de afeto a que corresponderia com todas as forças de sua alma. Naquele afeto se aquietaria sua agitação, sumiria aquilo que impropriamente chamava remorso. Iria tratá-la docemente, se confidenciaria com ela como consigo mesmo, e colocaria à disposição dela todo seu dinheiro. Aquele amor nascia em seu coração de forma até violenta. Nada similar passara alguma vez em sua alma. Ele sempre fora egoísta e duro e agora

comprazia-se à ideia de acariciar um ser fraco e fazer dele seu próprio escravo e defensor.

Viu um garoto sentado ao lado da primeira casa operária. Reconheceu-o e experimentou um sentimento de alegria: era Giacomino, o filho de um vizinho de sua mãe.

O garoto na sombra fumava com volúpia; ao ver Giorgio levantou-se corado, e escondeu o cigarro na mão fechada.

Giorgio sorriu para ele e queria tranquilizá-lo, dizer-lhe que na certa não ia denunciá-lo ao pai, mas não tinha tempo e limitou-se àquele sorriso.

"Minha mãe onde está?", perguntou

apressado como se tivesse uma notícia urgente para levar a ela.

Mais tranquilizado por aquele sorriso do que entristecido pela notícia que ia dar, o garoto disse: "Sua mãe?", e gastou estas duas únicas palavras para preparar Giorgio, acrescentou rapidamente: "Sua mãe morreu faz oito dias no hospital. Aliás, papai vai ficar feliz em vê-lo, porque tem algo a lhe dizer por parte da senhora Annetta. Vou chamá-lo!".

"Não precisa, não precisa", disse Giorgio com voz afônica, e, já afastando-se, de forma que o garoto talvez nem pôde ouvi-lo, acrescentou: "Voltarei amanhã, adeus".

Assim perdeu aquela esperança, que

naquelas poucas horas havia acalentado tanto a ponto de acabar alimentando até a esperança de não ser descoberto.

Não era a dor pela morte da mãe que o fazia cambalear e lhe ofuscava a vista. Ele não via diante de si o rosto da defunta agora coberto de palidez, não tentava lembrar a voz que nunca mais iria ouvir, ou o gesto que tão amiúde fora afetuoso com ele. Morrera num momento inoportuno aquela velha, e sua morte fazia dele novamente um ladrão vil e assassino.

Foi essa notícia surpreendente que tirou dele a capacidade de pensar e o jogou a mercê de seus perseguidores. Naquelas horas em que embalara o sonho de camuflar seu delito com uma finalidade

nobre e de ganhar com isso a piedade de seus semelhantes caso fosse preso, ele não pensara na difícil tarefa de fugir à pena. Perdida esta esperança o medo o retomara de vez e ele corria, mesmo agora que, voltando para a cidade, se aproximava ainda mais do perigo.

Na escuridão, ao lado da Piazza della Barriera, teve uma estranha visão. Com passo igualmente veloz caminhava diante dele um homenzinho curvo, pequeno, mesquinho, as mãos obstinadamente no bolso, enfim, Antonio Vaccì. Via-o distintamente, distinguia todos os detalhes da miserável figurinha, até os ralos cabelos grisalhos cuidadosamente alisados nas têmporas, e por um instante

não teve dúvida alguma: Antonio estava vivo!

Não parou para refletir como isso era possível, após tê-lo visto estirado ao chão como coisa sem vida. Antonio estava vivo e ele não matara. Correu até ele com um grito. Queria oferecer-lhe a restituição de todo o dinheiro, obrigando-se até a dar-lhe mais algum no futuro e não pedir nada como recompensa, somente que estando vivo certificasse que ele não matara.

Atônito encontrou-se diante de uma cara mesquinha, com a pele enrugada e seca, mas de todo desconhecida, não a cara de Antonio, e mergulhou no seu desespero com isso a mais, que tendo-se surpreendido a desejar a vida de Antonio

com uma intensidade maior, julgou-se ainda menos digno de ódio e perseguição, e experimentou tamanha compaixão por si mesmo que lhe fez virem lágrimas aos olhos.

Ele se via como um homem que, tendo-se encontrado por culpa própria na beira de um penhasco, cai, e todos os esforços para se segurar são inúteis, porque o terreno desliza debaixo de seus pés e os arbustos a que se agarra não resistem. Aquela caminhada à procura de sua mãe e a esperança de encontrar Antonio vivo pareciam-lhe esforços para se segurar!

E ao contrário, naquele momento, na agitação em que se encontrava, fez o único

esforço para se salvar, mas de modo tão tolo que foi aquele esforço que o perdeu. O homem no penhasco, para salvar-se, não encontrara nada melhor que deixar-se ir e precipitar encosta abaixo.

Era preciso livrar-se daquele chapéu de abas caídas, que lhe pesava na cabeça como seu próprio delito. Não lembrou a inteligente observação de Giovanni e decidido entrou numa chapelaria. Era a hora em que menos seria observado porque estavam fechando a loja, mas ele não pensou que, suado pela corrida e agitado por tantas emoções, seria suficiente uma só suspeita para descobrir nele o malfeitor que foge.

Uma moça já vestida para deixar a

loja, de luvas, elegante, com uns olhos pretos animados pela impaciência, perguntou-lhe o que desejava e ouvindo que queria um chapéu voltou de má vontade para trás do balcão. O dono, um jovem alto e magro, levantou-se de uma mesinha no fundo da loja.

Giorgio não o vira antes que ele se levantasse, e agora não o olhava, mas se sentia observado por ele, o que acabou por desconcertá-lo.

"Depressa", murmurou com acento de súplica que à moça deve ter parecido fora de propósito.

Ela lhe ofereceu outro chapéu de abas caídas. "Não!", disse ele com grande vivacidade.

Ela mostrou-lhe outro chapéu que ele pegou resolvido a não permanecer mais tempo naquela luz, observado com intensa curiosidade pela moça, pelo dono e pelo empregado que deixara de retirar os chapéus expostos, evidentemente só para olhá-lo.

De muito bom gosto teria deixado de experimentar o chapéu novo antes de pagar, mas entendeu que era forçoso fazê-lo, pela prudência mais elementar. Tirou seu chapéu de abas caídas e o rosto foi inundado por um abundante suor.

"Calor?", perguntou a moça zombando. Ele hesitou um instante antes de responder. Pensou que aquela pergunta lhe dava a oportunidade de explicar que

se encontrava naquele estado por causa da longa caminhada por ele feita, e não por outra razão. Mas não soube ter tanta audácia. "Sim! Muito calor!", murmurou enxugando a testa.

Pagou e saiu esquecendo de levar o chapéu de abas caídas. O chapéu novo, pequeno demais, mal se equilibrava em sua cabeça e o incomodava imensamente.

IV

Na Piazza della Barreira, pela qual teve que passar novamente, viu Giovanni com outros três operários. Aproximou-se

deles hesitante, já sabendo por experiência que cada palavra sua, cada gesto seu, seria tão estranho que levantaria suspeitas.

Foi recebido com um cumprimento glacial e olhares de desconfiança. Não era um engano do seu medo; nunca o haviam tratado assim. Olhavam para ele com curiosidade e ninguém lhe dirigiu a palavra.

Meio bêbado de terror ele fez uma última tentativa de desenvoltura: "Vamos à taberna? Hoje é por minha conta". Giovanni respondeu-lhe: "Eles suspeitam que você seja o assassino da Via Belpoggio e até acabar esta suspeita não querem ir com você!". Ele entendeu que

se fosse inocente deveria derrubar o primeiro que levantasse tal suspeita. Mas o que poderia fazer com aquele tremor que lhe invadia braços e pernas e lhe impedia até a palavra?

Os quatro operários afastaram-se dele horrorizados. A suspeita tornara-se certeza.

Ele se afastou cambaleando. Fizera poucos passos quando se sentiu agarrar com violência pelos dois braços e ouviu alguém que muito próximo de seu ouvido gritou: "Em nome da lei".

Teve uma violenta alucinação enquanto lhe restava ainda bastante consciência para entender que não passava de uma alucinação. Ouviu um

imenso fragor, rumor de coisas enormes que desabavam, as imprecações de uma multidão armada e viu diante dele Antonio que ria descomedido, as mãos nos bolsos, nos quais na certa recolocara seu tesouro reconquistado. Depois mais nada.

Acordou deitado em sua cama. No quarto havia um só guarda.

Dois homens à paisana, dos quais um, pequeno e encorpado, com um rosto gordo e doce, parecia ser o superior, contavam o dinheiro que já haviam encontrado debaixo da cama de Giovanni.

Ele os ajudara e estava num canto do quarto, olhando respeitoso. Na porta havia outro guarda, que segurava a multidão que queria entrar.

"Assassino!", gritou uma velha que conseguira chegar à soleira da porta, e cuspiu.

Estava perdido! Não podia negar, mas o pior era que nunca encontraria as palavras para descrever as torturas por ele sofridas e que atenuariam sua culpa. Para todos aqueles ali, ele não passava de uma máquina malvada da qual cada movimento era uma má ação ou o desejo de fazê-la, enquanto ele se sentia um miserável brinquedo abandonado em mãos caprichosas.

Com voz muito meiga o homem de rosto meigo perguntou-lhe se estava melhor, e depois o nome. Naquele rosto não havia sinal de ódio ou de desprezo, e

Giorgio dizendo o próprio nome olhou-o fixamente para não ver a multidão na porta.

Depois a mesma pessoa comandou ao guarda que fizesse entrar aquela mulher e o chapeleiro para o confronto.

"Não!", implorou Giorgio, e abundantes lágrimas corriam pelo seu rosto. "O senhor me parece bom e não me torturará inutilmente; vou dizer tudo, toda a verdade."

Depois titubeou um pouco esperando quase uma inspiração que o levasse a calar, a salvar-se, mas foi suficiente um pequeno movimento de impaciência de seu interlocutor para fazer cessar qualquer hesitação. "Sou eu o assassino de

Antonio", disse com voz apagada.

A mãe

Num vale fechado por colinas cobertas de bosques, sorridente nas cores da primavera, erguiam-se uma ao lado da outra duas casas singelas, pedra e cal. Pareciam feitas pela mesma mão, e também os jardins fechados por sebes, colocados na frente de cada uma delas, eram do mesmo tamanho e forma. Quem morava nelas não tinha porém o mesmo destino.

Num dos jardins, enquanto o cão

dormia na corrente e o camponês cuidava do pomar, num cantinho, separados, alguns pintinhos falavam de suas grandes experiências. Havia alguns outros mais velhos no jardim, mas os pequenos, cujos corpos conservavam ainda a forma do ovo de onde haviam saído, gostavam de examinar entre si a vida em que tinham vindo parar, porque não estavam tão acostumados a ela a ponto de não percebê-la. Havia já experimentado sofrimentos e prazeres, porque a vida de poucos dias é mais longa de quanto possa parecer a quem a sofreu por anos, e muito sabiam, pois uma parte da grande experiência a haviam trazido do ovo. De fato, recém vindos à luz, haviam

aprendido que as coisas era preciso examiná-las bem, antes com um olho depois com o outro, para ver se era o caso de comê-las ou ficar longe delas.

E falaram do mundo e de sua vastidão, com aquelas árvores e aquelas sebes que o fechavam, e aquela casa tão grande e alta. Coisas todas que já se viam, mas se viam melhor se delas se falava. Porém um deles, de penugem amarela, já saciado — e portanto desocupado — não se contentou em falar apenas das coisas que se viam, mas puxou da tepidez do sol uma lembrança que logo contou: — Certamente nós estamos bem porque existe o sol, mas soube que neste mundo pode-se estar ainda melhor, coisa que

muito me deixa triste, e eu conto para que vocês também fiquem tristes. A filha do camponês disse que somos coitadinhos porque nos falta a mãe. Disse isso com um acento de tamanha compaixão que eu até chorei.

Um outro mais branco e algumas horas mais jovem que o primeiro, razão pela qual lembrava ainda com gratidão a doce atmosfera de que nascera, protestou: — Nós tivemos uma mãe. É aquele pequeno armário semprequentinho, mesmo quando faz o frio mais intenso, do qual saem os pintinhos já prontos.

O amarelo, que há algum tempo trazia gravadas na alma as palavras da camponesa, e tivera portanto o tempo de

inchá-las sonhando aquela mãe até imaginá-la grande como aquele jardim e boa como a quirera, exclamou, com um desprezo destinado tanto a seu interlocutor quanto à mãe de que ele falava:- Se fosse uma mãe morta, todos a teriam. Mas a mãe é viva e corre mais veloz que a gente. Deve ter rodas como a carroça do camponês. Por isso ela pode vir sem que a gente chame, para acalantar no momento em que estamos prestes a ser abatidos pelo frio deste mundo. Como deve ser lindo ter ao lado, de noite, uma mãe assim.

Interveio um terceiro pintinho, irmão dos outros porque saído da mesma máquina, que porém o fizera um pouco

diverso, o bico mais largo e as perninhas mais curtas. Diziam que era o pintinho malcriado porque quando comia ouvia-se bater seu biquinho, quando na verdade era um patinho que entre os seus seria muito educado. Também na presença dele a camponesa falara da mãe. Isso havia acontecido aquela vez que morrera um pintinho caído exausto de frio na relva, cercado pelos outros pintinhos que não haviam podido socorrê-lo, porque não sentem o frio que atinge os outros. E o patinho, com o ar ingênuo de sua cara invadida pela base larga do biquinho, chegou a afirmar que quando havia mãe os pintinhos sequer podiam morrer.

O desejo de mãe logo contagiou todo

o galinheiro e se fez mais vivo, mais inquietante na mente dos pintinhos mais velhos. Muitas vezes as doenças infantis atacam os adultos e se tornam para eles mais perigosas, e as ideias também, às vezes. A imagem da mãe, como se formara naquelas cabecinhas aquecidas pela primavera, desenvolveu-se desmesuradamente, e todo o bem chamou-se mãe, o tempo bom e a abundância, e pintinhos, patinhos e peruzinhos ao sofrer se tornavam verdadeiros irmãos, porque suspiravam pela mesma mãe.

Um dos mais velhos jurou que um dia a mãe ele a encontraria, não querendo mais ficar sem ela. Era o único no galinheiro que tinha um nome e se

chamava Curra, porque quando a camponesa com a quirera no avental chamava curra, curra, ele era o primeiro a correr. Era já vigoroso, um pequeno galo em cuja alma generosa alvorecia a combatividade. Esbelto e comprido como uma lâmina, exigia a mãe antes de mais nada para que o admirasse: a mãe que, conforme diziam, sabia proporcionar todas as doçuras, e portanto também a satisfação da ambição e da vaidade.

Um dia, resolvido, Curra com um pulo deslizou para fora da sebe que, densa, contornava o jardim natal. Ao ar livre logo parou desorientado. Onde encontrar a mãe na imensidão daquele vale sobre o qual um céu azul dominava ainda mais

extenso? Não era possível para ele, tão pequeno, buscar naquela imensidão. Por isso não se afastou muito do jardim natal, o mundo que conhecia, e, pensativo, deu a volta nele. Chegou assim na frente da sebe do outro jardim.

— Se a mãe estivesse aqui dentro — pensou — eu a encontraria logo.— Furtando-se à perturbação do espaço infinito atravessou também aquela sebe, e se encontrou num jardim muito parecido àquele de onde vinha.

Aqui também havia um enxame de pintinhos muito jovens que se debatiam no denso relvado. Mas aqui havia também um animal que no outro jardim faltava. Era feito um pintinho, mas enorme, talvez

dez vezes maior que Curra, e dominava no meio dos animaizinhos cobertos apenas de penugem, os quais — isso logo se via — consideravam o grande, poderoso animal seu chefe e protetor. E ele cuidava de todos. Chamava a atenção de quem se afastava demais, com sons muito parecidos àqueles que a camponesa no outro jardim usava para os próprios pintinhos. Mas fazia outras coisas também. De vez em quando aninhava-se sobre os mais fraquinhos cobrindo-os com todo seu corpo, na certa para comunicarlhes o próprio calor.

— Esta é a mãe — pensou Curra com alegria. — Eu a encontrei e agora não vou mais deixá-la. Como me amará! Eu sou

mais forte e mais bonito que todos esses aí. E depois será fácil para mim ser obediente porque já a amo. Como é linda e majestosa. Eu já a amo e quero submeter-me a ela. E a ajudarei também a proteger todos esses tolinhos.

Sem olhá-lo a mãe chamou. Curra aproximou-se acreditando ser ele o chamado. Viu-a ocupada a ciscar a terra com rápidos golpes das unhas poderosas, e parou curioso por aquela operação a que ele assistia pela primeira vez. Quando ela parou, um vermezinho bem pequeno torcia-se diante dela no terreno livre da relva. Agora ela cacarejava enquanto os pintinhos em volta dela não entendiam e olhavam perplexos.

— Bobinhos! — pensou Curra. — Sequer entendem que ela quer que comam aquele vermezinho.— E, sempre levado pelo seu entusiasmo de obediência, precipitou-se rápido sobre a presa e a engoliu.

E então — pobre Curra — a mãe arremessou-se sobre ele furiosa. Na hora ele não entendeu, porque teve também a dúvida. de que ela, que acabara de encontrá-lo, quisesse acariciá-lo com grande fúria. Ele aceitaria reconhecido todas as carícias de que não sabia nada, e que portanto admitia poderem doer. Mas os duros golpes do bico, que choveram sobre ele, na certa não eram beijos, e tiraram dele qualquer dúvida. Quis fugir,

mas o pássaro enorme deu-lhe um encontrão e, derrubando-o, pulou em cima dele enfiando-lhe as unhas no ventre.

Com um esforço enorme, Curra levantou-se e correu para a sebe. Em sua louca corrida derrubou alguns pintinhos, que ficaram ali com as perninhas para o ar piando desesperadamente. Por isso ele pôde salvar-se, porque sua inimiga parou um instante perto dos pintinhos caídos. Chegando na sebe, Curra, com um pulo, apesar dos tantos galhos e gravetos, conseguiu levar seu pequeno e ágil corpo ao ar livre.

A mãe, ao contrário, foi barrada por um denso emaranhado de ramos. E lá ficou ela majestosa olhando como de uma

janela o abelhudo que, exausto, também parara. Olhava-o com terríveis olhos redondos, vermelhos de ira.— Quem é você que se apropriou da comida que eu tinha retirado do chão com tanto esforço?

— Eu sou Curra — disse humildemente o pintinho. — Mas você quem é e por que me machucou tanto?

As duas perguntas ela deu uma só resposta:- Eu sou a mãe — e desdenhosamente virou-lhe as costas.

Algum tempo depois, Curra, agora já um magnífico galo de raça, encontrava-se em outro galinheiro. E um dia ouviu seus novos companheiros falarem com afeto e saudade da mãe deles.

Refletindo sobre o próprio atroz

destino, ele disse com tristeza: — Minha mãe, ao contrário, foi um bicho enorme e medonho, e teria sido melhor para mim se nunca a tivesse conhecido.

O meu ócio

Já o presente, não se pode procurá-lo nem no calendário nem no relógio, que se olham apenas para estabelecer a própria relação com o passado ou para nos encaminhar com uma aparência de consciência rumo ao futuro. Eu, as coisas e as pessoas que me cercam somos o verdadeiro presente.

Meu presente se compõe ele também de vários tempos: um primeiro longuíssimo presente: o abandono dos

negócios. Dura há oito anos. Uma inércia comovente. Veem em seguida acontecimentos importantíssimos que o fracionam. O matrimônio de minha filha, por exemplo, um acontecimento do passado que se insere no outro longo presente, interrompido — ou talvez renovado ou, melhor, corrigido — pela morte de seu marido. O nascimento de meu netinho Umberto, também longínquo porque o presente real em relação a Umberto é o afeto que sinto por ele agora, uma sua conquista de que ele nada sabe e que acredita ser-lhe de direito por nascimento. Ou será que acredita em alguma coisa de modo geral, aquela minúscula alma? Meu presente em relação

a ele é exatamente seu passo pequeno e seguro, interrompido por medos angustiantes, logo curados pela companhia de brinquedos, quando não consegue conquistar a assistência da mãe ou a minha, o avô. Meu presente é também Augusta como ela é agora — coitadinha! — com seus bichos, cães, gatos e pássaros, e sua eterna indisposição da qual não quer se curar com a devida energia. Faz aquele pouco que lhe prescreve o doutor Raulli e não quer ouvir nem a mim — que com força descomunal consegui vencer a mesma tendência, a descompensação do coração — nem a Carlo, nosso sobrinho (o filho de Guido) que voltou há pouco da

Universidade e conhece portanto os mais modernos medicamentos.

Claro, grande parte do meu presente provém da farmácia. Este presente começou numa época que não saberia precisar, mas foi a todo momento cortado por medicamentos e conceitos novos. Onde foi parar o tempo em que eu acreditava providenciar a todas as necessidades de meu organismo ingerindo toda noite uma boa dose de pó de alcaçuz composto ou aqueles simples bromatos em pó ou em solução? Agora com a ajuda de Carlo tenho à disposição meios de luta bem diferentes contra a doença. Carlo me diz tudo que sabe, e eu, ao contrário, não digo tudo aquilo que imagino, porque

temo que ele não esteja de acordo comigo e destrua com suas objeções o castelo que consegui construir com tanto esforço e que me concede uma tranquilidade, uma segurança que as pessoas da minha idade geralmente não possuem. Um verdadeiro castelo! Carlo acredita que eu aceito tão prontamente cada sugestão sua por confiança nele. Imagine! Eu sei que ele sabe muitas coisas e procuro aprendê-las e praticá-las todas, mas com discrição. Minhas artérias estão em desordem e disso não há dúvidas. No verão passado minha pressão sanguínea chegou a 24. Não sei se por causa disso ou de outra coisa, aquele foi um período de profundo desânimo. Por fim o iodato em grandes

doses e depois outro específico de que não lembro o nome baixaram a pressão a 16, onde permanece até agora...Parei um momento de escrever para ir medi-la na maquininha que tenho sempre pronta em minha mesa. É 16 mesmo! Antes sentia-me sempre ameaçado pelo golpe apoplético que sentia chegar a qualquer momento. A proximidade da morte não me tornava realmente bom, porque eu amava pouco todos aqueles que não eram ameaçados pelo golpe e tinham o aspecto odioso de gente segura que se condói, se compadece e se diverte.

Mas, guiado por Carlo, eu curei também órgãos que de maneira alguma haviam pedido ajuda. Mas é claro que

cada órgão meu pode se sentir cansado após tantos anos de trabalho e lhe faz bem ser ajudado. Eu envio o socorro não pedido. Muitas vezes, quando chega a doença, o médico suspira: fui chamado tarde demais! Portanto é melhor prevenir. Não posso começar um tratamento para o fígado quando ele não deu nenhum sinal de estar enfermo, mas não posso correr o risco de acabar como o filho de um amigo meu que, aos 32 anos, em plena saúde, um belo dia ficou amarelo feito um melão por um ataque violento de icterícia e depois morreu em quarenta e oito horas. "Nunca tinha ficado doente", dizia-me o pobre pai, "era um colosso e teve que morrer". Muitos colossos acabam mal. Eu reparei

nisso e fico bem contente de não ser um colosso. Mas a prudência é uma coisa boa, e toda segunda-feira mando de presente para meu fígado uma pílula que o protege de súbitas doenças agudas, pelo menos até a segunda-feira seguinte. Os rins são vigiados por mim com análises periódicas e até agora não deram sinal de estarem enfermos. A dieta exclusivamente à base de leite, às terças-feiras, me dá uma segurança para o resto da semana. Seria demais se outras pessoas que nunca pensaram nos rins os tivessem em funcionamento perfeito ao passo que eu, que toda semana ofereço a eles um sacrifício, viesse a ser retribuído repentinamente com uma surpresa como a

que teve o pobre Copier.

Há cinco anos, mais ou menos, eu fui incomodado por uma bronquite crônica que me impedia o sono e me obrigava muitas vezes a pular da cama e passar, toda noite, várias horas sentado na poltrona. O doutor não quis dizer, mas se tratava também de fraqueza cardíaca. Raulli prescreveu-me então parar de fumar, emagrecer e comer pouca carne. Tendo em vista que parar de fumar era difícil, tentei completar a prescrição renunciando totalmente à carne. Emagrecer tampouco era fácil. Eu pesava então noventa e quatro quilos. Em três anos consegui diminuir dois quilos, portanto para chegar ao peso desejado por

Rauli eu ainda precisaria de dezoito anos. Mas é meio difícil comer pouco, quando é preciso abster-se da carne.

Devo confessar que devo meu emagrecimento exatamente a Carlo. Foi um de seus primeiros sucessos de cura. Ele me propôs pular uma de minhas três refeições cotidianas e eu resolvi sacrificar o jantar, que em Trieste é às oito da noite, diferentemente dos outros italianos que fazem refeição ao meio-dia e jantam às sete. Todo dia eu faço jejum por dezoito horas ininterruptas.

Comecei a dormir melhor. Logo percebi que o coração, não mais ocupado pelo esforço da digestão, podia dedicar cada batida a irrigar as veias, a afastar os

dejetos do organismo, a alimentar principalmente os pulmões. Eu, que já experimentara a horrenda insônia, a agitação enorme de quem almeja a paz e exatamente por isso a perde, deitava inerte esperando tranquilo o calor e o sono que chegava longo, um verdadeiro parêntese na vida desgastante. O sono após uma lauta refeição é bem diferente: o coração fica cuidando somente da digestão, sendo exonerado de qualquer outro cuidado.

Provou-se assim, antes de mais nada, que eu era mais apto a me abster do que a me moderar. Era mais fácil não jantar de vez do que limitar a comida no almoço e de manhã. Nessa refeições já não havia

outras restrições. Duas vezes ao dia eu podia comer quanto quisesse. Isso não fazia mal, porque depois seguiam-se 18 horas de autofagia. Num primeiro momento o almoço de macarrão e legumes era completado por alguns ovos. Depois os suprimi também, não por desejo do Raulli ou de Carlo, mas por causa dos conselhos ajuizados de um filósofo, Herbert Spencer, que descobriu certa lei pela qual os órgãos que — por superalimentação — se desenvolvem muito rapidamente são menos fortes do que os que empregam maior tempo para crescer. Tratava-se de crianças, é certo, mas eu estou convencido que a mudança é ela também um desenvolvimento, e que

mesmo um menino de setenta anos faz bem em amar seus órgãos em vez de super alimentá-los. Depois Carlo concordou com meu teorema, aliás às vezes ele quer fazer acreditar ter sido invenção dele.

Nesse esforço de renunciar ao jantar foi de grande utilidade o fumo com o qual, pela primeira vez em minha vida, reconciliei-me também na teoria. O fumante sabe jejuar melhor que os outros. Uma boa tragada adormece qualquer apetite. É ao fumo mesmo que eu acredito ser devedor por ter conseguido reduzir o peso do meu corpo a oitenta quilogramas. Uma grande tranquilidade, a de fumar agora por medida de saúde. Fuma-se um pouco mais, tendo a consciência

perfeitamente tranquila. No fundo a saúde é um estado realmente miraculoso. Alcançado pela colaboração de vários órgãos cujas funções conhecemos, mas nunca por completo (como admite até Carlo que tem toda a ciência, inclusive a da nossa ignorância), deve-se supor que a saúde perfeita jamais exista. Caso contrário, seria ainda mais miraculoso o fato de ela acabar.

As coisas que se movem poderiam mover-se eternamente. Por que não? Não é esta a lei no céu, onde certamente está em vigor a mesma lei que nesta terra? Mas eu sei que desde o nascimento também a doença é prevista e preparada. Desde o início algum órgão é mais fraco,

trabalha com certo esforço e obriga a certo esforço algum órgão fraterno, e onde há esforço gera-se a fadiga e portanto, enfim, a morte.

Por isso, só por isso, a doença seguida de morte não revela nenhuma desordem na nossa natureza. Eu sou ignorante demais para saber se lá no céu, como aqui na terra, também existe, afinal, a possibilidade da morte e da reprodução. Sei apenas que alguma estrela, e também algum planeta, possui movimentos menos completos. É claro que um planeta que não gira sobre si mesmo é manco, ou cego, ou corcunda.

Mas entre os nossos órgãos existe um que é o centro, quase o sol de um sistema

planetário. Até poucos anos atrás acreditava-se que era o coração. A esta altura todos sabem que nossa vida depende do órgão sexual. Carlo torce o nariz diante das operações de rejuvenescimento, mas ele também demonstra todo respeito quando se fala de órgãos sexuais. Ele diz: se se chegasse a rejuvenescer os órgãos sexuais, na certa todo o organismo rejuvenesceria. Isto não foi possível aprender. Eu o saberia por mim mesmo. Mas não se conseguirá. É impossível. Só Deus sabe qual seria o efeito do implante da glândula do macaco. Talvez o sujeito operado, ao ver uma bela mulher, se sentisse induzido a subir na árvore mais próxima. E este também é um

ato bastante juvenil.

É fácil entender: a mãe natureza é maníaca, tem a mania da reprodução. Mantém em vida um organismo enquanto tem esperanças de que ele se reproduza. Depois o mata, e o faz nos modos mais diversos, por aquela outra sua mania de permanecer misteriosa. Ela não gostaria de revelar seu pensamento recorrendo sempre à mesma doença para eliminar os velhos. Uma doença que torne clara a razão de nossa morte, um pequeno câncer sempre no mesmo lugar.

Eu sempre fui muito empreendedor. Excluída a operação, eu quis enganar a mãe natureza e fazer-lhe acreditar que ainda estava apto à reprodução, e arranjei

uma amante. Foi esta a relação mais calma que tive em minha vida: antes de mais nada não a senti como um erro, ou como uma traição a Augusta. Um sentimento bizarro este: parecia-me que arranjar uma amante era uma decisão equivalente à de entrar numa farmácia.

Depois, naturalmente, as coisas se complicaram um pouco. Acaba-se por entender que uma pessoa inteira não pode ser usada como medicamento: é um medicamento complexo que contém também uma forte proporção de veneno. Eu não era ainda muito velho. É uma história de três anos atrás e eu tinha portanto 67 anos: não era ainda um ancião. Por isso também meu coração, que

como órgão de importância secundária não deveria entrar na aventura, acabou participando dela. E assim aconteceu que por alguns dias Augusta também acabou por obter alguma vantagem da minha aventura e foi acariciada, amada, compensada como na época de Carla. O curioso é que ela não ficou surpreendida, nem percebeu a novidade. Ela vive em sua grande calma e acha natural eu me ocupar dela menos que no passado, mas esta nossa atual inércia não diminui nossa ligação, que foi sendo tecida com carícias e palavras afetuosas. Estas carícias e palavras afetuosas não precisam ser repetidas para que continue, para que exista em algum lugar uma ligação sempre

viva entre nós, e sempre igualmente íntima. Quando um dia, para acalmar minha consciência, segurei-lhe o queixo e a olhei longamente nos olhos fiéis, ela com abandono se aproximou e me ofereceu os lábios: "Sempre afetuoso, você" Na hora fiquei um pouco surpreso. Depois olhando com atenção ao passado, percebi de fato que em mim o afeto nunca faltara de modo a negar o amor antigo que sentira por ela. Eu até a abraçava meio distraído toda noite antes de fechar os olhos ao sono.

Foi bastante difícil encontrar a mulher que eu procurava. Em casa não havia nenhuma que se adaptasse a tal fim, além de que eu era contrário a sujar minha

casa. Eu só o fazia pela necessidade em que me encontrava de lograr mãe natureza, de maneira que ela não pensasse ter chegado o momento de me mandar a doença final, e por uma grande, enorme dificuldade de encontrar fora de casa aquilo que seria bom para mim, um velho ocupado com economia política. Mas não tinha jeito mesmo: em minha casa a mais bela mulher era Augusta mesmo. Havia uma garotinha de quatorze anos que Augusta empregava para alguns serviços. Entendi que, se me aproximasse dela, mãe natureza não acreditaria em mim e me eliminaria rapidamente com aquele raio que também está sempre à sua disposição.

É inútil contar como encontrei

Felicita. Eu, por cuidado de saúde, ia todo dia me abastecer de cigarros muito além da Piazza Unità, o que implicava a obrigação de um passeio de mais de meia hora. A vendedora era uma mulher velha, mas a proprietária da tabacaria, que lá passava várias horas ao dia para tomar conta, era Felicita, uma moça de uns vinte e quatro anos. No começo pensei que ela herdara a tabacaria; bem depois soube que a havia comprado com seu dinheiro mesmo. Foi lá que a conheci. Logo nos entendemos. Agradava-me. Era uma loirinha que se vestia com muitas cores, tecidos que não me pareceram caros, mas sempre novos e muito vistosos. Era orgulhosa da própria beleza, feita de uma

cabecinha pequena aumentada por cabelos cortados curtos mas bem crespos e um corpinho gracioso, muito reto, como se dentro tivesse uma vareta um pouco caída para trás. Logo percebi seu gosto pelas cores variadas. Em casa esse gosto revelava-se inteiro. Por vezes a casa não ficava bem aquecida e um dia registrei as cores de suas roupas: um lenço vermelho amarrado do jeito das nossas camponesas, um xale de brocado amarelo nos ombros, um penhoar bordado em vermelho, amarelo e verde sobre a saia azul e um par de pantufas de lã de várias cores. Uma verdadeira figurinha oriental, ao passo que o rostinho pálido era bem dos nossos lados, com aqueles olhos que olhavam

coisas e pessoas atentamente para delas tirar toda vantagem possível. Assim, logo foi estabelecida uma mensalidade, e para dizer a verdade tão alta que com tristeza a comparei àquelas tão mais suaves de antes da guerra. E a cara Felicita já no dia 20 do mês começava a falar do salário que ia vencer, o que atrapalhava boa parte do mês. Ela foi sincera, transparente. Eu o fui menos, e ela nunca soube que eu chegara a ela após ter estudado textos de medicina.

Eu também logo esqueci isso. Devo dizer que agora sinto falta daquela casa bem simples, com exceção do quarto arrumado com bom gosto, com o luxo correspondente ao que eu pagava, de

cores muito sérias e pobre de luz, em que Felicita aparecia como uma flor de variadas cores. Havia um irmão de Felicita que morava na mesma casa: um homem muito sério, bom operário, técnico em eletricidade, que ganhava bastante bem por dia. Tinha a aparência fraca, mas não era por esse motivo que não casara, mas por economia, como foi fácil entender. Eu falava com ele toda vez que Felicita o chamava para verificar a segurança da luz no nosso quarto. Descobri que irmão e irmã estavam associados para juntar uma certa quantia o mais rápido possível. Felicita levava uma vida muito séria entre a tabacaria e a casa, e Gastone entre a oficina e a casa.

Felicita devia ganhar muito mais que Gastone mas isso não importava, pois — como eu soube mais tarde — a ajuda daquele irmão parecia-lhe necessária. Fora ele a organizar aquele negócio da tabacaria, que se demonstrou um bom emprego de dinheiro. Ele estava tão convencido de levar a vida de homem correto que tinha acentos de desprezo por todos aqueles operários que gastavam tudo o que ganhavam sem pensar no amanhã.

Em suma, estava-se bastante bem juntos. O quarto, tão sério, mantido com muito cuidado, lembrava um pouco a ambulância do médico. Só que Felicita era um remédio um pouco amarginho

demais, que precisava ser engolido sem dar tempo aos órgãos do paladar de saboreá-lo demais. Logo desde o início, aliás antes de fazer aquele contrato e para encorajar-me a fazê-lo, juntando seu corpo ao meu, ela me disse: "Pode ter certeza que você não me dá nojo". Era bastante doce porque dito com muita doçura, mas fiquei estarecido. Na verdade eu nunca havia pensado que não dava nojo. Aliás pensara ter voltado ao amor, do qual por muito tempo me abstivera por uma falsa interpretação das leis da saúde, para dar-me, entregar-me a quem me desejasse. Esta seria a verdadeira prática saudável a que eu aspirava, e que de outro modo seria

incompleta e pouco eficiente. Mas, apesar do dinheiro que eu pagava para a cura, não ousei explicar isso a Felicita. E ela muitas vezes, entregando-se a mim, a estragava com total ingenuidade: "Curioso! Você não me dá nojo". Um dia, com a brutalidade de que sou capaz em certas circunstâncias, murmurei-lhe docemente no ouvido: "Curioso! Nem você me dá nojo!". Isso a fez rir tanto que a cura foi interrompida.

No entanto eu às vezes, para me reerguer, para me sentir mais seguro, mais digno, mais alto, para esquecer ter dedicado uma parte de minha vida ao esforço de não dar nojo, ousei vangloriar-

me comigo mesmo que Felicita, em algum breve instante de nossa longa relação, me amou. E quando procuro uma sua sincera expressão de afeto, não a encontro nem na doçura sempre imutável com que ela me recebia toda vez, nem em seus cuidados maternos com que me protegia das correntes de ar, nem, uma vez, em seu zelo em me cobrir com uma capa do irmão e emprestar-me um guarda-chuva, porque enquanto estávamos juntos desabara uma tempestade, mas lembro um murmúrio sincero: "Como você me dá nojo! Como você me dá nojo!".

Um dia em que eu falava de medicina com Carlo, como de costume, ele me disse: "Você precisaria de uma jovem que

sofra de gerontomania". Quem sabe? Não confessei ao Carlo, mas uma jovem assim eu a encontrara uma vez, e depois a perdera. Só que não acredito que Felicita tenha sido uma gerontomaniaca sincera. Arrancava-me dinheiro demais para se acreditar que ela me amava realmente como sou.

Foi na certa a mulher mais cara que conheci em toda minha vida. Estudava com serenidade, com aqueles seus lindos olhos serenos, amiúde semicerrados para espiar melhor, até que ponto eu me deixaria saquear. No começo, e por longo tempo, contentou-se exatamente com a mensalidade porque eu, ainda não totalmente em suas mãos pela força do

hábito, fazia entender que me recusava a despesas maiores. Tentou muitas vezes colocar a mão no meu bolso e a retirou para não se expor ao risco de me perder. Mas depois, uma vez, conseguiu. Obteve de mim o equivalente a um casaco de pele bastante caro, que depois nunca vi. Uma outra vez quis que eu pagasse um vestido, um modelo de Paris que depois me mostrou. Mas, por mais cego que eu fosse, seus vestidos coloridos não se esqueciam, e descobri tê-la já visto usando aquele vestido. Era uma mulher econômica e fingia o capricho só porque pensava que um homem entende mais facilmente o capricho do que a avareza de uma mulher. E eis como, contra minha

vontade, a relação acabou.

Eu podia ir vê-la duas vezes por semana em horas determinadas. Aconteceu que uma terça-feira, após ter-me encaminhado para ir à casa dela, descobri que ficaria melhor sozinho. Voltei ao meu escritório e serenamente dediquei-me no gramofone à IX sinfonia de Beethoven.

Depois, na quarta-feira, não sentia na verdade tanta necessidade de Felicita, mas foi exatamente minha avareza que me empurrou até ela. Eu pagava uma mensalidade alta e, não aproveitando dos meus direitos, num certo sentido acabava pagando caro demais. É preciso também reconhecer que quando começo uma cura

eu sou muito consciencioso em aplicá-la com a exatidão mais científica possível. Só assim é possível julgar, no fim, se a cura é boa ou ruim.

Com a rapidez que me concedem minhas pernas fui até aquilo que eu considerava o nosso quarto. Naquele momento pertencia a outro. O gordo Misceli, um homem de mais ou menos minha idade, estava sentado numa poltrona num cantinho, enquanto Felicita estava comodamente abandonada no sofá e absorta a degustar um cigarro finíssimo, daqueles que na sua tabacaria não se encontravam. No fundo era exatamente a posição em que ficávamos Felicita e eu quando éramos deixados sozinhos, com a

diferença que, enquanto Misceli não fumava, eu me juntava a Felicita já fumando.

"O senhor deseja?", perguntou Felicita num tom gélido e olhando atentamente para as unhas da mão em que segurava o cigarro.

Eu não encontrava nenhuma palavra para dizer-lhe. Mas me ajudou o fato de que, na verdade, eu não senti nenhum ressentimento pelo Misceli. O homem gordo, velho como eu, na aparência bem mais velho porque desajeitado por causa de seu peso, olhava-me perplexo de trás dos óculos luzidios apoiados na ponta do nariz. Eu sempre acho os outros velhos mais velhos do que eu.

"Oh, Misceli", eu disse bem decidido a não fazer dramas, "há quanto tempo não nos vemos". E lhe estendi a mão em que colocou a mão dele, gorda e mole. Não disse palavra! De fato parecia mais velho do que eu.

Aquela altura, com a objetividade que é própria do homem ajuizado, eu entendera perfeitamente que minha posição era idêntica à do Misceli. Pareceu-me por isso que não havia lugar para ressentimentos. No fundo não passava de um casual tropeção numa calçada. Continua-se a caminhar, por mais que possa doer a parte eventualmente machucada, murmurando uma palavra de desculpas.

Por esse pensamento, o gentleman que sempre fui reconstituiu-se por inteiro em mim. Pareceu-me ser meu dever tornar mais fácil também a posição de Felicita. E lhe disse: "Senhorita, eu precisaria de uma centena de caixinhas de cigarros sport, mas bem escolhidos, porque preciso dar um presente. Leves, por favor. A tabacaria fica um pouco longe e tomei a liberdade de subir um instante".

Felicita parou de olhar suas unhas e foi muito gentil. Levantou-se e quis acompanhar-me até a porta. Baixinho, com intenso tom de reprovação, chegou a me dizer: "Por que não veio ontem?". E logo em seguida: "E por que veio hoje?".

Ofendeu-me. Era repugnante ver-me

limitado a dias fixos e pelo preço que eu pagava. Busquei logo o alívio de deixar explodir meu rancor: "Vim só para avisar que não quero mais saber de você e que não nos veremos mais!".

Ela olhou-me surpresa e para me ver melhor afastou-se de mim dobrando-se por um momento ainda mais para trás. Realmente uma atitude estranha, mas que lhe dava uma certa graça de pessoa segura que sabe conservar o equilíbrio mais difícil.

"Como quiser", disse ela, dando de ombros. Depois, para ter certeza de ter-me entendido bem, no momento de abrir a porta, perguntou-me: "Então não nos veremos mais?". E me olhou perscrutando

minha cara.

"É isso mesmo, não nos veremos mais", eu disse com raiva. Ia começar a descer os degraus quando ruidosamente aproximou-se da porta o gordo Misceli gritando: "Espere, espere, vou com você. Também já disse à senhorita de quantos cigarros sport eu preciso. Cem. Como você". Descemos junto os degraus enquanto Felicita, depois de uma longa hesitação que me deixou feliz, fechou a porta.

Descemos a grande ladeira que conduzia à Piazza Unità, lentamente, com cuidado para colocar os pés no lugar certo. Na ladeira ele, mais pesado, parecia certamente mais velho do que eu.

Houve até um momento em que tropeçou e quase caiu, e eu prontamente o socorri. Não me agradeceu. Estava um pouco ofegante e a dificuldade daquela ladeira não acabara ainda. Por isso, somente por isso não falava. E de fato quando chegamos no plano atrás do paço municipal, soltou o travalinguês e falou: "Eu não fumo sport. Mas é o cigarro preferido por nosso povo. Preciso dar um presente a meu marceneiro e então queria achar uns cigarros bons, daqueles que a senhorita Felicita sabe achar".

Agora que falava só conseguia caminhar passo por passo. Parou de vez para procurar algo num dos bolsos de suas calças. Puxou uma caixa de ouro para

cigarros; apertou um pequeno botão e a caixa se abriu. "Quer um?", perguntou. "São sem nicotina." Aceitei e também parei para acendê-lo. Ele ficava parado só para encontrar de novo o lugar da caixa em seu bolso. E eu pensei: "Podia encontrar um rival que fosse mais digno de mim" De fato eu me movia melhor que ele tanto na subida como no plano. Comparado a ele eu era até um rapaz. Ainda por cima ele fumava cigarros sem nicotina e sem sabor algum. Quão mais viril era eu, que sempre tentara não fumar, mas na patifaria dos cigarros sem nicotina nunca pensara.

Como Deus quis chegamos até a porta da Bolsa, o Tergesteo, onde nos

separaríamos. Misceli agora falava de coisas bem diferentes: negócios da Bolsa, de que era grande entendedor. Mas parecia-me afobado e também um pouco pensativo. Parecia-me em suma que falava mas não escutava a si mesmo. Como eu, que não o escutava mesmo, mas o olhava tentando entender exatamente aquilo que não dizia.

E eu não quis separar-me dele sem tentar ficar mais bem informado sobre aquilo que ele não dizia. E com essa finalidade comecei por revelar-me inteiro. Explodi: "Aquela Felicita não vale nada". Misceli ficou tão sem jeito que me deu um novo espetáculo: sua grande mandíbula inferior teve um

movimento que lembrava o dos ruminantes. Será que se preparava a falar começando a mover aquele órgão antes de saber o que iria dizer?

Depois disse: "Eu não acho. Tem ótimos sport". Queria continuar a estúpida comédia indefinidamente. Eu fiquei bravo: "Mas afinal você vai voltar a ver a senhorita Felicita?".

Um outro momento de hesitação: sua mandíbula avançou para frente, viajou para a esquerda e voltou para a direita antes de se apoiar no lugar certo. Depois disse, e pela primeira vez revelou um grande desejo de rir: "Claro, voltarei lá logo que precisar de mais sport".

Eu também ri. Mas quis outras

explicações: "Por que então você a deixou hoje?".

Ele hesitou e vi que em seus olhos turvos que se fixavam lá no fim da rua manifestava-se uma grande tristeza: "Eu tenho umas superstições. Quando sou interrompido em alguma coisa acredito logo ver o dedo da providência e abandono tudo. Uma vez estava indo para Berlim para um negócio importante e parei em Seiana, onde o trem não sei por qual motivo foi impedido de prosseguir por várias horas. Acho que as coisas deste mundo não devem ser forçadas... principalmente na nossa idade".

Não foi suficiente e perguntei-lhe: "Você não se importou ao ver que eu

também ia buscar os sport na casa da senhorita Felicita?".

Ele respondeu logo decidido de modo que sua mandíbula não teve tempo de voltar: "E que me importa? Ciumento eu? Nunca mais! Somos velhos, nós dois. Somos velhos! Podemos nos conceder às vezes fazer amor. Mas ciumentos não devemos ser porque caímos facilmente no ridículo. Ciumentos nunca! Se posso lhe dar um conselho, não demonstre ser ciumento porque vão rir de você".

As palavras soavam bastante afáveis, como estão escritas nesta página, mas o tom era bastante forte, prenehe de ira e de desprezo.

Corado no rosto gordo ele se

aproximara de mim e, mais baixo, me media olhando para cima, como se tentasse descobrir no meu corpo o ponto mais vulnerável a ser atingido. Por que estava bravo comigo ao mesmo tempo que se declarava não ciumento? Que mais lhe fizera eu? Talvez estivesse bravo comigo porque seu trem parara em Sezana quando ele estava indo para Berlim.

Nem eu sentia ciúmes. Isto é, eu queria saber quanto ele pagava por mês para Felicita. Pensava que se soubesse que ele pagava mais do que eu — como me parecia justo —, podia me declarar feliz.

Mas nem tive tempo de indagar. De repente Misceli se fez mais manso e

apelou à minha discrição. Sua mansidão converteu-se em ameaça quando lembrou que estávamos um nas mãos do outro. Tranquilei-o: também eu era casado e sabia que importância podia ter no nosso caso uma palavra imprudente.

"Oh!", fez ele com um gesto tranquilizador, "não é por minha mulher que recomendo a discrição. Há vários anos que minha mulher não se ocupa de certas coisas. Mas sei que você também está se tratando com o doutor Raulli. E ele ameaçou me abandonar se eu não seguir suas prescrições, se eu beber um só copo de vinho, se eu fumar mais de dez cigarros ao dia, mesmo sem nicotina, e se eu não me abster... de tudo o mais. Ele diz que

o corpo de um homem da nossa idade é um corpo que está em equilíbrio somente porque não sabe de que lado cair. Por isso é preciso não indicar-lhe o lado, porque então sua decisão seria fácil". Continuou comiserando-se: "No fundo é fácil prescrever para outro: não faça isso, nem aquilo, nem aquilo mais. Poder-se-ia também dizer-lhe que em lugar de viver assim seria melhor resignar-se a viver alguns meses a menos".

Ficou ainda alguns instantes comigo e os empregou para informar-se sobre minha saúde. Disse-lhe que uma vez minha pressão tinha chegado a 24, coisa que o deixou muito contente, porque a dele nunca ultrapassara 22. Com um pé no

degrau que conduz ao Tergesteo despediu-se amigavelmente e me disse: "Cuidado, boca de siri".

Aquela bela figura retórica do doutor Raulli, do corpo do velho que permanece de pé porque não sabe de que lado cair, foi minha obsessão por alguns dias. Claro que o velho doutor quando dizia "lado" queria significar órgão. E aquele equilíbrio também tinha seu significado. Raulli devia saber aquilo que dizia. Para nós velhos, aquilo que se chama saúde deve ser entendido como um enfraquecimento progressivo e contemporâneo de todos os órgãos. Ai se um deles ficar atrasado, isto é, jovem demais. Fico pensando então que a

colaboração pode se transformar em luta e que os órgãos fracos podem ser tratados a socos, é fácil imaginar com que magnífico resultado para a economia geral. A intervenção de Misceli podia portanto ter sido obra da providência que tutelava minha vida e mandara até me dizer, por meio daquela boca de mandíbula vagante, como eu devia me comportar.

E voltei pensativo ao meu gramofone. Na nona sinfonia voltei a encontrar os órgãos em colaboração e em luta. Em colaboração nos primeiros movimentos, especialmente no scherzo, onde até aos tímpanos é concedido sintetizar com duas notas aquilo que ao redor deles todos murmuram. A alegria do último

movimento pareceu-me rebelião. Rude, de uma força que é violenta com leves, breves compadecimentos e hesitações. Não por acaso no último movimento interveio a voz humana, o som menos razoável em toda a natureza. É verdade que outras vezes eu interpretara aquela sinfonia como a mais intensa representação de entendimento entre as forças mais divergentes, nas quais enfim é acolhida e fundida também a voz humana. Mas naquele dia a sinfonia executada pelos mesmos discos pareceu-me como disse.

"Adeus, Felicita", murmurei quando a música se apagou. Era preciso não pensar mais nela. Não valia a pena arriscar por

ela a ruína repentina. Havia tantas teorias médicas neste mundo que era difícil deixar-se orientar por elas. Aqueles médicos patifes haviam contribuído apenas para tornar a vida mais difícil. As coisas mais simples são por demais complicadas. Abster-se das bebidas alcoólicas é uma prescrição da mais evidente verdade. Mas por outro lado sabe-se que às vezes o álcool possui propriedades curativas. Terei que esperar a intervenção do médico para conceder-me o conforto de tão poderoso medicamento? Não há dúvidas de que a morte é por vezes obra de um capricho repentino, que poderia ser capricho passageiro de um órgão, ou da casual

coincidência momentânea de várias deficiências. Seria momentânea — quero dizer — se não for seguida de morte. É preciso fazer com que seja momentânea. Portanto a intervenção deve ser rápida e até prevenir o espasmo por atividade excessiva ou o colapso por inércia. Para que esperar o médico que chega e corre só para anotar a visita? Eu só posso ser avisado em tempo da necessidade de intervenção por um leve mal-estar. Infelizmente os médicos não estudaram o que pode ajudar em tais casos. Por isso engulo várias coisas: jogo para dentro um purgante com um gole de vinho e depois fico me estudando. Pode haver a necessidade de outra intervenção: um

copo de leite, mas também umas gotas de digitalina. As minúsculas quantidades que foram aconselhadas por aquele excelso homem que foi Hannemann. Aquelas minúsculas quantidades cuja presença é suficiente para produzir as reações necessárias à ativação da vida, como se um órgão, mais que ser alimentado ou excitado, precisasse ser lembrado. Vendo uma gota de cálcio, exclama: "Oh, veja só! Tinha me esquecido. Meu dever é trabalhar".

Esta era a condenação de Felicita. Não se podia dosá-la. À noite veio a minha casa o irmão de Felicita. Fiquei estarecido ao vê-lo, ainda mais que fora a própria Augusta que o conduzira ao meu

escritório. Temendo aquilo que ele queria me dizer fiquei bem contente quando Augusta logo se afastou.

Ele abriu um embrulho de onde tirou um pacote: cem caixinhas de cigarros sport. Separou-os em cinco partes, cada uma com vinte caixinhas, e assim foi fácil verificar a quantidade. Mostrou-me em seguida como cada caixinha era macia ao tato. Haviam sido escolhidas uma a uma de um grande lote. Tinha certeza que eu ficaria contente.

Eu estava de fato bem contente, porque depois do susto que levara sentia-me totalmente tranquilizado. Paguei logo as 160 libras que lhe devia e agradeci até alegremente. Alegremente mesmo, porque

eu estava com muita vontade de rir. Curiosa mulher aquela Felicita que, abandonada, não negligenciava os interesses da sua tabacaria.

Mas o pálido homem, alto, mirrado, após ter enfiado no bolso o dinheiro recebido, não dava sinal de ir embora. Não parecia o irmão de Felicita. Eu já o vira outras vezes, porém mais bem vestido. Agora estava sem colete e sua roupa estava limpa, mas realmente surrada. Estranho que sentisse também a necessidade de ter um chapéu especial para os dias de trabalho: aquele que usava estava realmente sujo e deformado pelo longo uso.

Olhava-me intensamente e hesitava em

falar. Parecia que seu olhar um pouco turvo, em que a luz brilhava fora de lugar, me convidasse a adivinhar o que tinha para me dizer. Quando finalmente falou seu olhar se fez ainda mais suplicante, tão suplicante que acabou parecendo ameaçador. Suplicar intensamente já resvala uma ameaça. Eu entendo muito bem que, colocadas à mercê de certos camponeses, as imagens dos Santos a quem foram dirigidas as preces acabem, por punição, debaixo da cama.

Finalmente disse com voz segura: "Felicita diz que estamos no dia dez".

Olhei o calendário do qual todo dia tiro uma folha e disse: "Tem razão. Estamos no dia dez. Não tem dúvida".

"Mas então", disse ele hesitante "ela é credora pelo mês todo".

Um instante antes de ele falar eu entendera por que me induzira a olhar o calendário. Acho que corei no momento em que descobria que entre irmão e irmã tudo era claro, sincero, honesto, com base em contas precisas. A única palavra que me surpreendeu foi o pedido explícito de pagar pelo mês inteiro. Na verdade eu estava em dúvida se realmente tinha de pagar algo. Na minha relação com Felicita nunca fizera as contas com tanta exatidão. Eu não pagara sempre com antecipação e não estava portando saldada aquela fração de mês com o pagamento já feito? E fiquei um pouco de boca aberta olhando aqueles

olhos estranhos para entender se eram de súplica ou de ameaça. É próprio de um homem de grande e longa experiência como eu não saber como se comportar, porque sabe que de uma palavra sua, de uma sua ação, podem resultar as coisas mais imprevistas. Basta ler a história universal para saber como causas e efeitos podem se colocar nas relações mais estranhas.

Na dúvida fui pegando a carteira e também contando o dinheiro com o cuidado de não confundir uma nota de cem com uma de quinhentos. E quando contei todas as notas as entreguei a ele. Assim tudo foi feito enquanto eu acreditava estar agindo para ganhar tempo. E pensei: "Por

ora pago, depois pensarei nisso".

Mas o irmão de Felicita não pensou mais naquilo, tanto é que seu olho parou de me olhar e perdeu toda intensidade. Colocou o dinheiro num bolso diferente daquele em que colocara as cento e sessenta liras. Mantinha as contas e o dinheiro separados. Cumprimentou-me: "Boa noite, senhor", e saiu. Mas logo voltou porque havia esquecido sobre uma cadeira onde o colocara um pacote parecido àquele que entregara a mim. Para se desculpar por ter voltado, disse: "São outras cem caixinhas de sport que preciso levar a outro senhor".

Na certa eram para o coitado do Misceli que, ele também, nem podia

suportar aqueles cigarros. Eu porém fumei todos aqueles cigarros, menos umas caixinhas que dei de presente a meu chauffeur, Fortunato. Quando pago alguma coisa, mais cedo ou mais tarde acabo consumindo-a. É uma prova do senso de economia que está em mim. E toda vez que tinha aquele sabor de palha na boca lembrava mais intensamente Felicita e seu irmão. De tanto pensar consegui lembrar com certeza absoluta que eu de fato não pagara as mensalidades que devia antecipadamente. Após ter pensado que eu fora burlado em muito, foi um alívio para mim descobrir que me haviam feito pagar só vinte dias a mais.

Acho que em seguida voltei ainda uma

vez à casa de Felicita, antes que transcorressem os vinte dias pelos quais pagara, só por aquele meu já louvado senso de economia que me fizera engolir também os sport. Eu disse a mim mesmo: "Já que paguei, quero arriscar mais uma vez — a última — o perigo de indicar a meu organismo de que lado pode tombar. Uma só vez! Nem perceberá a boa oportunidade".

A porta do apartamento abriu-se justamente no instante em que eu ia tocar a campainha. No escuro vi com surpresa o belo rostinho pálido emoldurado no chapéu vermelho que lhe cobria a cabeça até as orelhas e a nuca, feito uma viseira. Um cacho loiro, só um, saía do

chapeuzinho caindo-lhe sobre a testa. Eu sabia que mais ou menos àquela hora ela costumava ir à tabacaria para cuidar daquela parte de sua gestão comercial mais complicada. Mas esperara induzi-la a atrasar aquele pouco tempo de que eu necessitava.

Ela não me reconheceu de imediato no escuro. Disse em forma de pergunta um nome que não era nem o meu nem do Misceli, mas que não ouvi bem. Quando me reconheceu estendeu-me a mão gentilmente sem sombra de rancor e com uma certa curiosidade. Eu segurei sua mãozinha fria em minhas mãos e me tornei agressivo. Ela deixou ficar inerte aquela mão mas desviou a cabeça. Nunca a

vareta sobre a qual era construída inclinara-se tanto para trás, tanto que fui tentado a largar aquela mão e agarrá-la pela cintura, sem outro motivo senão segurá-la.

E aquele rosto longínquo enfeitado por aquele único cacho olhava-me. Olhava mesmo para mim? Ou olhava um problema que criara e que precisava de uma solução rápida, imediatamente, ali no patamar daquela escada?

"Agora é impossível", disse após uma longa hesitação. Olhou-me ainda. Depois toda hesitação sumiu dela. Sua figurinha permaneceu naquela posição tão perigosa, imóvel, e seu rostinho continuou pálido e sério debaixo daquele cacho loiro, mas,

sem pressa, demonstrando agir em seguida a uma resolução séria, retirou sua mãozinha.

"Sim! É impossível", acrescentou. Repetia suas palavras para fazer acreditar que estudava ainda se havia algum meio de me deixar contente, mas além dessa repetição não havia nela outro sinal de que realmente ainda estudasse ou pensasse algo. Então ela já decidira, definitivamente.

E me disse, depois: "Você teria de voltar, se puder, no começo do mês...vou ver... vou pensar".

Foi há pouco tempo, somente depois que escrevi esta história dos meus amores com Felicita, que me tornei bastante

objetivo para julgar a mim mesmo e a ela com suficiente justiça. Eu me encontrava ali para afirmar meu direito àqueles poucos dias abonados que ainda faltavam. Ela, ao contrário, comunicava-me que com minha renúncia eu perdera aquele direito. Acredito que se ela me tivesse proposto pagar para iniciar um novo abonoamento, eu teria sofrido menos. Tenho certeza, além disso, que eu não teria fugido. Naquele momento eu estava encaminhado ao amor, que na minha idade assemelha-se muito a um crocodilo em terra firme, o qual, conforme dizem, precisa de muito tempo para mudar de direção. Teria pagado logo pelo mês inteiro, mesmo que fosse com o propósito

de fazê-lo pela última vez.

Mas assim me indignei. Não encontrei palavras; quase não encontrei o ar para respirar. Eu disse: "Uff" com a máxima indignação. Pensei ter dito algo e fiquei por um momento parado como esperando que àquele meu "uff", um grito que devia feri-la e aliviar meu profundo desconforto, ela responderia alguma coisa. Mas nem ela nem eu dissemos mais nada. Comecei a descer os degraus, e me voltei para vê-la de novo. Quem sabe havia agora naquele rostinho pálido algum sinal que desmentisse tão duro egoísmo, tão frio cálculo. Não vi o seu rosto. Estava ocupada em colocar a chave na porta para fechar o apartamento que ia

ficar vazio por algumas horas. Eu disse mais uma vez: "Uff", mas não tão alto para ser ouvido por ela. Dizia-o ao mundo inteiro, à sociedade, às nossas instituições e à mãe natureza, que haviam permitido, todos eles, que eu me encontrasse naqueles degraus e naquela situação.

Foi meu último amor. Agora que toda a aventura faz parte de fatos do passado, não o considero tão indigno, porque Felicita com aqueles seus cabelos loiros, o rosto pálido, o narizinho afilado, os olhos misteriosos, a palavra parca que não revelava quão frio fosse aquele seu coração, pode ser lembrada com saudade. Mas, depois dela, não houve lugar para outros amores. Ela me educara. Eu, até

então, quando o caso me permitia ficar por mais de dez minutos ao lado de uma mulher, sentia brotar-me do coração esperança e desejo. Certamente eu desejava esconder as duas coisas, mas mais forte ainda era o desejo de aumentá-las para sentir melhor a vida e meu pertencer a ela. Para aumentá-las era só vesti-las com palavras e revelá-las. Sabe-se lá quantas vezes riram de mim! Para a carreira de ancião, a que estou condenado agora, fui educado por Felicita. Só agora sei que em amor eu valho por aquilo que pago.

E sempre reparo em minha feiura. Esta manhã, acordando, estudei em que posição encontrara minha boca no

momento em que abri os olhos. A mandíbula inferior pendia para o lado em que ficara deitado e senti fora de lugar também a língua inerte e inchada.

Pensei logo em Felicita, em quem muitas vezes penso com desejo e ódio. Naquele momento murmurei: "Tem razão".

"Quem tem razão?" perguntou Augusta que estava se vestindo.

E eu respondi logo: "Tem razão um tal de Misceli que encontrei por acaso, e que me disse que não se sabe por que nascemos, vivemos e ficamos velhos".

Assim dissera-lhe tudo, sem me comprometer nem um pouco.

E ninguém até agora ocupou o lugar de Felicita. Procuro ainda enganar mãe

natureza, que fica de olho em mim para me suprimir logo que perceber que não sou mais apto à reprodução. Com dosagem sábia, exatamente nas quantidades indicadas por Hannemann, eu tomo diariamente um pouco daquele remédio. Olho as mulheres que passam, acompanho o seu passo procurando ver em suas pernas algo mais que um simples instrumento para caminhar, e sentir novamente o desejo de pari-las e acariciá-las. Também aqui a dosagem se torna mais avarenta daquilo que eu e Hanneman desejaríamos. Quer dizer, preciso tomar cuidado para que meus olhos não revelem o que procuram, e assim é fácil entender porque é tão raro o

remédio fazer efeito. Pode-se prescindir de ser acariciado por alguém para se chegar a um sentimento forte, mas não se pode fingir uma indiferença absoluta sem correr o risco de esfriar a própria alma. Entendo escrito isto, entendo melhor minha aventura com a velha Dondi. Eu a cumprimentei só para fazer-lhe sentir melhor sua beleza. É o destino dos velhos fazer belos cumprimentos.

Não se deve crer que tais relações fugitivas e que se têm apenas com a finalidade de se salvar da morte não deixem rastros, não acabem por adornar e perturbar a vida do mesmo modo que minha relação com Carla ou com Felicita. Às vezes — raramente — pela forte

impressão recebida chegam a deixar uma lembrança inesquecível. Eu me lembro de uma senhorita sentada à minha frente no bonde. Como deixou lembranças! Chegamos a uma certa intimidade porque lhe dei um nome: Ânfora. Não tinha um rosto muito bonito mas uns olhos acesos, um pouco redondos, que olhavam tudo com grande curiosidade e astúcia um pouco infantil. Devia ter mais de vinte anos, mas eu não ficaria maravilhado se ela para rir puxasse às escondidas as tranças fininhas de uma menina que por acaso sentava a seu lado. Pela sua forma rara, não sei se dela mesma ou conferida pelo vestido, seu busto, embora delgado, parecia uma ânfora elegante apoiada

sobre a bacia. E eu admirei muito aquele busto, e para enganar melhor mãe natureza que me tinha de olho, pensei: "Na certa não posso morrer por enquanto, porque, se esta menina quisesse, eu estaria ainda disposto a procriar".

Meu rosto deve ter tomado um aspecto curioso olhando aquela ânfora. Excluo que tenha sido a de um sátiro, porque eu pensava na morte. Mas alguém viu em mim o desejo. Como percebi depois, a jovem, que devia pertencer a uma família de posses, estava acompanhada por uma velhinha, criada que a acompanhou quando ela saiu do veículo. E foi esta velha que passando a meu lado e olhando-me murmurou: "Velho sátiro". Chamava-

me de velho. Chamava a morte. Eu lhe disse: "Velha imbecil". Mas ela se afastou sem responder.

Nós do bonde de Sérvola

Nós do bonde de Sérvola temos todos um aspecto manso de animais pacientes e surrados, e isso precisamente pelo fato de pertencermos ao bonde de Sérvola. Não só por esse aspecto nos conhecemos, nós do bonde de Sérvola, mas nos conhecemos todos pelo nome, sobrenome e família, há muitos anos, porque diariamente nos encontramos nos vários pontos da cidade esperando o bonde de Sérvola a que pertencemos. Por isso entre

nós do bonde de Sérvola são muito numerosos os casamentos e seria preciso abolir o bonde de Sérvola, porque senão, com prejuízo da raça, logo teremos casamentos consanguíneos. Outros dizem que a nós do bonde de Sérvola deveria ser permitida a bigamia, porque uma vez casados, nós do bonde de Sérvola não sabemos mais o que fazer enquanto esperamos o bonde de Sérvola. É bom que a raça do pessoal do bonde de Sérvola se reproduza numa época violenta como esta para amansar os costumes, porque nós do bonde de Sérvola somos tão bons que até agora nenhuma viatura do bonde de Sérvola saltou pelos ares. As autoridades sabem disso porque para

aqueles do bonde de Poggioreale, raça saída do granito, logo providenciaram uns caminhões. É verdade que entre os bondes de Sérvola nunca houve um incêndio. Andam tão devagar que queimariam por um século.

E quando morremos, nós o bonde de Sérvola temos a grande surpresa de partir na hora certa, porque é a primeira vez em nossa vida que para nosso transporte não foi encarregado o bonde de Sérvola. Depois, fazendo o balanço de nossa vida, constatamos que metade da mesma foi empregada a esperar o bonde de Sérvola e a outra metade a desejar que o bonde de Sérvola fosse, em seus trilhos, para aquele lugar. Tendo em vista este balanço

de vida, não dá para entender como nós do bonde de Sérvola podemos ainda nos considerar pertencentes ao único distrito industrial desta cidade.

La Nazione, Trieste, 23 de agosto de 1919

II Escrevem para nós: "Nós do bonde de Sérvola somos mais facilmente organizáveis do que os outros operários. Basta que o bonde de Sérvola atrase metade de um dia ou elimine por um dia inteiro uma motriz e todas as viaturas, e lá estamos todos nós amontoados num único vagão, colocados na melhor posição (embora incômoda) para discutir nossos

interesses."

"Tímidos como somos nunca falamos mal do bonde de Sérvola porque, embora difícil, não está excluída a hipótese de ele piorar. Eis o relatório da última reunião."

"Um dos membros, permanecendo de pé, contou ter sabido de fonte segura que nós tínhamos comunicações mais frequentes do que entre NovaYork e São Francisco, duas cidades mais importantes que Sérvola e a própria Trieste. Portanto não devíamos nos queixar."

"De um buraco no forro, um outro, que não tendo encontrado outro lugar senão em cima do teto debaixo do trole, gritou que ao passo que o bonde de Sérvola só atrasa umas horas, o trem de

Wladiwostock uma vez atrasou três semanas. "Sendo assim", acrescentou o sujeito do trole, "aqueles coitadinhos, que tiveram de comer fora de casa por três semanas inteiras aos preços atuais, devem estar arruinados". Pelo menos nós do bonde de Sérvola sempre comemos em casa, porque quando o bonde para de andar, vamos a pé."

"Um terceiro, que estava sentado porque esfacelado no assento por uma mulherona gorda que não encontrara outro lugar senão em cima dele, talvez com suas últimas palavras, disse: "De modo geral a Diretoria do bonde vem ao encontro de nossos interesses de todas as maneiras. De acordo com a tarifa, pagamos 40

centavos se permanecemos na viatura até ela chegar ao limite extremo deste lado da cidade, mas não pagamos mais se com ela atravessarmos toda a cidade e chegarmos até mesmo em Barcola. Verdade é que nenhum de nós chegou alguma vez até aquela zona, que é magnífica mas fica longe do golfo de Muggia. A culpa é nossa, porque o dia de nós do bonde de Sérvola só tem 24 horas".

"Um sujeito mal-encarado pediu a palavra e a obteve, porque os outros, exauridos pela longa espera, não podiam mais falar. Ele não era um de nós do bonde Sérvola porque disse: "Vocês do bonde de Sérvola são os únicos italianos que seguem as prescrições de Nitti e não

gastam. Com o preço de quatro corridas (1,60 libras) vocês ocupam todas as horas livres. Seria preciso introduzir em toda a Itália o bonde de Sérvola e a Nação estaria salva. Nós acionistas estaríamos mais salvos ainda".

"O bonde parou. O acionista saiu, mas uns cinquenta de nós tiveram que descer para ele passar. Estando no chão, cantaram para ele: "Ave Ccesar..."

"Assim aquela noite em casa pudemos contar para nossa mulheres sonolentas que nos tínhamos atrasado não por causa de um atraso do bonde, mas para discutir a administração do bonde mesmo. Mas elas gritaram: "Vocês perderam tempo. O bonde de Sérvola não pode ser mudado.

Melhor vocês proporem transferir Sérvola inteira para a Piazza dell'Unità!".

La Nazione, Trieste, 30 de agosto de 1919

Tendo sabido que o bonde de Sérvola colocara duas novas viaturas para um serviço suplementar entre Campo Marzio e Sérvola, convidei um estrangeiro que estava visitando Sérvola para ir ver a coisa mais fantástica de nosso país, isto é, o bonde com o serviço melhorado. O estrangeiro estava um pouco preocupado. Tendo lido com pouca atenção as notícias sobre Trieste, pensava que este fosse o bonde do descarrilamento incoercível.

Imagine! Aqui se provê para que os trilhos tenham o tempo de se cobrir de pó e também de ferrugem. Aqui não se descarrila e se procede com toda cautela.

Esperamos o bonde por muito tempo. Naquele momento faltavam as viaturas suplementares, que para aumentar sua agilidade não possuem vagões, e — mas isso é natural — faltavam também aquelas que chegam do Boschetto e que são tão mais pesadas.

Depois, chegado o bonde, ficamos comodamente sentados até que o solo rebaixou-se pelo uso produzido pelos pés dos usuários, tão numerosos na linha do bonde de Sérvola.

Primeira parada: diante da Moenda de

Azeite. Creio ser meu dever oferecer uma distração a meu hóspede contando-lhe a história da Moenda, seus vários incêndios a que eu assisti, as venturas e desventuras de todos os seus diretores. Descrição dos seus vários produtos, que se tornaram tão mais vários durante a guerra. Depois encontro outro assunto na história de tantas bombas caídas por aquele lados. Seria um desastre se o bonde estivesse parado naquele lugar dois anos antes. Falamos em seguida de balística e de aviação. Diferença entre bondes e aviões.

O motorneiro diz que o bonde do Boschetto é que deve ter atrasado. Talvez haja uma revolução na cidade, ao passo que nós estamos tão calmos nesse lugar.

Faz calor, mas um companheiro nosso conta como fazia frio no lugar oito meses atrás e isso traz um pouco de refrigério. Porém para tornar o bonde mais leve tiraram as cortinas.

Segunda parada: o Lloyd. Aqui posso dar livre desabafo à minha dor de triestino, porque no Lloyd não existe mais o Lloyd. Com a permissão do motorneiro descemos da viatura e temos a oportunidade de ver as enormes oficinas e esticar as pernas. A torre é construída com pedra da Istria. História desse lugar que podemos ver também daquele ponto. A história acompanhada da visão dos lugares onde ela se desenrolou é muito instrutiva. Daquela parada se vê o Taiano.

Orografia da nossa região. Grotte, Postumia, S.Canziano, *etc.* Depois, faltando outros assuntos, de novo história das bombas: ainda bem que caíram ao longo de toda a linha.

Terceira parada: Campos Eliseos. Nome delicioso. O mar e a vista são os mesmos que no Lloyd. O estrangeiro pensa em construir hotéis nas várias paradas. Discussão sobre os preços possíveis para os nossos bolsos. O motorneiro avisa que a Diretoria — porque como se vê não há falta de vagões — pensa em adaptar alguns a restaurantes e vagões-leito. Desilusão do estrangeiro que pensava enriquecer na linha do bonde de Sérvola. Reconhece contudo que é um

bonde ideal para um estrangeiro que queira conhecer o lugar a fundo.

P.S. — De Sérvola um anônimo escreve-me protestando pelo fato de eu chamar bonde de Sérvola um bonde que para a mais de um quilômetro daquele bairro. Mas que posso eu fazer se os servolanos toleraram por tantos anos que as viaturas levem afixado na frente o nome de seu lugar natal? A coisa já está feita e não tem mais jeito. Além dos nossos burricos, devemos ficar também com o bonde.

Meu anônimo diz que aquele bonde na realidade é de Trieste e acrescenta: Naturalmente em Sérvola sabemos o que se fala de nós em Trieste, mas em Trieste

ignoram o que nós dizemos da cidade deles'.

La Nazione, Trieste, 10 de setembro de 1919

Muitas pessoas condenadas para o resto da vida ao bonde de Sérvola rogaram-me que lhes procurasse explicações para o fato de que, desde que sobre nossa região começou a soprar enfurecida a bora, são destinados a Sérvola só vagões e motrizes abertas. Apresentei-me à Diretoria do bonde na qualidade de jornalista de Sérvola e fui logo recebido por um altíssimo funcionário, que mereceria ser erguido

mais alto ainda.

Ele me disse que nós tínhamos agora durante todo o inverno a honra de hospedar na nossa linha as viaturas mais chics das termas de Barcola. Com evidente lapsus lingue, acrescentou: "Durante o inverno são destinados ao serviço das termas de Sérvola. É uma grande concessão que fazemos a vocês".

Eu preparara uma lista das perguntas que queria fazer-lhe e em primeiro lugar perguntei como seriam resolvidas as diferenças de preços do bilhete quando um passageiro fosse soprado para fora a meio caminho. Nós exigíamos o reembolso do bilhete inteiro.

Respondeu-me que a última bora

encontrara a Diretoria do bonde desprevenida. Durante o inverno, em cada viatura haveria um depósito de pedras que os passageiros deveriam colocar em seus bolsos para aumentar seu peso específico. Se deixassem de cumprir uma medida de prudência tão simples, a Diretoria do bonde não reembolsaria a seus herdeiros nem a metade do valor do bilhete.

Eu objetei que o acaso, que era soberano na formação das rajadas, poderia fazer voar para fora o motorneiro ou o encarregado dos freios. E então?

O funcionário respondeu que para o motorneiro não havia perigo. Por causa do alto preço do bilhete, meia hora após a primeira corrida o motorneiro pesava

tanto que nem ia se importar com a bora. Quanto ao encarregado dos freios, a sociedade mantinha alguns substitutos prontos no depósito, e no caso de imprevisto desaparecimento de um deles, seria substituído com relativa rapidez.

De repente o funcionário irritou-se: "Vocês servolanos não percebem como é vantajoso para vocês terem viaturas menos pesadas? Seria um desastre se aquela que se desmantelou fosse fechada e tivesse vidros. É um acidente que na linha de vocês pode se repetir e deveriam admirar o zelo com o qual nós trabalhamos. Por outro lado esses vagões refrigerados têm também a finalidade de fazer chegar fresco na cidade o pão de

vocês. É desta maneira que se transporta carne na América, aliás em vagões ainda mais frios. Eu gostaria que vocês experimentassem viajar num desses vagões".

Assustado perguntei ainda: "Por que vocês não destinam aquelas viaturas a linhas mais curtas, à Piazza Venezia, por exemplo? A curta duração do percurso evitaria o congelamento de mãos e pés dos passageiros".

Tive uma resposta que me fez calar definitivamente: "Vocês mesmos declararam que por causa do bonde de Sérvola a estirpe de vocês tornou-se mansa e fraca. Eis que o bonde agora lhes oferece o meio de se tornarem fortes pela

seleção. Os fracos são soprados fora de vez e só ficam os muito fortes, porque os outros desaparecem por causa dos pulmões. Nem todos se queixam em Sérvola. Pelo contrário, já recebemos por parte da classe médica agradecimentos e uma belíssima carta que colocaremos numa moldura na sua farmácia."

Muito perplexo, despedi-me e saí. Mas o funcionário seguiu-me até a escada. "Fique tranquilo, que nós pensamos sempre na melhoria do serviço. Para o inverno pensamos recobrir as viaturas com redes que deixem passar a bora, mas não o passageiro nem o motorneiro".

Chegando à rua vi aproximar-se o bonde de Sérvola, com aquele seu aspecto

estivo que me faz chorar, e comecei a correr para não perdê-lo. O funcionário seguiu-me correndo ele também: "Fiquem contentes com aquilo que vocês têm. Daqui a alguns anos vocês terão um novo concorrente no bonde do Friuli e não terão mais nem as poucas viaturas fechadas nem aquelas que no verão pertencem a Barcola. Assim vocês não terão mais, finalmente, nem muito calor nem muito frio".

Pulei na viatura aberta. Por um instante pareceu que o funcionário quisesse me seguir até ali também. Depois pensou melhor e não embarcou. Assim me salvei.

Soprava a bora e eu cheguei em casa

com febre. Escrevo rapidamente este breve relato, talvez o último, e depois me enfio na cama. A seleção começa.

La Nazione, Trieste, 21 de outubro de 1919

Desde que o bonde de Sèrvola se tornou comunal nossos motorneiros acreditam ter de ser comunistas. Deve haver um mal entendido que é preciso esclarecer. Num sentido antiquado comunal podia significar (como de modo perspícuo explica o Petrocchi): participar de uma e de outra coisa, o que está ainda muito longe do significado que possui a palavra comunista no sentido moderno.

É bem verdade que comunista designa também quem mora numa comuna e é por isso que todos nós que vivemos em Sérvola somos também nós comunistas sem para isso termos precisado aderir à III Internacional. Porque é bom não confundir, e isso não significa que se nós de Sérvola não quisermos ser comunistas devemos por causa disso abandonar nossa comuna.

Nós gostaríamos que também os motorneiros não confundissem porque a coisa começa a ficar insuportável. Vê-se como uma falta de italianidade seja nociva e a Comuna deveria fornecer a todos os seus funcionários um pequeno vocabulário. Só para me explicar em

poucas palavras direi a nossos motorneiros que não devem confundir o conde Noris com Lenin.

Justamente na época em que o bonde de Sérvola se tornou comunal a situação de nós do bonde de Sérvola que nunca foi das melhores se tornou insuportável. Os comunistas brigam com os socialistas e o "Trabalhador" trabalha por dois? Se nós do bonde de Sérvola tivermos sorte vamos para a cidade com o último bonde, aquele que chamamos o bonde histórico. Como em todos os lugares pequenos também entre nós pululam os cronistas e o número do último bonde fica registrado e nós voltamos a pé.

Ontem às dez da manhã consegui

pegar o último bonde. Todos sabiam que seria o último definitivo, verdadeira história sobre os trilhos, porque nos desvios não se encontravam os vagões diretos (se assim se pode dizer) para Sérvola. Os triestinos, isto é, aqueles que uma vez chegados em Trieste encontram cama e comida, riam de coração do incêndio do "Trabalhador" e também da greve, enquanto que nós de Sérvola poderíamos rir somente se o vagão para ir para a greve tivesse que voltar para Sérvola. O pensamento de ter que voltar a pé e inermes (nós entregamos as nossa armas no ano 1914 após o nascimento de Jesus Cristo) passar tão próximos de Campo San Giacomo não era muito

agradável. E eu que do comunismo tenho um ideia um tanto confusa e o considero a doutrina de fazer birras propus ao motorneiro, abrindo a boca para simular o riso: Não seria um belo truque girar o bonde e voltar para Sérvola para deixar a pé todos esses triestinos? Evidentemente o motorneiro não era um comunista porque não aceitou a proposta.

Enquanto isso o bonde comunal e não comunista, exatamente aquele que passa por San Giacomo e não pela Itália e não é de Sérvola. mas de San Sabba, continuava tranquilamente a deslizar como se nada tivesse acontecido.

Por outro lado a nós do bonde de Sérvola nunca faltam os bondes

históricos. Aliás quando vamos ao teatro chegamos na cidade com o bonde pré-histórico, porque depois do nosso ainda há um outro e se temos de voltar a pé isso é por causa da duração excessiva da representação, que não sabe se desenrolar toda no espaço bastante longo que corre entre um bonde e outro.

E esperamos ansiosamente o bonde da idade da pedra, isto é, aquele que será lapidado por nós.

11 de fevereiro de 1921

De modo traiçoeiro

O senhor Maier foi à casa do senhor Reveni ainda não bem certo se ia pedir conforto ou ajuda. Tinham sido bons amigos a vida toda. Os dois haviam conseguido uma grande fortuna do nada, trabalhando os dois de sol a sol, no mesmo período de tempo mas em negócios bem diferentes, de modo que entre eles nunca houvera um instante de concorrência e, embora nunca tivesse havido qualquer colaboração, a amizade

iniciada na primeira juventude resistira inalterada até a idade avançada dos dois. Inalterada mas não viva. Suas esposas nunca se viam. Eles se viam por quinze minutos todo dia na Bolsa. Os dois já tinham passado dos sessenta anos.

Depois de uma noite insone Maier resolvera escrever ao velho amigo pedindo-lhe um encontro, e indo para lá tinha em mente uma vaga proposta de fazer o velho amigo organizar um socorro a seu favor, que queria apresentar de forma que ao outro parecesse não implicar risco algum. Certamente ele achava que o socorro lhe era devido. Tantos anos de honesta e feliz atividade eram anulados por um instante de

leviandade! Isso não era admissível. Para alargar o próprio campo de atividades, o velho comerciante tinha-se deixado induzir a assinar um contrato que o colocava nas mãos de outras pessoas, e estas pessoas, depois de aproveitar todo o crédito que lhes provinha daquela assinatura, tinham fugido de Trieste, deixando atrás de si apenas uns móveis sem valor algum. Maier decidira enfrentar todos aqueles compromissos como sua honra exigia. Mas agora parecia-lhe injusto ter que se submeter àqueles compromissos alheios. Se Reveni, notoriamente um homem de bem, aceitasse assumir pelo menos temporariamente uma parte, seu destino se tornaria mais leve.

Maier não lembrava ter recusado propostas parecidas. Lembrava (e com grande clareza) ter assinado aquele contrato, que fora ele também (assim lhe parecia) uma prova de confiança na humanidade, não lembrando que a primeira ideia de contraí-lo lhe viera do desejo de aumentar seus benefícios.

Se o destino queria favorecê-lo, na certa seria Reveni a lhe propor o socorro, sem nem mesmo pedi-lo. É o que ele esperava do destino. Só então ele poderia revelar seu projeto, que poderia ser aceito por Reveni, desde que ele se encontrasse num estado de espírito que o fizesse aceitar tal risco. Maier achava que o risco não existia. Afinal ele pedia um crédito a

longo prazo e sabia que o merecia. Embora velho, era no entanto trabalhador e por uma só vez que se deixara enganar podia citar centenas de casos nos quais se havia furtado ao engano. Portanto com ele não haveria riscos.

Subiu os degraus de casa Reveni, situada no centro da cidade, e desde o momento em que o empregado lhe abriu a porta ele só sentiu inveja dentro de si. Por enquanto, ele também tinha tapeçarias na sala vasta e decorada, e também aquela saleta forrada de tapetes em que Reveni e a esposa o esperavam para lhe oferecer uma xícara de café. Mas por pouco tempo. Sua esposa, coitada, já estava à procura de um apartamento bem menor e bem mais

pobre. Aqui tudo tinha ainda a aparência sólida e segura da casa que existe há longo tempo e por longo tempo irá existir. Em sua casa, ao contrário, tudo se preparava a voar pelos ares. Tudo estava em seu lugar, menos as joias de sua esposa, mas parecia que todos os objetos estivessem prestes a sair correndo.

Reveni era um homem mais gordo que ele e também de cabelos mais brancos, embora tivesse sua mesma idade. Assim sentado em sua grande poltrona diante dele, que sentava numa poltrona do mesmo tamanho, mas encolhido sobre ela, pareceu-lhe formidável que aquele homem tivesse acumulado, acumulado e não se deixara arrastar a assinar o ato que o

arruinara.

A senhora Reveni serviu o café. Era uma senhora que mesmo em casa se vestia com um certo luxo, toda rendas num vestido que seria delicioso se estivesse enfeitando uma pessoa mais jovem e bela.

Maier começou a beber pequeno goles de café pensando: "Será que ela nos deixará sozinhos?".

A senhora pareceu sentir logo a necessidade de preveni-lo que sozinhos não os deixaria.

Disse-lhe que Giovanni, de uns dias para cá, não estava bem e que passava a tarde toda em casa assistido por ela.

Maier achou estranho que um homem que parecia sadio e que acabara de

almoçar precisasse não só ficar em casa, mas ser também continuamente assistido pela esposa. Acreditou poder deduzir disso que Reveni e a esposa já tinham estabelecido não lhe conceder ajuda alguma. Ele lembrava que, dos dois, a mulher era notoriamente mais dura e o próprio Reveni contara-lhe certa vez como ela havia sabido livrá-lo de um parente pobre que o importunava com pedidos de ajuda em dinheiro. E agora, ao saber que ele havia pedido aquele colóquio, correria a assistir o marido.

Sentiu-se humilhado, até ofendido. Não acreditava poder ser comparado a um parente pobre e insistente. Pelo contrário, vinha com uma proposta comercial que

poderia dar um lucro não indiferente a Reveni, se ele aceitasse assumir uma parte em sua proposta. Quis refazer-se, livrar-se de toda inferioridade. Acomodou-se ele também na poltrona imitando a posição do Reveni. Com um leve sinal da cabeça acenou um agradecimento à senhora que lhe oferecia uma xícara de café. Foi tamanho seu esforço que realmente sentiu-se livre de toda inferioridade. Não proporia nada a Reveni. Simularia ter pedido aquele colóquio por outra razão. Qual? Era difícil encontrá-la porque nos negócios os dois velhos amigos nunca se haviam encontrado. Não podia portanto falar de negócios. Mas em que outro campo podia

lhe importar o conselho de Reveni? Lembrou que poucas semanas antes um amigo o havia vagamente interpelado se aceitaria ser levado a conselheiro municipal. Talvez pudesse pedir-lhe um conselho.

Mas Reveni mesmo puxou o assunto que levara Maier até ali. "Aquele Barabich!", exclamou, "de tradicional e boa família triestina, deixar-se arrastar numa tal ação! E onde está agora? Dizem que já deve estar em Corfu".

A Maier isso não pareceu nem um pouco um encaminhamento àquela oferta de ajuda que esperava do destino. Bem ao contrário! Parecia que Reveni tivesse

mais compaixão pelo ladrão do que por ele, que fora roubado.

Acomodou-se ainda melhor na poltrona, com o cuidado de manter em suas mãos pouco seguras a xícara de café. Esforçou-se em assumir um ar decididamente indiferente: "Você sabe, tive que denunciá-lo. Mas agora não me importa se ele escapar das mãos da justiça".

A senhora enchera a xícara de café e a oferecia ao marido. Com os olhos na xícara deu os poucos passos necessários para chegar até ele e logo em seguida virou-se para Maier: "Coitada da mãe!", disse com voz quebrantada. Assim como no vestido, no som de sua voz e em cada

movimento, a senhora cuidava de colocar no sentido das palavras uma grande doçura. Por isso, daquele acontecimento que arruinara Maier, lembrava em primeiro lugar a mãe do ladrão. E pensar que essa daí, com seu jeito de grande dama, fora na juventude uma cantora de café concerto, enquanto valera a pena, tirara a roupa na frente de todo mundo. Será que sentia rancor por ele ter tentado, naquele tempo, impedir Reveni de contrair aquele casamento?

Não era mais possível simular indiferença. Vermelho pela ira e sorrindo amargamente, Maier exclamou: "A senhora poderá entender que eu pouco estou me importando com aquela mãe,

pois por causa do filho, está para sofrer duramente outra mãe, isto é, minha mulher".

"Entendo, entendo!", murmurou docemente a senhora Reveni e sentou numa cadeira ao lado da mesa, enchendo a própria xícara no bule fumegante.

Só agora entendia, aparentemente, mas não entendia tudo, porque se entendesse tudo deveria dizer que ela e seu marido estavam prontos a socorrer, ou não queriam saber de nada.

Interveio Reveni. Pareceu ter entendido que a história devia ser considerada apenas de um ponto de vista, o do seu pobre amigo. Acomodando-se com um certo mal-estar em sua poltrona,

olhou para o alto e resmungou: "Um mau negócio, um mau negócio!". Suspirou e olhando finalmente Maier de frente, acrescentou: "Coube-lhe uma aventura bem ruim mesmo!".

Isto significava realmente que a aventura era tão ruim que ninguém pensava em intervir para torná-la mais suportável. Portanto nada de ajuda e Maier podia exonerar-se da humilhação de pedi-la. Ergueu-se, colocou a xícara que na certa esvaziara sem chegar a sentir o gosto do café e, após ter retomado sua posição na poltrona, disse com um gesto de indiferença: "Afinal, trata-se de dinheiro, de muito dinheiro, mas não de todo o dinheiro. Fico triste que meus bens

cheguem diminuídos a meu filho, mas em todo caso quando eu morrer ele receberá de mim mais dinheiro do que eu recebi quando morreu meu pai"

Reveni abandonou sua posição de pessoa que não quer ficar ouvindo mais do que lhe convenha, e com um sincero acento de alegria exclamou: "Aquilo que eu supunha é portanto exato! Desta má aventura você não teve todo aquele prejuízo de que se fala na cidade. Deixe que lhe aperte a mão, meu bom amigo. Estou mais feliz com isso do que se eu tivesse ganho agora uma grande quantia". Estava bem acordado agora. Tinha-se até levantado da poltrona para apertar a mão de Maier: este não soube simular uma

grande gratidão por tanta manifestação de alegria e deixou ficar inerte a própria mão na do amigo, e assim o outro voltou à sua poltrona. Maier pensava: "Associam-se à minha alegria, mas não souberam associar-se de modo algum à minha dor". Num segundo pensou no cálculo que fizera aquele dia: todo seu patrimônio fora absorvido por aquela aventura, mas todo mesmo; todo, e ainda não tinha certeza que não houvesse em alguma gaveta de algum desconhecido outros encargos a que ele já não podia mais corresponder. Seu filho não herdaria dele nem um centavo, se ele não soubesse trabalhar ativamente aquele pouco tempo de vida que podia ainda ser-lhe concedido. Mas até que

estivera sozinho soubera fazer cálculos e chegar a conclusões exatas. Agora, na presença daquele amigo, não enxergava mais tão claramente. Não seria bom esconder dele também sua verdadeira posição para ter de volta o crédito de que precisava para continuar seu trabalho? Este propósito de boa tática ainda não bem analisado deu-lhe um pouco de ânimo. A senhora, para demonstrar também a própria alegria pela boa notícia, ofereceu-lhe outra xícara de café e ele a aceitou com um sorriso reconhecido que lhe custou grande esforço. E para demonstrar seu reconhecimento engoliu todo aquele café que era demais para seus hábitos.

Agora que sabia que o negócio não era assim tão grave para Maier, Reveni achou que podiam falar daquilo livremente: "Confesso a você que eu não teria confiado no Barabich. Eu soube do negócio que ligava você a ele só quando já estava fechado. Mas todos aqui em Trieste sabiam que todos os negócios antes empreendidos pelo Barabich tinham acabado mal".

"Sim! Mas não deste modo!", protestou Maier. "Parecia até que sempre administrara bem, mas que em cada empreendimento tivera a sorte contra ele".

Reveni fez um gesto de dúvida. "Eu não confio numa pessoa que tantas vezes vem à tona e tantas vezes vai ao fundo. Na

certa não sabe nadar. A carreira do Barabich começou com aquela empresa de que tanto se falou uns dez anos atrás, com aquelas cargas de arroz da China. Quanto dinheiro jogado ao mar naquele tempo! Depois foi improvisado promotor de indústrias. Verdade é que as indústrias estabelecidas por ele em parte se afirmaram. Mas sem ele, porque num certo momento sentiram a necessidade de se livrarem dele. Dele não se falou mal, pelo contrário; falou-se muito de sua honestidade, mas ninguém soube dizer por que não fazia mais parte daquelas indústrias. E do que viveu depois? Até conseguir pegar você só fez falar, falar! Falou da colonização da Argentina, da

colonização do Kendyke, negócios esses que lhe renderam pouco, visto que não os fez. Depois descobriu um outro negócio estranho para ele, a construção de automóveis, e parece incrível que um homem com a sua prática tenha sido envolvido por ele."

Para Maier era terrível que Reveni tivesse razão. Ele lembrava como fora atraído pelo vislumbre de lucros enormes e imediatos. Mas para se defender lembrou também como gostara daquele homem mais jovem que ele, tão seguro de si, com tantas noções que o faziam aparecer como um técnico. E só quis lembrar aquele afeto. "Eu fui empurrado para aquele negócio também pelo desejo

de ajudar o Barabich. Doía-me que um homem com tanto talento ficasse numa posição tão medíocre."

Reveni calou por um instante, como se hesitasse em responder. Depois olhou Maier com olhos indagadores, como para se certificar de que falava seriamente. Então lembrou alguma coisa que o fez decidir-se e falou rindo e tentando em vão fazer rir seu interlocutor: "Lembra o velho Almeni? Por causa dele estivemos juntos pela primeira e última vez em questões de negócios. Lembra? De tanto insistir conseguiu fazer com que nos encontrássemos, eu, você e mais dois amigos nossos, numa reunião na qual se devia decidir se lhe daríamos o dinheiro

necessário para instalar num ponto central da cidade um bar, que ele e o filho iriam gerir. Precisava fazê-lo com grande luxo e portanto com grande despesa, porque só assim o êxito seria assegurado. Nem eu nem você compreendíamos bem que negócio seria aquele, mas um outro dos nossos presumíveis sócios explicou, duvidando muito, que uma tal especulação poderia ter êxito na nossa cidade. E acabamos concluindo que a parte melhor do negócio consistia na grande ajuda que daquele jeito se daria ao Almeni, um velho e bom homem com uma família grande nas costas, e que apesar de tantas boas qualidades não conseguira sair de uma situação medíocre. Entreviemos então

nós dois, quer dizer eu e você também, e nos declaramos logo de acordo que neste mundo era preciso fazer negócios e era preciso também fazer boas ações, mas que uma boa ação em forma de negócio era certamente um mau negócio, ainda mais que não seria uma boa ação. Acabamos concordando todos em dar uma pequena ajuda ao velho, que merecia aquilo e nada mais. Eu lembro bem a sua lógica e fico maravilhado de que você a tenha esquecido".

Maier quis defender-se energicamente. Era demais que, além de não querê-lo socorrer, Reveni quisesse ainda ter razão. "Naturalmente entre o Almeni e o Barabich há uma grande

diferença; o Almeni era um velho coitado qualquer e o Barabich um jovem esperto e culto que só tinha o defeito de ser um ladrão."

Maier dissera estas palavras com tamanha paixão, corara-lhe tanto o rosto pelo rancor, que a senhora Reveni achou bom intervir para evitar um dissídio demasiado áspero. Vira o dia antes a senhora Maier com a filha. "Uma graça sua filha, com aqueles olhos inocentes de gazela". Era um bicho doce a gazela, e a senhora Reveni a tinha em seu vocabulário.

Maier não se deixaria amansar nem se chamassem a ele próprio com o nome de um bichinho delicioso. Uma lembrança o

sacudiu. Não apenas lembrava o episódio com aquele Almeni, mas parecia-lhe também ter certeza que fora ele a fazer aquele raciocínio que Reveni expunha como sendo dele. Fora tão clarividente naquela ocasião, e sua inteligência era lembrada apenas para debitar-lhe com mais peso o erro agora cometido.

E disse a Reveni, comovido pela compaixão por si mesmo, até com lágrimas nos olhos: "A vida é longa, longa demais e se compõe de tantos dias, dos quais cada um pode dar-lhe o tempo para o erro capaz de anular a inteligência e a assiduidade de todos os outros dias. Um só dia...contra todos os demais".

Reveni olhou mentalmente quem sabe

a sua própria vida, inteira, para nela descobrir o dia em que cometera o erro que poderia ter comprometido a obra de todos os outros dias. Não pareceu agitado à ideia do perigo corrido ou que podia correr. Disse: "A vida é longa, sim, muito longa e muito perigosa".

Maier sentia que o outro não sabia pôr-se em sua pele e nem sentiria raiva, porque todos sabem como é difícil pensar no frio que outros sofrem, quando se está acalentado no calor aconchegante, mas percebeu que enquanto Reveni falava a esposa o olhava com um sorriso de confiança, de abandono. Parecia dizer: "Suposição curiosa! Não! Você não sabe errar!".

Por isso sua antipatia por aquela senhora cresceu tanto que não quis mais suportar sua proximidade. Levantou-se e fez um esforço de cortesia para com ela. Estendeu-lhe a mão dizendo que um negócio de urgência o obrigava a ir embora. Decidira ir ao escritório de Reveni no dia seguinte e não para pedir ajuda, mas única e exclusivamente para convencê-lo de que a vida era longa e que não se devia condenar um homem porque um dia, um só dia, tinha sido insensato. Estendendo a mão à senhora, virou as costas a Reveni, que de repente emitiu um som estranho. Com a voz mais baixa que de costume, no mais quieto modo de dizer uma palavra incompreensível. Maier

tentou depois lembrá-la, mas não conseguiu porque é difícil lembrar uma sequência de sílabas sem sentido. Virou-se com curiosidade enquanto a senhora correu até o marido, perguntando assustada: "O que você tem?".

Reveni abandonara-se sobre a poltrona. Mas depois de um instante ainda conseguiu responder à mulher claramente, como se tudo tivesse passado: "Estou com uma dor aqui!", movendo a mão que não chegou ao lugar acenado mas que se levantou do braço da poltrona. Depois, nada mais; ficou inerte, a cabeça abandonada no peito. Emitiu ainda um suspiro que pareceu um lamento e nada mais. A senhora o segurava gritando-lhe

no ouvido: "Giovanni! Giovanni! O que você tem?".

Maier enxugou as lágrimas que haviam banhado seus olhos pela própria desgraça e se virou para o amigo. Adivinhou logo do que se tratava, mas estava ainda tão envolvido com seus próprios negócios que seu primeiro pensamento foi: "Ele vai embora! Agora nem querendo poderá me ajudar mais".

Precisou fazer um esforço violento para acordar virilmente do seu abjeto egoísmo. Foi até a senhora e lhe disse docemente: "Não se assuste, senhora, é só um desmaio e nada mais. Quer que eu chame um médico?".

Ela estava ajoelhada diante do

marido. Olhou Maier com o rosto molhado de lágrimas, mas que se tranquilizou de modo visível à esperança que lhe vinha daquelas palavras. "Sim! Sim! Chame-o!", e lhe disse o número de um telefone.

Maier dirigiu-se rapidamente para o lado de onde entrara, mas a senhora, sempre ajoelhada, gritou: "Do outro lado!", um grito que um soluço tornou mais cortês. Então Maier abriu a porta oposta e se encontrou na sala de jantar, onde duas criadas estavam ocupadas em tirar a mesa. Disse a elas que corressem assistir a senhora na sala ao lado e, ao telefone que logo encontrou, chamou o número que a senhora indicara.

Não conseguiu logo a ligação e teve um sobressalto de impaciência perguntando-se com angústia: "Estava morrendo ou já morreu?".

Mas depois sentiu aqueles momentos de espera cheios da própria compaixão: "É assim, é assim que se morre". E depois: "Não pode mais estar de acordo, mas não recusa mais".

O médico prometeu-lhe ir logo e então ele apoiou o aparelho e não voltou de imediato até a senhora Reveni. Olhou-se em volta: que luxo! Seus contatos com Reveni haviam diminuído muito após o matrimônio dele, e suas esposas não se frequentavam. Ele via aquela sala de

jantar pela primeira vez, iluminada pela luz das grandes janelas refletida por mármore em detalhes nas paredes, por filetes dourados nas portas, pelos cristais que ainda estavam sobre a mesa. Todas coisas bem firmes em seus lugares, porque o coitado da sala ao lado nunca fizera bobagens e nem poderia mais fazê-las.

"Estou melhor eu, ou está melhor ele?", pensou Maier. Com a ajuda das criadas a senhora Reveni estendera o corpo do marido no sofá. Ainda estava ocupada à volta dele. Inundara-lhe o rosto com vinagre e segurava um garrafinha de sais debaixo do nariz. Era um cadáver, evidentemente. Os olhos haviam-se

fechado por si, mas o bulbo do olho esquerdo projetava-se visivelmente.

Sentindo-se tão estranho àquela mulher, Maier não ousou falar. Lembrou o endereço da filha deles e pensou em voltar ao telefone. Depois pensou melhor e decidiu ir chamá-la ele mesmo. Não era longe.

"Penso", disse hesitante à senhora Reveni, "em ir eu mesmo avisar a senhora Alice que o pai está indisposto".

"Sim, sim", soluçou a senhora. Ele saiu às pressas. Não para ir rápido, posto que Reveni não poderia mais ser ajudado por ninguém, mas para se afastar daquele cadáver.

E na rua voltou a se perguntar: "Está

melhor ele ou eu?". Como estava tranquilo estendido naquele sofá! Estranho! Não se vangloriava mais do próprio sucesso engrandecido pelos erros de Maier. Voltara para o indistinto e de lá olhava inerte com aquele bulbo protuberante desprovido de alegria ou de dor. O mundo continuava, mas aquela aventura demonstrava toda sua nulidade. A aventura que coubera a Reveni tirava toda importância da aventura que coubera a ele.

A tribo

I

A tribo parara. Encontrara no meio do deserto uma vasta região rica de água, de campos e de árvores, e, involuntariamente, sem que ninguém o propusesse, em lugar de fazer ali uma das costumeiras e fugazes paradas, colocara raízes naquele paraíso, ficara agarrada à

terra e não conseguira mais separar-se dela. Parecia que havia chegado àquele grau superior de evolução que exclui a vida nômade; descansava da marcha secular. As tendas lentamente se transformaram em casas; cada membro da tribo tornou-se proprietário.

Passaram os anos. All, um guerreiro inquieto, refratário à nova vida, selou o cavalo e galopou de um lado para outro daquilo que ele obstinadamente chamava acampamento, gritando: "Eu prosseguirei, sigam-me." "E como vamos carregar nossa terra amada?" — Perguntaram os outros.

Só então todos tomaram consciência de estarem ligados para sempre àquele

pedaço de terra, e Ali partiu sozinho.

II

O velho Hussein foi chamado para decidir uma questão surgida entre dois proprietários de terrenos limítrofes. A questão era bastante complexa. Um dos dois dizia caber-lhe também uma parte da colheita do outro, porque por engano a lavrara; a culpa podia ser do outro, que não soubera marcar no terreno os sinais do próprio direito.

Hussein meditou longamente, depois disse: "Consultarei as leis da tribo." No

dia seguinte, no Conselho dos anciãos, teve que declarar que a lei não previa aquele caso. Era a primeira vez que um agricultor pedia justiça, porque antes não houvera agricultores...

Os anciãos foram para a praça dos comícios públicos e convocaram a tribo inteira: "Nós não sabemos fazer justiça; se alguém souber ditá-la para nós, seja franco".

Todos calaram. A tribo inteira não soube resolver o difícil problema.

III

Hussein então falou: "Irmãos! A nossa tribo é rica de tudo exceto de leis! Para chegar o mais perto possível, no caso concreto, da justiça que ignoro, decido que a colheita, que deu início ao litígio, seja dividida em partes iguais entre os dois contendores. E para que no futuro os nossos juízes possam evitar inclusive a pequena injustiça por nós hoje cometida, que a tribo envie um membro para estudar a organização dos povos que vivem há séculos no assentamento, que nós conhecemos há apenas alguns anos. Eles certamente possuem leis que regulamentam os direitos de quem trabalha e de quem possui."

Todos concordaram. Haviam

entendido que a tribo devia criar sua própria justiça.

Hussein disse ainda aos querelantes as generosas palavras: "Um de vocês dois foi hoje traído pela tribo que lhe devia a justiça exata. Não lamentem! Talvez o litígio de vocês será lembrado com reconhecimento pelas futuras gerações".

Achmed partiu. Os anciãos o elegeram delegado da tribo, por unanimidade. Era muito jovem mas, para a sua idade, surpreendentemente ativo e ajuizado. Os profetas (ainda os havia na tribo) diziam que ele era destinado a aumentar o bem-estar e a glória da tribo; e os anciãos, por respeito aos profetas, agiram de modo que a profecia se realizasse.

IV

Achmed partiu. Ciente da importância da missão a ele confiada, quando ficou só, no caminho, repetiu a si mesmo o juramento feito pouco antes aos anciãos: "Pátria minha, eu lhe trarei a justiça".

Na Europa estudou por longos anos, tanto que dele se dizia: Achmed estuda como uma tribo inteira.

V

Quando, após tão longa ausência, retornou à pátria, antes mesmo de descer

do cavalo, passando pelas ruas da pequena cidade, percebeu logo que as condições da tribo haviam mudado muito. Não ficou surpreso. Era mais que natural que assim fosse. A lei econômica não perdia sua força nem mesmo no centro do deserto; e as casinhas pequenas e bem cuidadas, que haviam anteriormente substituído as tendas, haviam desaparecido para dar lugar a palácios suntuosos e casebres imundos. Passavam homens semi nus e outros cobertos de tecidos preciosos.

Achmed levantou-se na sela para olhar longe. Não! A chaminé da fábrica ainda não havia chegado ali.

"Cheguei em tempo para importá-la,

eu mesmo", pensou Achmed.

Os anciãos se reuniram para receberem as comunicações de Achmed.

Mas a primeira assembleia foi apenas uma lição prática de justiça que Achmed deu a seus compatriotas. Ele encontrara seus bens ocupados por outros. Será que o haviam mandado embora para poderem roubá-lo à vontade?

Os anciãos reconheceram a justeza da observação e deliberaram dar a Achmed tanto ouro quanto ele poderia conseguir com a venda de seus terrenos.

Para Achmed não foi suficiente: "E como serei retribuído por todo o tempo que dediquei exclusivamente ao bem da tribo? Hoje eu teria meu patrimônio

consideravelmente aumentado; possuiria outras terras e palácios se, na época em que a propriedade entre vocês estava se formando, eu não estivesse ausente. Exijo que à importância que me será destinada como indenização sejam adicionados os juros dos juros com base em cálculos que eu ensinarei a vocês".

Os anciãos demonstraram concordar.

VI

Mas o decrépito Hussein se levantou para manifestar uma opinião bem diferente: "Seu cálculo nos já o

conhecemos, desgraçadamente. Saiba, Achmed, que a tribo não é mais aquela que você deixou. Receio que sua viagem foi inútil, porque nós, agora, temos leis até demais. Não pudemos esperar sua volta para reuni-las, e foram feitas conforme as necessidades que nos pareciam urgentes, e seguindo os axiomas que nos pareciam naturais. Parecia que essas leis deviam conduzir-nos à felicidade, e ao contrário a tribo de heróis que você deixou transformou-se num aglomerado de escravos miseráveis e patrões prepotentes. Oh! Feliz Ali, que não quis parar conosco para cultivar esta terra traidora! Saiba que eu não durmo uma única noite inteira pelo remorso de

ter aconselhado a tribo a abandonar a vida nômade. Esperei sua volta para tomar uma decisão que nos tire desse estado. Se você souber contar sobre algum povo que, tendo saído da vida nômade, conseguiu viver de modo mais feliz que nós, então farei calcular os seus juros sobre juros. Caso contrário não receberá nada, e nós, assim pelo menos eu espero, voltaremos à vida nômade".

Achmed pediu um dia de tempo para refletir. A coisa era muito importante para ser resolvida num piscar de olhos; os juros dos juros de seu capital deveriam produzir uma soma elevada.

VII

Ele leu as leis da tribo e nelas encontrou em embrião tudo o que existia nos Estados modernos mais perfeitos. Poderia aqui ou ali corrigir ou completar. Sentia um grande desejo de ostentar a própria doutrina ditando novas leis que a tribo ignorava porque seu estado econômico, ainda rudimentar, não as exigia. Mas ele não era tolo e não quis se expor à zombaria.

O velho Hussein incutia-lhe um grande respeito. Ele, que nos tempos idos fora o homem mais heroico e mais generoso da tribo, era agora o mais perspicaz, o mais agudo. Aquelas leis, que certamente eram

obra dele, eram claras, simples. Ditadas para regular conflitos ocorridos na presença do próprio legislador, não continham qualquer contradição. Um espírito superior e humilde deixara claras, em cada caso particular, as afinidades e as diversidades.

Portanto, Achmed não acreditou que poderia mentir para salvar o próprio dinheiro. Devia dizer a verdade; e a verdade — ou aquela que ele acreditava tal — não poderia satisfazer Hussein.

Passou a noite insone. Quase de manhã ocorreu-lhe uma ideia: "Talvez assim conseguirei salvar meu dinheiro e fundar com ele minha fábrica".

VIII

No dia seguinte, na presença de todos os anciãos, começou por declarar que a história da tribo não era outra coisa senão a história mesma da humanidade. Antes, enquanto nômade, a tribo constituía um único indivíduo que lutava pela vida; agora, com o progresso, cada membro dela tornara-se um lutador por conta própria. Os mais fortes venciam e subjugavam os mais fracos. E era bom que assim fosse. Hussein não se mostrava digno de seu cargo, chorando a sorte dos vencidos. Cada membro notável seria um verdadeiro vencedor e a raça inteira se tornaria mais forte e sustentaria facilmente

o confronto com os outros povos no conflito econômico. "O caminho em que vocês estão é o correto e qualquer outro está interdito. As nossas leis não são ainda perfeitas e eu quero ajudar a torná-las mais seguras, mas não a mudá-las. Hussein deseja em vão reconduzir vocês à vida nômade; ninguém o seguiria."

"E você não nos traz mais nada?", perguntou Hussein com tristeza. "A infelicidade de tantos de nós é portanto decretada de modo irrevogável?"

IX

"Trago ainda alguma coisa!", disse o esperto Achmed. "Trago a esperança. Na tribo se lutará ainda por longos séculos. Ela se encontra ainda no início da luta, que se tornará cada vez mais ferrenha. Uma parte dos seus componentes será, sem culpa, condenada a passar metade do dia em ambientes insalubres, a trabalhar até perder a saúde, a capacidade, a alma. Tornar-se-ão uns brutos, desprezados e desprezíveis. Para eles não os cantos dos poetas, nem o jogo de ideias dos filósofos. Será retirada deles toda cultura que não seja pueril, e nem mesmo poderão nutrir-se ou vestir-se como homens. A desventura atual dos pobres, obrigados a cultivar as terras, é felicidade e riqueza se

comparada à sina dos descendentes deles. E somente então a tribo terá chegado à altura dos tempos. Somente de lá — portanto daqui a séculos — se verá o alvorecer de uma nova era. O homem, elevado por tanta desventura, aspirará a uma nova ordem das coisas. Os deserdados, unidos pelas fabricas — sua desventura — vão se unir e, cheios de esperança, verão avançar os novos tempos e a eles irão se preparar. Depois, chegados os novos tempos, o pão, a felicidade e o trabalho serão para todos."

"E esses novos tempos, você os sabe predizer nos detalhes, nas leis?", perguntou Hussein ansioso.

X

"Viajei tanto", respondeu Achmed "e não encontrei até agora nenhum país que tivesse chegado a tal elevada organização. Sei apenas dizer isto: naquele longínquo porvir a terra será da tribo e todos os homens válidos deverão trabalhá-la. Os frutos serão de todos. Não cessará a luta, porque onde há vida há luta, mas a luta não terá por objetivo a conquista do pão cotidiano. Isto será por direito, como hoje é o ar. O vitorioso na luta não terá outra satisfação senão ter servido à tribo".

"E precisaremos esperar tão longo tempo para alcançar tanta felicidade?" gritou Hussein com voz tonante. "Você

mereceu os seus juroz sobre juroz", acrescentou voltando-se para Achmed. "Saiba que a tribo quer começar pelo fim."

Achmed ficou feliz por ter sido tão hábil e embolsou o próprio ouro. Contou-o e pensou que era suficiente para fundar a fábrica, objeto de seus sonhos, justamente no seio da tribo que o pagava convencida de ter escapado da fábrica.

XI

Um europeu, cansado da desventura de seu próprio país, bateu um dia à porta

de Hussein e pediu para ser admitido para fazer parte daquela tribo feliz.

"Impossível!", disse Hussein. "Nós provamos que nossa organização não serve para vocês europeus."

Ofendido, o europeu observou: "Não fomos nós a imaginar as leis de vocês?".

"Vocês as imaginaram, mas não souberam compreendê-las nem vivê-las. Tivemos que expulsar daqui até mesmo um árabe, um certo Achmed, que teve o azar de ser educado por vocês."

A novela do bom velho e da bela jovem

I

Houve um prelúdio à aventura do bom velho, mas ocorreu quase sem que ele o percebesse. Num breve instante de repouso teve que receber em seu escritório uma velha mulher que lhe apresentava e recomendava uma jovem, a

própria filha. Haviam sido admitidas em sua presença em virtude de um bilhete de apresentação de um amigo. O velho, arrancado de seus negócios, não conseguia tirá-los totalmente da mente e olhava atordoado o bilhete esforçando-se para compreendê-lo rapidamente e rapidamente livrar-se da chateação.

A velha não calou um só instante, mas ele só guardou ou reteve uma ou outra breve frase: — A jovem era forte, inteligente e sabia ler e escrever, melhor ler que escrever. Depois uma frase que o impressionou porque estranha: — Minha filha aceita qualquer emprego para o dia inteiro, desde que lhe sobre o pouco de tempo de que precisa para seu banho

cotidiano. Por fim a velha disse a frase que levou a cena a uma rápida conclusão: a Sociedade de Transporte agora admite também mulheres como motorneiras e cobradoras nos bondes.

Decidido, o velho escreveu um bilhete de recomendação para a Diretoria da Sociedade e dispensou as duas mulheres. Voltando aos seus negócios, os interrompeu ainda um instante para pensar: — Por que será que aquela velha quis dizer-me que sua filha se lava todos os dias? Balançou a cabeça sorrindo com ares de superioridade. Isso prova que os velhos são bem velhos quando estão ocupados.

II

Um bonde corria no longo Viale di Sant'Andrea. A motorneira, uma bela jovem de uns 20 anos, mantinha os olhos escuros fixos na rua larga, poeirenta, cheia de sol, e se comprazia em fazer o vagão correr à toda, de tal modo que nos desvios dos trilhos as rodas chiavam e a carroceria da viatura cheia de gente balançava. A rua estava deserta. Contudo a jovem seguia adiante batendo continuamente com seu pezinho nervoso a alavanca que acionava a campainha de alarme. Fazia isso não por prudência, mas porque era tão infantil que conseguia transformar o trabalho numa brincadeira,

e gostava de correr assim e fazer barulho com aquela maquininha engenhosa. Todas as crianças amam gritar quando correm. Vestia uma roupa de chita colorida. Por conta de sua grande beleza parecia fantasiada. Um corpete vermelho desbotado deixava-lhe à mostra o pescoço, poderoso em contraste com o rostinho um pouco magro, e livre a cavidade bem marcada que ia do ombro à delicadeza do seio. A saia azul era muito curta, talvez porque no terceiro ano de guerra faltassem os tecidos. O pezinho parecia nu num sapatinho de pano e o boné azul amassava-lhe uns cachos negros não muito compridos. Olhando somente sua cabeça podia-se pensar que se tratava

de um garoto, se sua atitude não traísse um ar coquete e vaidoso.

Na plataforma, em volta da bela operária, havia tanta gente que a manobra do freio mal era possível. Ali estava também nosso velho. Ele precisava dobrar o corpo a algum solavanco mais violento da viatura para não ser jogado em cima da motorneira. Estava vestido com muito desvelo, mas também com a seriedade que sua idade requeria. Realmente um aspecto senhoril e agradável. Bem nutrido em meio a tanta gente pálida e anêmica, não representava contudo uma ofensa, porque não era nem muito gordo nem muito viçoso. Pela cor dos seus cabelos e dos bigodinhos curtos

se lhe dariam 60 anos de idade, ou por aí. Não transparecia nele nenhum esforço de parecer mais jovem. Os anos podem impedir o amor, e ele há muitos anos não pensava nisso, mas favorecem os negócios e ele levava seus anos com altivez, e, se assim se pode dizer, de modo jovem.

Mas sua prudência estava em conformidade com a sua idade, e não se sentia bem naquela viatura mastodôntica lançada a tamanha velocidade. Sua primeira palavra dirigida à jovem foi de repreensão: — Senhorita!

A esse tratamento lisonjeiro a jovem fixou nele os belos olhos, hesitante, incerta de que ele tivesse falado com ela.

O bom velho encontrou tanto prazer naquele olhar luminoso que seu medo diminuiu. Mudou a repreensão, que teria um significado de bronca, numa brincadeira: — Não faço questão de chegar alguns minutos antes ao Tergesteo. Pareceu sorrir da própria brincadeira, e assim puderam crer as pessoas em volta, mas na verdade seu sorriso foi dirigido àqueles olhos que lhe pareceram ao mesmo tempo marotos e inocentes. As mulheres bonitas sempre parecem antes de tudo inteligentes. Uma tez bonita ou um belo corpinho são de fato a expressão da inteligência mais absoluta.

Ela não ouviu as palavras, mas foi perfeitamente tranquilizada por aquele

sorriso que não deixava dúvidas sobre a disposição benévola do velho. Percebeu que ele não ficava à vontade em pé e lhe fez lugar para que pudesse se apoiar ao lado dela no parapeito. E a corrida continuou vertiginosa até Campo Marzio.

A jovem, então, olhando o bom velho quase a pedir-lhe consenso, suspirou: — Aqui começa o grande tédio! — A viatura começou de fato a balançar lenta e pesada sobre os trilhos.

Quando um rapaz jovem se apaixona, seu amor frequentemente provoca em seu cérebro certas reações que logo nada têm a ver com seus desejos. Muitos jovens, que poderiam deitar-se tranquilamente numa cama hospitaleira, arriscam perder a

própria casa acreditando que para ir para a cama com uma mulher é necessário antes conquistar, criar ou destruir. Mas os velhos que, conforme se diz, são mais bem protegidos contra as paixões, se abandonam em plena consciência e entram na cama da culpa somente com o devido resguardo contra os resfriados.

O amor não é simples nem mesmo para os velhos. Para eles se torna complicado nos motivos. Eles sabem que devem desculpar-se. O nosso velho disse a si mesmo: — Eis minha primeira verdadeira aventura depois da morte de minha mulher. Segundo a linguagem dos velhos é verdadeira uma aventura que envolva também o coração. Pode-se dizer

que raramente um velho é tão jovem a ponto de poder ter uma aventura não verdadeira, porque é uma extensão que serve para mascarar uma fraqueza. Os fracos quando dão um soco empregam não somente a mão, o braço e o ombro, mas também o peito e o outro ombro. O soco, pelo esforço demasiado amplo, torna-se fraco, e a aventura perde em clareza e se torna mais perigosa.

Depois o velho pensou que fora o olhar infantil da jovem a conquistá-lo. Os velhos quando amam passam sempre pela paternidade e cada abraço deles tem o acre sabor do incesto.

E o terceiro pensamento importante que o velho teve, sentindo-se

deliciosamente culpado e deliciosamente jovem, foi: -A juventude volta. —. O egoísmo do velho é tão grande que seu pensamento não fica preso ao objeto de seu amor nem mesmo um instante sem voltar-se rapidamente para si mesmo. Quando quer uma mulher lembra o rei Davi, que das jovens esperava a juventude.

Os velhos das comédias antigas, convencidos de poder emular a juventude, mesmo que hoje existam, devem ser raríssimos. Meu velho continuou a monologar e falou para si mesmo: — Eis uma jovem que comprarei... se estiver à venda.

—Tergesteio! Não vai descer? —

perguntou a jovem antes de fazer o bonde andar. O bom velho, sem jeito, olhou o relógio: -Vou seguir mais um pouco — disse.

Não havia mais tanta gente e ele não tinha mais nenhum pretexto para ficar tão perto da jovem. Endireitou-se e se apoiou num canto de onde podia vê-la comodamente. Ela com certeza percebeu estar sendo admirada, porque quando não estava ocupada com alguma manobra o espiava curiosa com o rabo do olho. Ele perguntou há quanto tempo estava naquele trabalho tão cansativo. — Há um mês! — Não era tão cansativo, ela dizia no momento mesmo em que convertia todo seu corpinho numa alavanca para acionar

o freio mecânico, mas às vezes muito tedioso. O pior de tudo era que o pagamento que recebia não era suficiente. Seu pai ainda trabalhava, mas, por causa do preço de todos os alimentos, não podia deixar aquele emprego. E, sempre atenta ao trabalho, o interpelou com seu nome de família:- Se o senhor quisesse, seria fácil para o senhor encontrar algo melhor para mim — e o fitou imediatamente para ver em seu rosto o efeito daquele pedido.

A improvisa intervenção do próprio nome mexeu um pouco com o bom velho. O nome de um velho é sempre um pouco antigo e impõe portanto obrigações a seu portador. Ele apagou do próprio rosto todo traço de tensão que poderia trair seu

desejo. Não se maravilhou que a jovem conhecesse seu nome, porque naquele tempo a cidade fora abandonada por quase todas as famílias mais ricas, e os poucos abastados se destacavam mais. Olhou para outro lado e falou com grande seriedade: -Agora está um pouco difícil! Mas pensarei a respeito! O que a senhorita sabe fazer? — Ela sabia ler, escrever e fazer contas. Línguas conhecia apenas o triestino e o friulano.

Uma velha mulher na plataforma começou a rir ruidosamente:- O triestino e o friulano! Ah! Essa é boa! -A jovem também ria enquanto o velho, sempre tenso no esforço de não fazer notar sua excitação interior, ria um riso falso. A

velha mulher, que gostava de conversar com um senhor daqueles, não parou mais de falar e o velho deu-lhe atenção para poder melhor simular indiferença. Enfim ela os deixou a sós. De repente o velho disse: -A que horas a senhorita está livre?

— Às nove da noite. — Pois bem! — disse o bom velho. -Venha esta noite, porque amanhã estarei ocupado. — E lhe deu seu endereço, que ela repetiu duas ou três vezes para não esquecer.

Os velhos têm pressa porque a lei da natureza sobre os limites de idade pesa sobre eles. Aquele encontro pedido com o jeito do filantropo protetor e concedido com a devida gratidão fez o velho ficar fora de si de alegria. Como as coisas o

favoreciam!

Mas os velhos amam a clareza nos negócios e ele não se decidia ainda a deixar aquela plataforma. Perguntava-se ansiosamente, duvidando da própria sorte: — Será suficiente? Não será necessário algo mais? E se ela acreditar realmente ter sido convidada a ir buscar uma recomendação para obter um emprego? — Ele não queria ficar inutilmente excitado até a noite e queria ter mais certezas a respeito. Mas como dizer a palavra certa sem comprometer o seu respeitável nome, mesmo que fosse só diante da jovem, no caso dela sinceramente não querer aceitar dele nada além do emprego? No fundo a situação era quase idêntica à que seria

caso ele fosse mais jovem. Mas ele era velho! Os jovens, depois de um pouco de experiência, ou mesmo antes de ter alguma, encontram tudo aquilo de que necessitam, ao passo que o velho é um amador desorganizado. Em sua máquina de fazer amor falta pelo menos uma engrenagem.

Enfim o velho não inventou mas lembrou. Lembrou que aos 20 anos, portanto uns quarenta anos antes, ou seja, antes de se casar, a uma mulher (muito mais velha que aquela na plataforma do bonde), que com um pretexto qualquer e diante de terceiros havia já prometido ir, ele, com a voz baixa, mas de modo excitado, repetira o convite: — A senhora

virá? Seria suficiente aquela palavra. Porém aqui o caminho que inveja o amor dos jovens e ri daquele dos velhos, olhava para ele, e portanto não poderia haver excitação em sua voz.

No ato de descer da viatura ele falou à jovem: — Então a espero essa noite às nove. Depois, relembrando, descobriu que sua voz, talvez pelo bonde, talvez pelo desejo, havia tremido. Mas não percebeu isso na hora e quando a jovem respondeu: — Claro! Não faltarei! — desviando por um instante os olhos dos trilhos e pousando-os nele, pareceu-lhe que a promessa fora feita ao filantropo. Mas, pensando bem, tudo fora claro como quarenta anos antes. No lampejo daquele

olhar revelara-se a malícia, como na própria voz a ânsia. Estava claro que se haviam entendido. Mãe natureza, benévola, concedia-lhe mais uma vez, a última, poder amar.

III

O velho dirigiu-se ao Tergesteo com o passo mais elástico. Sentia-se muito bem, o bom velho. Talvez tudo aquilo faltara-lhe por muito tempo. Por causa das suas muitas ocupações ele havia esquecido alguma coisa de que seu organismo ainda juvenil realmente necessitava. Sentindo-se

assim tão bem não podia duvidar.

Chegou tarde ao Tergesteo. Precisou portanto correr ao telefone para reparar o atraso. Por cerca de meia hora os negócios o absorveram completamente. Também essa calma foi para ele motivo de satisfação. Lembrava que na juventude a espera fora tão torturante e deliciosa que depois, comparada a ela, a alegria esperada empalidecia. A tranquilidade parecia-lhe uma prova de força, e aqui certamente se enganava.

Deixados os negócios, dirigiu-se ao hotel onde sempre comia como muitos outros cidadãos abastados, que assim economizavam as provisões guardadas. Continuava a examinar-se enquanto

caminhava. O desejo estava nele virilmente calmo, mas inteiro. Não tinha mais dúvidas e nem mesmo lembrava que na juventude, pessoa sensível como era, cada aventura como essa agitara em seu peito todos os problemas do bem e do mal. Via apenas um lado do problema e parecia-lhe que o que pegava lhe era devido, se não por outro motivo, como uma indenização pelo longo tempo em que não usufruía de tamanha alegria. Geralmente é verdade que a maior parte dos velhos acredita ter muitos direitos e apenas direitos. Sabendo-se inatingíveis por qualquer educação, acreditam poder viver exatamente como requer o próprio organismo. O bom velho sentou-se à mesa

com um desejo de assimilação que lhe lembrava a verdadeira juventude. Feliz, pensou: — A boa e bela cura começa.

Mas no final da tarde, quando, deixado o escritório, para evitar a espera inerte em casa foi dar um longo passeio pela praia e pelo cais, o velho sentiu em seu peito uma leve inquietação moral, que não passou sem deixar vestígios em sua alma. Mas não teve nenhuma influência no curso das coisas porque ele, como todos os velhos e os jovens, fez aquilo que quis, mesmo sabendo mais.

A luz crepuscular do verão era clara e pálida. O mar alto, cansado e imóvel, parecia sem cor em contraste com o céu ainda brilhante. Viam-se claramente os

perfis das montanhas descendo rumo à planície friulana. Entrevia-se também a Hermada e sentia-se vibrar o ar sacudido pelos golpes incessantes do canhão.

Cada manifestação da guerra que o velho presenciava lembrava-lhe com um aperto no coração que ele, por causa da guerra, ganhava muito dinheiro. Para ele a guerra resultava em riqueza e em abundância. Aquele dia pensou: — E eu tento seduzir uma jovem que pertence ao povo que lá sofre e sangra! — Estava há muito tempo acostumado ao remorso dos bons negócios que fazia, e que continuava a fazer apesar do remorso. Seu papel de sedutor era novo e portanto mais nova e intensa era sua resistência moral. Os

delitos novos não se conciliam tão facilmente com as próprias convicções altamente morais e é necessário algum tempo para acomodar pacificamente uns junto das outras, mas não é o caso de desesperar-se. Mas lá, no cais, diante da Hermada em chamas, o velho abandonou seu propósito. Enviaria sua jovem a um trabalho saudável e não seria para ela nada mais que um filantropo.

A hora marcada para o encontro estava próxima. A luta moral deixara ainda menos difícil a tarefa de esperá-la. O propósito do filantropo acompanhou o bom velho até sua casa, deixando-lhe porém o passo de conquistador que adotara aquela manhã descendo da

plataforma do bonde.

Nem mesmo em casa sua resolução mudou, mas os atos não a confirmaram. Oferecer uma pequena ceia à jovem já não era obra de filantropo. Ele abriu latas de alimentos delicados e preparou uma pequena e deliciosa ceia fria. Na mesa, entre duas taças de cristal, colocou uma garrafa de champanhe. Não por outro motivo: o tempo era muito longo.

Depois chegou a jovem. Estava mais bem vestida que de manhã, mas isso não foi decisivo porque mais desejável não poderia se tornar. Diante dos doces e do champanhe o velho assumiu um ar paterno a que a jovem não deu atenção, porque tinha os olhos inocentes sempre voltados

ao bom jantar. Ele disse que pretendia fazer-lhe aprender um pouco de alemão, de que necessitaria para o emprego e então ela disse uma palavra que foi decisiva. Declarou que estava disposta a trabalhar o dia inteiro, contanto que lhe deixassem meia hora de tempo para seu banho.

O velho começou a rir: — Quer dizer então que nos conhecemos há muito tempo? A senhorita é aquela jovem que me procurou com a mãe... Como está aquela cara senhora?

A palavra foi realmente decisiva antes de mais nada porque assim ele soube que se conheciam há muito tempo. A duração dá à aventura um aspecto mais sério.

Depois também a garantia do banho cotidiano é, sobretudo para um velho, de uma evidente importância. Somente agora poderia entender, se pensasse nisso, a razão pela qual a mãe da jovem mencionara o banho. O seu papel de filantropo desapareceu. Olhou-a nos olhos, rindo, como se quisesse zombar do próprio esforço moral, agarrou-a por uma mão e a atraiu a si.

Depois o velho quis retomar rapidamente seu aspecto de filantropo. Que motivo havia agora em conservar o aspecto odioso do sedutor? Teve o bom gosto de não falar mais de empregos. Em vez disso deu rapidamente algum dinheiro. Em seguida, depois de uma

breve hesitação, deu separadamente mais um dinheiro e este o destinou àquela cara senhora, à mãe. Para parecer filantropo é necessário dar também a quem não mereceu. Além do mais é verdade que os velhos sempre dão o dinheiro em prestações, ao passo que os jovens esvaziam o bolso de uma só vez, salvo se arreponderem depois.

A jovem teve assim a árdua tarefa de ter que aceitar por duas vezes o dinheiro, e fingir por duas vezes não querê-lo. Uma vez é simples e todas passam por isso. Mas a segunda vez? Ela não encontrou a variante necessária e repetiu mecanicamente a palavra e o gesto utilizados a primeira vez. Também uma

terceira vez diria:- Dinheiro? Eu não quero! — e o pegaria declarando:- Mas eu gosto de você! — Depois da segunda vez ficou um pouco perturbada e o velho atribuiu tal perturbação a seu desinteresse. Mas poderia também ser que ela estivesse achando que a quantia dada era pequena e tivesse sido dividida em duas para que parecesse maior.

Esta aventura tão simples tornou-se mais complexa na mente torpe do bom velho. É o destino! De um jeito ou de outro, mesmo quando um velho paga sabendo que os favores não podem mais lhe serem dados de presente, ele termina sempre disfarçando as aventuras em amor e merece rapidamente o riso de

Beaumarchais e a música de Rossini. O meu bom velho — tão inteligente — não riu das palavras assim tão pouco elaboradas da jovem. A aventura deveria permanecer "verdadeira" e ele colaborava com vontade à falsificação. A jovem era tão graciosa que nenhuma sua palavra poderia parecer destoante. Tal falsificação teve alguma importância, mas somente no espírito do velho. Externamente não teve outra função senão manter um pouco mais duradouro aquele primeiro encontro e também os outros que se seguiram. Se o velho pudesse comportar-se segundo os seus desejos, afastaria rapidamente a jovem porque os velhos têm a imoralidade breve. Mas com

uma mulher que ama não se pode proceder assim às pressas. Ele não era um leviano. Pensava: -A jovem ama o luxo do meu escritório, da minha casa, da minha pessoa. Talvez goste também da doçura da minha voz e da fineza dos meus modos. Ama esta minha sala na qual há tanta comida boa. Ama tanto minhas coisas que um pouco pode amar também a mim. A oferta do amor é um dom belíssimo e agrada mesmo quando não se sabe o que fazer com ele. Na pior das hipóteses pode equivaler aos títulos cavaleirescos das pessoas que negociam com bois, sabendo-se no entanto quanto elas prezam aquilo. Ela disse, mas sem nenhuma intenção de fazer uma tragédia, que ele tinha sido seu

primeiro amante. E ele acreditou. Em suma, o bom velho teve que se segurar para não oferecer dinheiro uma terceira vez. Deixou-se envolver tão agradavelmente por essa grande doçura que acabou por sentir-se magoado quando ela disse não amar os jovens e preferir os velhos. Foi um desagradável despertar sentir-se chamar de velho e uma dor ter que agradecer aquela gentil declaração. Porém o encontro, mesmo quando foi menos amoroso, não foi de certo uma tortura para o bom velho. A jovem ficava inteiramente ocupada em dar cabo da boa ceia que lhe fora oferecida e assim ele podia descansar à vontade.

Mas ficou aliviado em vê-la partir e

ficar sozinho. Ele estava acostumado às conversas das pessoas sérias e não lhe era possível suportar por muito tempo a fala vazia da bela jovem. Pode-se dizer que existem artistas e pensadores, gente mais séria do que meu velho comerciante, que quando jovens suportam deliciados os gorjeios de uma bela boca. Provavelmente os velhos, para certas relações, são mais sérios que os mais sérios jovens.

O bom velho foi deitar-se ainda um pouco preocupado. Quando estava em sua cama, disse: — Não vamos mais pensar nisso. Talvez não a veja nunca mais. Estava tão pouco seguro do próprio amor que estabelecera com ela que a convidaria para o próximo encontro com um

bilhetinho. Bastava então não escrever e ele se tornaria novamente o homem virtuoso que sempre fora.

Antes de pegar no sono foi torturado pela sede. Havia bebido muito e comido coisas muito condimentadas. Chamou a mulher que cuidava de sua casa e ganhou um copo de água e um olhar turvo de reprovação. Ela — não mais tão jovem — sempre acalentara o sonho de se tornar dona da casa. Depois havia pensado que o recato do velho devia-se ao seu espírito de casta e resignara-se a isso, porque não se tem culpa de nascer numa ou noutra casta. Agora ela pudera ver por um instante a jovem, quando ela saiu. Compreendeu portanto que o espírito de

casta não impedia nada ao bom velho. Isso para ela foi o mesmo que um tapa na cara. Poderá se dizer também que as qualidades que tornam as pessoas mais ou menos desejáveis não dependem de um próprio mérito ou demérito. Mas ela acreditava ter aquelas qualidades e portanto a culpa era do velho se não as percebia.

IV

As palavras com as quais o velho chamou novamente a jovem foram escritas poucos dias depois, bem antes do que

previra aquela noite ao deitar-se. Escreveu sorrindo, contente de si. Iludiu-se também que o segundo encontro seria mais rico de alegrias. Mas foi igual ao primeiro. Quando dispensou a jovem foi prudente como a primeira vez e estabeleceu novamente que ela deveria retornar quando ele a chamasse. E a chamou ainda mais rápido para o terceiro encontro, mas a despedida foi a mesma. Nunca chegou a estabelecer de antemão o próximo encontro. Isso porque o bom velho ficava duplamente feliz: quando chamava a jovem e quando a dispensava, ou seja, quando supunha retornar à virtude. Se, dispensando a jovem, ele estabelecesse na hora o próximo encontro,

esse retorno à virtude seria menos pleno. Assim, ao contrário, não existia qualquer compromisso e sua vida permanecia regulada e virtuosa, com exceção de um brevíssimo intervalo.

Dos encontros pouca coisa haveria para se dizer ainda, se o velho depois de algum tempo não tivesse sido tomado por um ciúme louco. Louco não por ser violento, mas por ser estranho. Era isso: não se manifestava quando ele escrevia para a jovem porque era o momento em que ele a tirava dos outros; nem quando a dispensava, porque era o momento em que a devolvia aos outros, com vontade, inteira. O seu ciúme acompanhava justamente o amor, no espaço e no tempo.

Com isso o amor ficava evidenciado, e a aventura tornava-se mais "verdadeira" que nunca. Uma delícia e uma dor indescritíveis. De súbito fincava-se em sua mente a ideia de que a jovem sem dúvida tinha outros amantes e todos jovens, ao passo que ele era velho. Tinha pena de si mesmo (oh, tanta!), mas também dela, que poderia perder qualquer possibilidade de uma vida decorosa. Ai se ela confiasse nos outros como havia confiado nele. No ciúme transparecia a própria culpa. E assim, para compensar o próprio iníquo exemplo, o velho acostumou-se a pregar a moral justamente quando fama amor. Explicava para ela quantos perigos poderiam derivar de

amores desordenados.

A jovem assegurava que tinha apenas um amor, por ele. — Pois bem! — gritava o velho enobrecido ao mesmo tempo pelo amor e pela moral — se você, para retornar à virtude, tiver que decidir não me encontrar mais, eu ficaria feliz. Então a jovem não respondia e isso por boas razões. Para ela a aventura era clara, tanto que não lhe era possível mentir como fazia ele. Era preciso para o momento não deixar aquela relação. Era também fácil calar quando ele a cobria de beijos. Quando porém ele se abandonava a um desabafo sincero e falava de outros amantes — que lhe atribuía — então ela reencontrava a palavra: — Como podia

acreditar nisso? Antes de mais nada ela passava pelas ruas da cidade somente de bonde, depois sua mãe a controlava e finalmente ninguém se interessava por ela, pobrezinha! — E derramava algumas lágrimas. Má retórica a que se sustenta em tantos argumentos, mas assim no velho desapareciam o amor e o ciúme e podia-se voltar ao jantar.

Com isso é possível ver como os velhos funcionam de modo regrado. Nos jovens cada momento é desordenadamente ocupado pelos sentimentos mais disparatados, enquanto que nos velhos cada sentimento tem a sua hora, inteira. A jovem seguia a cartilha do velho. Quando ele a queria, vinha; ia embora quando ele

não a queria mais. Discutiam! Depois faziam amor e em seguida comiam de ótimo humor.

O velho, talvez, comia e bebia demais. Prendia-se a uma manifestação de força.

Não quero dizer que foi por isso que o velho adoeceu. É claro que um excesso de anos é mais perigoso que um excesso de vinho, de comida e também de amor. Pode ser que um desses excessos agrave o outro, mas a mim nem isso interessa afirmar.

Deitara tranquilo como todas as noites e especialmente aquelas em que, após ter comido tudo aquilo que lhe era oferecido, a jovem finalmente tinha ido embora.

Pegou logo no sono. Depois lembrou ter sonhado, mas tão confusamente que nada mais lembrava. Parecia que muitas pessoas estavam à volta dele gritando, discutindo com ele e entre elas; depois todas haviam se afastado e ele, transtornado, deitara num sofá para descansar. Então numa mesinha bem na altura do sofá viu um grande rato que o fitava com seus pequenos olhos brilhantes. Havia um riso, ou antes um ar de zombaria naqueles olhos. Depois o rato desapareceu, mas com terror percebeu que ele havia penetrado em seu braço esquerdo e cavando furiosamente seguia rumo ao peito causando-lhe uma dor insuportável.

Acordou ofegante, coberto de suor. Fora um sonho, mas algo permanecia real: a dor insuportável. A imagem do objeto que causava a dor rapidamente mudou. Não era mais um rato, mas uma espada enfiada na parte superior do braço cuja ponta chegava ao esterno; curva, não cortante mas grosseira e venenosa, porque onde encostava causava dor. Não lhe permitia a respiração ou qualquer movimento. A espada poderia despedaçar-se dilacerando-o se ele se movesse. Ele gritava e sabia disso porque o esforço para se fazer ouvir machucava sua garganta, mas não ouviu com certeza o som que emitia. Havia muitos rumores naquele quarto vazio. Vazio? Naquele

quarto estava a morte. Do teto aproximava-se dele uma profunda escuridão, uma nuvem que quando o alcançasse lhe arrebataria a pouca respiração que ainda lhe era concedida e o cortaria para sempre de qualquer luz, mandando-o entre as coisas baixas e sujas. A escuridão aproximava-se lentamente. Quando o alcançaria? Oh! Claro! Poderia também dilatar-se de um momento para outro, envolvendo-o e estrangulando-o num segundo. Assim era a morte de que ouvira falar desde a infância? Assim insidiosa e acompanhada de tanta dor? Ele sentia lágrimas escorrer dos olhos. Chorava de terror e não para causar piedade, porque sabia que não

existia piedade. E o terror era tão grande que lhe pareceu estar limpo de toda culpa e pecado. Era estrangulado daquele jeito, ele bom e manso e misericordioso.

Quanto tempo durou aquele terror? Ele não saberia dizer e poderia acreditar que durara a noite inteira, se afinal a noite não tivesse sido tão longa. Pareceu-lhe que se afastou primeiro a escuridão ameaçadora, e depois a dor. A morte não estava mais presente e no dia seguinte ele saudaria o sol. Depois a dor moveu-se e foi um alívio. Subiu mais para o alto, rumo à garganta, de onde em seguida desapareceu. Ele se enrolou nas cobertas. Batia os dentes pelo frio e um tremor convulsivo impedia-lhe o repouso. O

retorno à vida estava porém completo. Ele não gritou mais e ficou feliz de que seu lamento não tivesse sido ouvido. A criada — maliciosa — afirmaria que o motivo do mal fora a visita da jovem na noite anterior; por esse motivo lembrou a jovem e, de repente, pensou: — Nunca mais vou fazer amor!

V

O médico, chamado pela manhã, examinou, estudou e não deu logo uma grande importância ao ataque. O velho contou-lhe a aventura da noite anterior,

incluindo comida e champanhe, e ao médico pareceu que o mal tinha sido consequência daquele abuso. Disse que tinha certeza que o mal não se repetiria, contanto que o velho soubesse viver em repouso, tomasse regularmente a cada duas horas um certo remédio em pó e deixasse de ver o objeto de seu amor ou mesmo de pensar nele.

O médico, que tinha sua mesma idade e era seu velho amigo, o tratava com grande intimidade: – Você poderá ver sua amante somente quando eu lhe der permissão.

O velho, ao contrário, que valorizava a própria saúde mais que o médico, pensava:- Mesmo quando você o permitir

eu não irei mais vê-la. Eu estava bem melhor antes de conhecê-la!

Depois, porém, assim que foi deixado só, pensou logo na jovem para se livrar dela definitivamente. Mas lembrava que a jovem o amava. Acreditava portanto que ela seria capaz de ir visitá-lo depois de algum tempo, mesmo sem seu convite. Todos conhecem o poder do amor. E então que papelão faria ele, que havia decidido não recebê-la nem mesmo com a permissão do médico? Escreveu-lhe que de improviso e por um longo tempo deveria deixar a cidade. Quando voltasse a avisaria. Juntou à carta uma quantia de dinheiro com o fim de saldar a conta com a própria consciência. A carta terminava

também com um beijo, escrito depois de um momento de hesitação. Não! Aquele beijo não havia alterado seu pulso.

No dia seguinte sentiu-se mais seguro graças à noite tranquila, ainda que quase insone. A grande dor não se repetira, embora ele temesse toda noite ser pego pela escuridão, apesar das afirmações do médico. Voltou a se deitar mais tranquilo e foi reconquistando a confiança, mas não o sono. Ouvia-se o rumor do canhão e o bom velho perguntava-se: — Por que não inventaram ainda um jeito de se matarem sem fazer tanto barulho? Não estava tão distante o dia em que o som dos combates despertara nele um sentimento generoso. Mas a doença tirava-lhe aquele resíduo de

espírito social que a velhice não havia conseguido destruir nele.

Nos dias seguintes o médico ordenou também umas gotas, entre um remédio em pó e outro. Depois, para garantir o sono noturno, vinha dar-lhe injeções. Também para o apetite veio um remédio especial que era necessário tomar em determinadas horas. Não faltavam ocupações nos dias do velho. E a criada, rejeitada nos dias de saúde, tornara-se muito importante. O velho, que sabia ser grato, poderia até se afeiçoar a ela, que algumas vezes devia levantar-se também durante a noite para lhe dar alguns medicamentos. Mas ela tinha um péssimo defeito: não lhe perdoava o passado e muitas vezes fazia

alusões a ele. A primeira vez que como parte da cura teve que lhe dar de beber uma pequena dose de champanhe, a acompanhou com a observação: — Ainda é daquela que foi comprada com objetivo bem diferente.

Por algum tempo o velho negou, querendo fazer crer que entre ele e a jovem só existira um afeto puríssimo. Depois, visto que ela não abandonava sua convicção, ele começou a crer que ela sabia muita coisa e o tivesse espiado. Em que momento teria sido? Por um longo tempo indagou para descobrir. Envergonhava-se principalmente por aquilo que a criada sabia, porque o resto sequer existia, mas com aquela maldita

criada acabava por existir tudo, pois com aquelas suas alusões muito vagas podia-se relembrar a aventura inteira. O resultado foi que ele passou a detestar aquela criada e a tolerava a seu lado apenas quando tinha necessidade. É verdade que precisava dela também para conversar, de tal modo que mesmo este ódio, que poderia ser bastante vital, deu em nada. Limitou-se a dizer em voz baixa ao médico: — É feia como o pecado.

Naquela luta com sua criada lembrava-se da jovem, mas não para lamentar a falta dela. Ele lamentava apenas sua falta de saúde, ou melhor, aquilo que ele considerava como sua própria juventude. A juventude morrera

com a última visita da jovem, e a saudade desta subsistia na saudade daquela. Agora, de verdade, ele procuraria um emprego para a jovem... se recuperasse a saúde. Depois voltaria à sua grande e profícua atividade e não ao pecado. O pecado era aquilo que prejudicava a saúde.

O verão acabou. Num dos últimos dias serenos foi-lhe concedido passear de carro. O médico o acompanhou. O resultado não foi ruim, pois ele se sentiu contente pela distração e seu estado não piorou, mas com o mau tempo que sobreveio em seguida a experiência não pôde se repetir.

Assim continuou sua vida vazia. Não

havia outra novidade a não ser nos remédios. Cada medicamento era eficiente por algum tempo. Depois, para conseguir o mesmo efeito, era necessário aumentar a dose, em seguida substituí-lo por um outro remédio. Verdade é que após alguns meses começava tudo de novo.

Naquele organismo porém criou-se um certo equilíbrio. Se caminhava rumo à morte o movimento era imperceptível. Não se tratava mais da dor, heroica pela sua intensidade, daquela noite em que a morte levantara o braço para lhe desfechar o golpe decisivo. Era outra coisa. Talvez — como estava no momento — não valia mais a pena atacá-lo. Ele acreditava estar cada dia melhor. Parecia-

lhe que também o apetite havia voltado. Demorava para engolir suas sopas insípidas e acreditava sinceramente estar comendo. Em casa havia ainda aquelas latas contendo alimentos saborosos. O velho segurava uma delas nas mãos trêmulas: lia o nome da fábrica famosa e a recolocava no lugar. Pensava em guardá-la para o dia em que estivesse ainda melhor. Para esse dia estavam guardadas também garrafas de champanhe. Tinha sido provado que para a doença aquele vinho espumante não fazia bem.

A parte mais importante do dia era a que passava junto a uma janela, nas horas mais quentes. Aquela janela era uma abertura de onde se via a vida que

continuava a se desenrolar nas ruas, mesmo depois que ele fora exilado delas. Se a mulher do pecado (assim ele a chamava) estivesse por perto, com ela ele criticava o luxo que apesar de tudo aparecia nas pobres ruas de Trieste, ou compadecia com tom bastante enfático a miséria que ali transitava em procissão. Em frente à sua casa havia uma padaria e frequentemente naquela porta se formava a fila das pessoas que esperavam por um pedaço de pão. O velho compadecia-se daquela gente que esperava com tanta ansiedade um pão mal assado que a ele dava nojo, mas sua piedade era uma verdadeira hipocrisia. Ele invejava aqueles que se moviam livremente pelas

ruas. Infantilmente. Na verdade ele se sentia bem na sala protetora, bem aquecida, mas queria poder ver também para além daquela rua. As pessoas que passavam e despertavam sua curiosidade, porque vestidos muito bem ou muito mal, viravam a esquina e para ele estavam perdidas.

Uma noite em que não conseguia dormir ficou caminhando pelo quarto, e na ânsia de se mexer e ter uma distração foi à janela. A fila na porta da padaria já estava formada, tão comprida que mesmo de noite manchava de negro a calçada. Nem mesmo então compadeceu-se sinceramente por aquela gente que tinha sono e não podia ir dormir. Ele tinha a

cama e não podia dormir. Certamente estavam melhor os que faziam a fila!

Naqueles dias houve a derrota de Caporetto. Recebeu as primeiras notícias do desastre do seu médico que viera visitá-lo para chorar em companhia do velho amigo, que (pobre médico!) acreditava ser capaz de sentir como ele. O velho, ao contrário, viu naquele evento apenas um benefício: a guerra afastava-se de Trieste e portanto dele. O médico chorava:- Não veremos mais nem mesmo seus velívolos! O velho murmurava: — De fato! Talvez não os vejamos mais! Sentia em seu espírito a alegre esperança de noites tranquilas, mas tentava copiar no próprio rosto a dor que via impressa na

face do médico.

Durante a tarde, quando se sentia bem, recebia seu procurador, um velho empregado que gozava de toda sua confiança. Nos negócios o velho continuava bastante enérgico e lúcido, e o empregado concluía que a doença do velho não era muito grave e que mais dia menos dia voltaria aos negócios. Mas a energia nos negócios era a mesma que o orientava na tutela de sua saúde. A mais leve indisposição o induzia a adiar os negócios para o dia seguinte. E para ficar melhor sabia também esquecer os negócios tão logo seu empregado ia embora. Sentava-se diante da estufa e gostava de jogar pedaços de carvão que

depois ficava olhando enquanto queimavam. Em seguida fechava os olhos ofuscados e os reabria para reiniciar a mesma brincadeira. Assim passava as noites de dias igualmente vazios.

Mas sua vida não iria acabar assim. É o destino de certos organismos não deixar nenhum resíduo para a morte, que assim chega para agarrar apenas um vaso vazio. Tudo que poderia arder ardeu, e sua última chama foi a mais bonita.

VI

O velho estava à janela olhando a rua.

Era uma tarde escura. O céu estava coberto por uma névoa cinzenta e o calçamento da rua estava molhado, apesar de não chover há dois dias. A fila dos famintos começava a se formar-se diante da porta da padaria.

O acaso quis que a jovem passasse naquele momento diante da sacada ocupada por ele. Ela estava sem chapéu, mas ao velho, que não saberia dizer nenhum detalhe de sua roupa, pareceu mais bem vestida que no tempo em que a amava. Estava acompanhada por um jovem vestido exageradamente na moda, de luvas, e um guarda-chuva elegante que se levantou alto duas ou três vezes com o braço que quis acompanhar a fala

evidentemente vivaz. Também a jovem ria e falava.

O velho olhava ofegante. Não era mais a vida dos outros que passava por aquela rua, era a sua própria. E o primeiro instinto do velho foi de ciúme. Não era amor, mas somente o mais abjeto ciúme:- Ela ri e se diverte ao passo que eu estou doente. Tinham errado juntos e para ele originara-se a doença, para ela nada. O que fazer? Ela seguia com seu passo leve e logo chegaria na esquina, onde desapareceria. Por isso o velho estava ofegante. Não havia nem mesmo tempo para esclarecer os próprios pensamentos e ele sentia forte a necessidade de falar-lhe e pregar-lhe a

moral!

Quando a jovem e seu companheiro desapareceram o velho quis acabar com a própria agitação que podia prejudicá-lo e disse: -Tanto melhor! Ela vive e se diverte! Havia duas mentiras naquelas poucas palavras, que antes de mais nada queriam significar que o velho durante a doença tivesse se preocupado com a sorte da jovem, e depois também que ele sentisse alguma satisfação em vê-la andar daquele modo pelas ruas para se divertir. Por isso não teve sossego. Ficava na janela e olhava para o lado onde a jovem tinha desaparecido. Se ela voltasse a chamaria da janela. Não fazia tanto frio e além disso parecia-lhe necessário revê-la.

E de dentro de si, alguém, suspeito, perguntou-lhe: — Por quê? Quer recomeçar? O velho deu uma risada: — Desejo? Nem em sonhos! Porém olhava sempre para o mesmo lado com a atitude do desejo mais intenso. — Eu — pensou, convicto de estar dizendo a verdade dessa vez — ficaria completamente tranquilo se soubesse que aquele rapaz a ama e quer casar-se.

Ninguém, nem mesmo ele, saberia decifrar a alma do velho, apaixonadamente descontente da jovem e de si mesmo. Ele via claramente que no comportamento da jovem estava envolvida uma sua própria responsabilidade. Procurava diminuí-la

lembrando que lhe havia pregado a moral e procurava esquecer o resto. Para reconquistar a tranquilidade ele deveria repetir-lhe mais claramente (ou seja a ela, pois para si ele nada pedia) os preceitos de moral que ela poderia ter esquecido. E havia também o perigo que ela tivesse esquecido as suas palavras e não as suas ações.

Correu até a mesa para escrever-lhe que viesse visitá-lo. Por que não? Receberia a jovem sereno como recebia seus dependentes do escritório e lhe recomendaria cuidar melhor do seu destino.

Com a caneta na mão sentiu um certo embaraço. Queria fazer-lhe entender logo

que a carta não provinha de um amante, mas de um velho respeitável que a convidava a ir visitá-lo para o seu bem. Pegou um cartão de visita e sob o próprio nome escreveu duas palavras de convite. Deixou o bilhete sobre a mesa e voltou à janela. Seria melhor se ela passasse de novo pela rua. Havia o perigo de ela não corresponder àquele convite, que lhe pareceria estranho. Mas era importante que ela viesse, importante para ele.

Voltou à mesa e escreveu de novo o mesmo bilhete que mandara tantas vezes. Com o mais vivo rubor, pois assim sua culpa era evocada até de modo tangível. Mas não devia ter resguardos por aquela menina. Bastaria induzi-la a vir para tirá-

la de vez do próprio destino; e para limpar seu destino de uma presença tão incômoda parecia-lhe que não ocorresse outra coisa senão poder dizer-lhe claramente (mais claramente do que poderia dizer no passado): — Pelo que me concerne, peço que você seja virtuosa comigo e com todos. Então seria fácil não pensar mais naquilo.

Procurou a tranquilidade tornando definitiva a própria resolução. Encontrou um meio de mandar aquele bilhete sem fazê-lo passar pelas mãos de sua enfermeira. O encontro seria para o dia seguinte, no final da tarde. O início da tarde seria dedicado aos tratamentos.

Voltou à janela. No desejo de limpar a

consciência de qualquer reprovação, percorreu com o pensamento a história da sua relação com a jovem. Seria estranho atribuir-lhe alguma importância. Fora demasiado fácil ter aquela jovem. Uma aventura muito comum. Mas não em sua vida, e importante também pela juventude e beleza da jovem. — Certamente — pensou o velho — os outros são piores do que eu, e ainda mais agora sou superior a todos. Parecia-lhe uma glória não sentir nenhum desejo e uma segunda glória ainda maior chamar a jovem à sua presença para fazer-lhe o bem.

Daria algum dinheiro a ela. Quanto? Duzentas... trezentas... quinhentas coroas. Era preciso dar o dinheiro, se não por

outro motivo, para adquirir o direito de educar. Depois a alertaria contra os amores desordenados. Também no passado ele havia pregado contra os amores, mas agora era necessário fazer esquecer que ele antes tentara colocar o próprio amor entre os permitidos.

Na rua aconteceu uma cena que atraiu toda sua atenção. De longe já avistara os atores porque vinham do lado para onde ele olhava. Um garoto de uns oito ou dez anos, descalço, descia a rua puxando pela mão um homem evidentemente bêbado. Parecia que o garoto estava consciente de sua responsabilidade. Caminhava com passo pequeno mas decidido. Olhava de vez em quando atrás de si o homem que

parecia convencido que devia segui-lo, depois olhava diante de si para ver o próprio caminho. Certamente ele sabia que devia aconselhar e orientar. Assim chegaram debaixo das janelas do velho. Naquele momento o garoto desceu da calçada para caminhar melhor e não foi seguido de imediato pelo homem. Assim aconteceu que os braços deles, enlaçados, foram bater contra a coluna de um lampião. O garoto não entendeu de imediato que devia retroceder para acompanhar o homem. Estava com pressa e provavelmente machucou o bêbado apertando a mão dele na coluna. O bêbado foi tomado de um súbito furor. Soltou-se do garoto e de repente deu-lhe um pontapé

arremessando-o ao chão. Por sorte sua embriaguez impedia-lhe a rapidez dos movimentos, porque dava para entender que se preparava para bater mais. O garoto, no chão, cobria infantilmente o rosto com o braço para se proteger e chorava, olhando aterrorizado o bêbado abaixado sobre ele e que não conseguia readquirir o equilíbrio.

O velho, na janela, foi tomado pelo terror. Abriu as vidraças esquecendo por um momento os cuidados com a própria saúde e começou a gritar com sua voz rouca chamando por socorro. Da fila na porta da padaria muitas pessoas acudiram, tantas que, logo, o velho não conseguiu mais ver nem o garoto nem o bêbado.

Voltou a fechar a janela, chamou a enfermeira e, ofegante, jogou-se na poltrona. Era demais para ele. As pernas não o seguravam mais.

Em sua longa solidão, ele acalentara uma grande ambição e acreditara-se benigno e superior a todos, mas somente agora experimentava uma sensação realmente nova e surpreendente de real e instintiva bondade. Por um breve instante foi bom e generoso, sem que seu sentimento fosse obscurecido por alguma preocupação consigo mesmo. É verdade que nada fez para aproximar dele aquele pobre garoto necessitado de socorro e de conforto. Nem pensou nisso; mas em seu pensamento acariciava com grande

emoção a figura infantil derrubada ao chão. Descobriu também em sua própria memória um detalhe que fez aumentar sua piedade: ele vira o pranto do garoto, mas não ouvira nenhum grito dele. Talvez o garoto se envergonhasse de ser punido em público e talvez sua vergonha, que lhe impedia atrair a atenção dos outros, fosse maior que seu terror. Pobre e pequeno ser, que assim se tornava ainda mais indefeso.

Mas logo o velho voltou à sua ocupação habitual: aos cuidados consigo mesmo. Para começar, seu sentimento generoso alargara-lhe tanto o peito que pôde logo constatar um benefício daquele seu abandono. Para que o efeito continuasse falou com sua enfermeira de

sua grande aventura. Disse ter sido ele a salvar aquele garoto:- Se eu não tivesse gritado, aquele homenzarrão o teria massacrado. E na verdade era bem possível que seu grito rouco sequer tivesse chegado até a rua.

Voltou o pensamento à jovem e alguma ligação se fez em sua mente entre o garoto maltratado e a jovem que na mesma rua era arrastada para a perdição por um janota. A compaixão pelo garoto levou-o a reprovar a si mesmo não ter feito nada por ele, além de abrir a janela e gritar.

Livrou-se de tal peso pensando: — Eu já tenho uma desgraça em que pensar, e é suficiente para mim!

A noite foi insone até de manhã. Não

sofria e ficava deitado meditando. Entendia muito bem que sua consciência não estava tranquila, mas não sabia a razão. Decidiu dar uma soma até maior à jovem. Parecia-lhe que seria suficiente induzi-la a dizer-se grata para voltar a ter a consciência tranquila.

Quase de manhã adormeceu e teve um sonho: caminhava ao sol segurando pela mão a bela jovem, do jeito que o bêbado segurava a mão do garoto. Ela também caminhava um pouco à sua frente, o que lhe permitia vê-la melhor. Era belíssima, vestida de chitas coloridas como o primeiro dia em que a vira. Caminhava batendo o pequeno pé no chão e a cada passo seu a campainha de alarme tocava

como aquele dia no Viale di Sant' Andrea. O velho, que até então caminhara com seu passo lento, esforçou-se para alcançar a jovem. Ela se tornara para ele a mulher do seu desejo, inteira, com suas chitas, seu passo e até aquele som cristalino da campainha que devia estar amarrada a seu pezinho. Mas logo sentiu-se cansado e quis soltar sua mão daquela da jovem. Só conseguiu quando, exausto, caiu no chão. A jovem, como um autômato, afastou-se dele sem sequer olhá-lo, com o mesmo passo sempre sonoro por causa da campainha de alarme. Levava o sexo a outros? No sonho não se importou com isso. Acordou. Estava coberto de suor como na noite da grande angina.

— Sujo! Oh! Sujo!- gritou até, assustado com o próprio sonho. Quis acalmar-se lembrando que o sonho não pertence a quem o sonha, mas é mandado por forças ocultas. Mas a sujeira evidentemente era sua. Teve certamente maior remorso pelo sonho do que tivera por aquela realidade recente para a qual havia conscientemente colaborado. Em meio às curas que enchiam sua manhã, ele, que não podia livrar-se da lembrança da aventura noturna, teve uma inspiração: entre o garoto derrubado ao chão e surrado e a jovem do sonho, que como um autômato oferecia sua própria beleza, existia uma analogia. — E entre mim e o bêbado? indagou o velho. Quis sorrir à

comparação impossível. Depois pensou: — Posso ainda reparar fazendo-lhe o bem e instruindo-a melhor.

Durante o dia teve outras dúvidas. E se na realidade ele acabasse por se comportar como se comportara nos sonhos? Verdade que os sonhos são mandados por outros e que a própria responsabilidade nada tem a ver com isso, mas ele era velho o bastante para saber que também na realidade, às vezes, em certas ações, não reconhecemos a nós mesmos. Como acontecera com ele, quando entrara naquela aventura após aquele histórico passeio no cais, no qual fora acompanhado por propósitos bem diferentes. Agora, se seus propósitos

atuais não tinham maior eficácia que aqueles de então, adeus paz, depois adeus saúde e certamente também adeus vida.

Mas aqui surgiu no velho uma decisão de verdadeira nobreza. Antes deixar a vida que voltar a viver no meio de sua farmácia. Hoje, sobretudo depois daquele sonho, sentia-se ainda mais desejoso de viver e de agir. Hoje, se assistisse de novo aos maus tratos para com o garoto, não saberia abandonar-se ao repouso como o dia anterior. E ele pensou também que, depois de esclarecer sua posição com a jovem, ele poderia localizar e ajudar também o garotinho. Só que a coisa agora era muito complicada e era preciso esperar a visita de algum amigo influente

a quem ele encarregaria das buscas necessárias. Nos tantos outros meninos que se estavam em situação parecida e que se encontrariam facilmente o velho nem pensou, e aquele que amava por tê-lo visto apanhar foi logo esquecido por ele.

Contou ao médico alguma coisa de sua aventura noturna. O velho amigo, que cada dia encontrava um jeito de descobrir um indício da cura iminente, sorriu: -Vê que volta a saúde, aliás a juventude.

— Será que é assim que começa a saúde e a juventude? — perguntou o velho perplexo. Pois então! Ele não queria saber nada daquela juventude. Queria a calma, a serenidade, a verdadeira saúde. Antes de mais nada queria se livrar de toda

repreensão pela atitude que tivera com a jovem. O médico não podia adivinhar que seu paciente estava então decidido a se curar à sua maneira, ainda mais que o velho mesmo não saberia dizer-lhe. Ele mesmo não sabia que corria atrás de outro tratamento.

À tarde o velho dormiu um longo sono restaurador e sem sonhos. Acordou sorrindo como um menino daquele sono finalmente inocente porque sem imagens.

Depois preparou o jantar para a jovem, exatamente como a primeira vez que a esperara. Antes de se dedicar a esse trabalho teve um instante de hesitação. Mas depois disse a si mesmo que mais cedo ou mais tarde a jovem deveria ouvir

dele palavras duras e sermões menos divertidos e que por isso era bom oferecer-lhe a compensação que aparentemente agradava tanto a ela. Abriu portanto com cuidado as latas que por longo tempo guardara. Sorria esvaziando-as nos pratos preparados sobre a mesa de sempre: tratava-se de dourar uma pílula que à jovem poderia parecer amarga demais.

Assistindo a todos os preparativos, sua enfermeira alarmou-se. Não seria dever dela avisar o médico? O velho tranquilizou-a com ar de superioridade. Seu último sono fora tranquilo, e o anterior esquecido. Por isso a suspeita da enfermeira não podia sequer ofendê-lo.

Disse-lhe que poderia assistir ao encontro da sala ao lado. Pela primeira vez falou claramente do passado, confessando aquilo que ela já sabia ou de que pelo menos desconfiava. -As coisas da juventude devem ser esquecidas. Em todo caso não podem ser repetidas. Mas a enfermeira não ficou quieta. Embora nada lhe faltasse naquela casa, no entanto não lhe agradava ver preparar para outros aqueles pratos gostosos. Maldosamente respondeu: — Quer dizer que cinco meses atrás o senhor era jovem!

— Só passaram cinco meses desde então? — perguntou o velho maravilhado. A ele parecia que transcorrera um século desde a última visita da jovem. Fez de

novo as contas e constatou que aquele período de tempo não alcançava sequer os cinco meses. Não respondeu à enfermeira, mas duvidou estar velho tendo sido tão jovem cinco meses antes. Mas não duvidou do próprio sincero desejo de moral e de bondade.

VII

A jovem, como sempre, foi pontual ao encontro. O velho, ao esperá-la, não sentira ansiedade como no passado. Isto foi reconfortante: se o sonho simulara excitações sexuais, a realidade — agora

tinha certeza disso — era bem diferente. Mas uma grande surpresa causou a enorme emoção que tomou conta dele ao rever o caro rosto da jovem. Agora percebia que lhe era impossível assumir com ela, como se propusera, os ares de chefe de escritório. Sentia-se quase desmaiar. Como era encantador aquele rostinho de olhos grandes, de que conhecia cada linha por tê-lo beijado, e como era harmoniosa aquela voz por ele ouvida quando cometia atos de que sentia remorsos. Não encontrava palavras para cumprimentá-la e segurou longamente a pequena mão coberta por luva em suas próprias mãos. Era tão lindo gostar de alguém. Nascia nele uma nova, uma última

juventude? Um novo tratamento mais eficaz que todos os outros?

Depois a olhou. O rosto pareceu-lhe menos fresco. Em volta da boca que cinco meses antes parecera-lhe uma flor apenas desabrochada, alguma linha formara-se. Horizontalmente a boca alargara-se e os lábios pareciam menos viçosos. Algo de amargo? Quem sabe rancor dele? Porque — só agora lembrava — ele prometera amor e proteção, e improvisadamente furtara-se a qualquer compromisso com ela. Por isso suas primeiras palavras foram ditas para pedir perdão. Contou-lhe que aquela vez que lhe escrevera que devia deixar a cidade, na verdade adoecera. Descreveu a grande angina, que

na verdade estava tão longe, como se dela tivesse sofrido até o dia anterior. Num certo sentido, portanto, mentiu, mas apenas para ter certeza de obter logo o perdão.

Ela, no entanto, nem pensava em ter rancor dele. Pelo contrário! Quis até beijá-lo logo na boca. Ele ofereceu a face e roçou a dela com seus lábios. — Que pena! — ela disse — teria sido melhor você partir do que ficar doente.

Ele, para vê-la melhor, a fez sentar na outra ponta da mesa. Deve ter sido coordenado pela mãe natureza o fato de que os velhos enxergam melhor de longe com o fato de não haver motivo para terem as coisas ao alcance da mão.

Logo observou maravilhado que os cachos que no dia anterior ele vira esvoaçar livres ao ar estavam agora cobertos por um chapéu elegante, adornado por plumas de cores finas e sóbrias. Por que aquela metamorfose, como se podia chamá-la em Trieste, onde o chapéu das mulheres designa até a classe a que pertencem? Vinha à casa dele de chapéu e não o usava para caminhar pelas ruas? Estranho! E como mudara em seu modo de vestir! Aquela não era mais uma jovem do povo, mas pertencia à burguesia pelo chapéu, e pelo vestido de corte elegante e tecido abundante, como se usava nesses tempos em que os tecidos faltavam. Pertenciam também à burguesia,

mas menos, aquelas meias de seda transparentes que não protegiam do frio, e os sapatinhos de verniz. Não foi somente por afeto que o velho não soube assumir o ar soturno que premeditara, foi também por um certo embaraço. Ela era sem dúvida a pessoa mais elegante entre todas com as quais falara nos últimos tempos. Ele, ao contrário, estava com roupas cômodas e sequer vestia o colete porque lhe tirava o ar. Com gesto instintivo levou as mãos ao pescoço para se acertar de que a camisa estava abotoada.

De onde teria vindo todo o dinheiro necessário para adquirir todas aquelas coisas tão lindas? Em lugar de pensar naquilo que tinha para dizer, o velho

perdeu-se em cálculos. Quanto dinheiro lhe mandara cinco meses antes? Poderia o dinheiro mandado por ele explicar tanto luxo?

Ela o olhava sorrindo e parecia esperar. Ele já decidira não assumir, pelo momento, o aspecto de um mentor, ainda mais que lhe parecia suficiente aconselhar dando um exemplo de virtude. Foi exatamente por não saber dizer outra coisa que lhe perguntou: -Você ainda trabalha no bonde?

De início pareceu que ela não havia entendido bem: — No bonde? — Depois pareceu lembrar. Não era um lugar indicado para uma jovem. Deixara-o há muito tempo.

Ele a convidou a comer. Era uma maneira de ganhar tempo, porque nele havia a dúvida se devia ou não repreendê-la por ter largado o trabalho. Enquanto ela se preparava para comer tirando as luvas devagar, ele perguntou: — E o que você está fazendo agora?

— Agora? — perguntou a jovem, ela também hesitante. Depois sorriu: — Agora estou procurando um emprego e você é que deveria procurar um para mim.

— Com muito prazer — disse o velho. — Logo que eu sarar você irá trabalhar no meu escritório. Você estudou um pouco de alemão?

— Muito bem! O alemão! — disse ela rindo de coração. — Nós dois

começamos a nos querer bem por causa do alemão e poderíamos continuar a estudá-lo juntos —. Era uma proposta que ele fingiu não entender.

Ela começou a comer, mas com muita classe. A faca e o garfo trabalhavam com grande segurança e na boquinha chegavam porções na medida certa, ao passo que nas jantas a que ele a convidara antes também os dedinhos muitas vezes haviam colaborado ao corte e ao transporte da comida. Ao velho pareceu que devia ficar satisfeito de encontrá-la tão refinada.

Ele estava sempre hesitante. Se continuava a rir e a sorrir com ela, onde iria chegar? Para não ofendê-la quis falar somente da própria culpa: — Se aquele

dia tivesse me aproximado de você só para aconselhá-la para o seu bem...

O bom senso simples da jovem fez aqui uma objeção que ocuparia o velho também mais tarde: — Mas se você não tivesse se apaixonado por mim sequer teria se aproximado.— De fato ele reconheceu logo que se seu desejo não o tivesse retido naquela plataforma do bonde, ele teria descido no Tergesteo sem nem perceber que talvez a jovem poderia precisar dele.

Ela não levara a sério as palavras dele porque logo lhe disse: — Eu estava bonita naquela viatura? Fale a verdade! Você bem que gostava! Levantou-se, foi

até ele e lhe fez uma carícia na face que fora barbeada naquele dia. Ele não pôde deixar de corresponder à carícia apoiando-lhe a mão no queixo.

Ele quis retomar o fio de seu discurso: — Eu era velho demais para você e deveria tê-lo sabido.

— Velho! — ela protestou. — Eu gostava de você com aquele seu ar distinto! — Ele teve que sorrir realmente satisfeito com o elogio. Ele sabia ter uma figura distinta, mesmo estando velho, e ainda se comprazia com isso.

— E depois — acrescentou ela comendo — se você quiser me adotar como filha, ainda está em tempo. Eu não seria por acaso uma bela filha?

Transparecia uma grande presunção em cada palavra que ela dizia e a ele parecia que a jovem do povo fora diferente. Vestida de chitas, justamente quando ele a seduzira, ela havia sido tão mais moral. Comendo ela encontrava o jeito de se alongar na cadeira e colocar à vista do velho as pernas elegantemente vestidas. Adotá-la? Uma mulher que lhe mostrava umas pernas que não lhe interessavam?

A ira tornou-o mais eloquente. — Já naquele dia eu me aproximei de você para fazer-lhe algum bem e encaminhá-la a uma vida melhor. Lembra que lhe falei de empregos e de estudos? Você lembra? Depois a paixão acabou ganhando. Mas

lembra que logo na primeira noite eu quis voltar a falar de trabalho e depois voltei a falar na segunda noite e sempre toda vez em que a vi? Depois eu disse também para tomar cuidado e não se deixar arrastar por outros amores desordenados. Lembra? — Assim dissera, e sem esforço algum, que também o próprio amor fora desordenado.

E respirou. Posto que a jovem lembrava tudo que ele queria e nada mais, respirou. Parecia-lhe ter-se limpado de toda reprovação e acreditava que agora poderia dedicar-se a ensinar a moral à jovem sem encontrar impedimento no exemplo que ele mesmo dera. Com sua enfermeira ele fora mais sincero e jogara

a culpa das coisas transcorridas na própria juventude. Com a jovem, ao contrário, tentava apagar aquelas coisas com as palavras que as haviam acompanhado.

Parecia-lhe ter conseguido isso e sentiu uma indizível alegria. Acreditou poder olhar o mundo inteiro objetivamente, encontrando-se finalmente fora de todos os compromissos a que todos são levados pelas próprias fraquezas. Se fosse realmente o observador objetivo que acreditava ser, poderia perceber que na jovem ainda subsistia algo de popular, de simples e de ingênuo, e ficar feliz com isso. Ela continuava a comer com bom apetite e

dizia lembrar tudo que ele queria e nada daquilo que ele não queria. Não entendia porque ele falava daquele jeito, mas não se surpreendia com suas palavras. Nem se surpreenderia se ele começasse a beijá-la e abraçá-la como no passado. Podia ser que no passado ele costumasse fazer o amor antes e o sermão depois, enquanto que agora, após sua grave doença, decidira começar pelo sermão; e não cabia a ela entender a razão de tal mudança.

Porém ela afirmou ter sempre levado em conta as recomendações dele. Nunca as esquecerá e nunca se abandonara a amores desordenados. Dizia isso serenamente, continuando a mastigar e

sem observar a cara de seu interlocutor para ver se ele acreditava.

Ele não acreditou, mas se sentia na obrigação de demonstrar-lhe um pouco de reconhecimento porque fora tão condescendente com ele. — Muito bem — disse-lhe — estou muito contente com você. É um verdadeiro presente para mim você se conservar honesta, e verá que lhe serei muito grato. Parecia-lhe ter feito muito naquele primeiro encontro. O resto poderia ser deixado para o dia seguinte, após ter o tempo necessário à reflexão. Contudo não conseguiu mudar de assunto, e não somente porque os velhos são como os crocodilos que não mudam facilmente de direção, mas também porque agora

com a jovem ele só tinha uma ligação. No fundo mais do que uma ligação nunca tivera com ela, só que agora não era mais a mesma coisa. — E aquele moço, com o qual você passou debaixo de minhas janelas?

Ela na hora não lembrou ter passado por aquela rua. Lembrou-o após um esforço de memória, aliás de raciocínio: provavelmente passara por aquela rua tendo chegado àquela outra vindo de sua casa. O moço era um primo que voltava dos estudos. Um rapaz a que não se devia dar importância.

Novamente ele não acreditou, mas não lhe pareceu o momento de insistir. Antes de se despedir dela — deu como desculpa

um grande cansaço — deu-lhe algum dinheiro, desta vez não fechado num envelope, mas cuidadosamente contado sobre a mesa. Olhou a jovem para poder se alegrar com seu reconhecimento. Mas não foi muito. Antes de tudo a ela sempre repugnava falar de dinheiro e o velho teve que convidá-la mais de uma vez a assistir àquela contagem porque ela olhava para outro lugar; depois a soma na verdade não era grande, porque com aquele dinheiro podia-se comprar quando muito as botinhas que a jovem calçava.

Ela saiu após ter-lhe dado um grande beijo e na certa pensou que o amor estava reservado ao segundo encontro.

VIII

Quando queria colocar ordem nos próprios pensamentos, o velho tinha o costume de conversar com a pessoa que tivesse por perto, portanto sempre com sua inimiga e sua única companhia, a enfermeira. Por isso contou-lhe que se sentia aliviado porque a jovem lembrara também as lições de moral por ele dadas no passado, e não parou quando a enfermeira estarecida olhou feio para ele. Contou-lhe depois, sem malícia, como se pensasse em voz alta, que agora pretendia favorecer a jovem e disse também a soma de dinheiro que dera aquele dia.

A enfermeira teve um sobressalto. Sempre se tornava má quando sentia citar a jovem, mas começou desprezando a quantia de dinheiro que a ele parecera tão vultosa. Não foi cuidadosa — como depois se verá — mas naquele momento seguiu uma certa política com a qual pretendia fazer aumentar seu próprio salário. Efetivamente o velho não entendera ainda como o dinheiro se tornara vil como nunca. Depois, acrescentou apenas: — Quanto àquela lá — o aceno vago da mão era para a jovem — é fácil para ela lembrar as belas lições de moral que o senhor deu; com certeza as aproveitou muito bem.

Esta segunda observação foi para o

velho menos importante que a primeira; parecia-lhe gravíssimo ter-se sujado de avareza no momento mesmo que quisera mostrar-se tão generoso. Se era verdade aquilo que dizia a enfermeira, ele errara gravemente porque aquela soma devia representar o próprio resgate, que não podia ser pago com uma importância pequena.

Este foi o primeiro motivo de descontentamento após tanta confiança de chegar afinal ao sossego. No fundo o remorso nada mais é que o resultado de um determinado modo de se olhar no espelho. E ele se viu mesquinho e pequeno. Sempre pagara muito pouco àquela jovem. Para certas alegrias os

homens generosos assumem compromissos equivalentes. Para não assumir compromissos ele lembrava nunca ter marcado com antecedência encontros com ela, no passado, de modo que quando não os quis mais foi suficiente não chamá-la. Os outros homens costumam pagar as mulheres todos os dias porque elas precisam comer mesmo quando não se pede nada a elas. Ele ao contrário a fizera trabalhar no bonde para que pudesse comer todo dia e depois a pagara de uma forma que a ele pareceu senhoril, porque achou que não devia pagar nada mais além do aluguel de algumas horas. Assim conduziu aquela aventura que ele, para diminuir o aspecto

torpe, quisera designar de "verdadeira".

E lhe pareceu que esse era o remorso verdadeiro, não o fato de que ele, velho, se tivesse ligado a uma jovem. Por que deveria sentir remorso se pegasse consigo a jovem e a pusesse no lugar daquela odiosa enfermeira? O velho sorriu, com um pouco de amargura, mas sorriu. A jovem eternamente ao lado dele! A grande angina interviria em outros tempos. Não agora, porque ele tinha certeza que poderia viver muito próximo da jovem sem temer nenhuma tentação. Chateava-o o fato de ela continuar a assumir aquele ar de sereia e esta era a razão pela qual agora ele não poderia suportá-la a seu lado.

Mas no passado, amando-a, sua obrigação teria sido mantê-la a seu lado, e teria sido educada melhor. Assim faziam os jovens, ao passo que os velhos amavam e saíam correndo ou afastavam de si o objeto amado.

Como fora ridículo quando a forçara a assistir à contagem daquela grande soma que lhe oferecia! Mas isso ele poderia consertar. Ordenou logo ao funcionário que no dia seguinte lhe trouxesse uma vultosa soma de dinheiro.

Podia consertar também outras coisas. Tendo por ela só um afeto paterno podia também tentar educá-la. Sentia que tinha forças para isso. Precisaria apenas se preparar bem antes de encontrá-la. Agora

não lhe importava mais fazer lembrar a ela aquelas bobas palavras com as quais fazia acompanhar as manifestações da própria corrupção. Fora fraco com ela porque sempre preocupado pelo insensato desejo de parecer puro.

Ficou um tempo ainda meditando na poltrona. Seria tão bom explicar a alguém as próprias intenções, antes de pô-las em prática. Também nos negócios ele costumava se consultar com o procurador para ter a visão nítida daquilo que queria. Mas nesse negócio por ele conduzido sozinho não podia pedir o conselho de ninguém. Na certa com sua enfermeira não devia falar disso.

E foi assim que em seus anos tardios o

meu bom velho se tornou escritor. Aquela noite escreveu só umas notas para a conversa que queria ter com a jovem. Bem rapidamente: contava as próprias culpas sem atenuá-las. Ele quisera se aproveitar dela e furtar-se a qualquer obrigação para com ela. Estas suas duas culpas. Fora simples escrevê-las! Teria ele a coragem de repeti-las à jovem? Por que não, estando ele disposto a pagar? Pagar com dinheiro e pagar pessoalmente, isto é, educá-la e tutelar por ela. Aquele janota não teria mais as coisas tão facilmente. Eis que, escrevendo, vinha à tona até aquele sujeito que também devia ter sua parte nas dores e nos remorsos do velho.

Estas notas foram escritas primeiro a lápis e depois cuidadosamente copiadas a caneta. Os manuscritos naquele escritório não corriam perigo, porque sua enfermeira não sabia ler. Escrevendo-os a caneta acrescentou uma moral mais geral, um pouco chata e retórica. A ele pareceu ter corrigido e completado. Na verdade destruíra. Mas isso era inevitável num novato. No passado o bom velho havia sido cético. Agora que sua doença desequilibrara seu organismo sentia-se propenso à proteção dos fracos e ao mesmo tempo inclinado à propagação de suas ideias. De repente acreditou ter algo a dizer e não apenas à jovem.

Releu o manuscrito e para dizer a

verdade foi uma desilusão. Mas não absoluta, porque ele acreditou ter pensado bem e escrito mal. Isso poderia ser corrigido numa segunda tentativa. Por enquanto parecia-lhe que aquelas notas poderiam ser-lhe úteis com a jovem. Para ele, que desde que abrisse os olhos ao bom senso tivera de ouvir sermões de moral, aquilo não servia. Mas a jovem àquela altura provavelmente estava cansada de muitas coisas deste mundo, mas não de moral. Aquelas palavras, que ele escrevera com tanto sentimento, e que agora, lendo, nada mais provocavam, talvez a comovessem.

Aquela noite também foi inquieta, mas não desagradável. A insônia prolongada

traz sempre um pouco de delírio. Nem todas as células permanecem acordadas. Algumas realidades desaparecem e as que ficam acordadas se desenvolvem sem freio. O velho sorria a si mesmo como a um grande escritor. Ele sabia que tinha algo para dizer ao mundo, só que assim meio adormecido não sabia bem o que era. Porém estava consciente de estar meio adormecido e afinal o dia e a luz viriam completar sua mente.

Quando finalmente, já quase de manhã, adormeceu, teve um sonho que começou bem e terminou mal. Ele se encontrava no meio de uma multidão de homens dispostos em círculo na grande praça de armas. Ele apresentava a todos a

jovem vestida com suas chitas coloridas e todos o aplaudiam como se tivesse sido ele a fazê-la tão linda. Depois ela se agarrava a um trapézio que, amarrado num trole, andava em círculos bem em cima de toda aquela gente. E quando ela passava todos lhe acariciavam as pernas. Ele também esperava ansioso aquelas pernas para acariciá-las, mas nunca chegavam até ele e quando chegaram ele não tinha mais necessidade delas. E toda aquela gente começou a gritar. Gritava uma só palavra, mas ele não a entendeu até ser arrastado a gritá-la ele também. Dizia: socorro!

Acordou coberto por um suor frio: a grande angina o crucificava na cama. Estava morrendo! A morte, no quarto, era

representada por um bater de asas. Era a própria morte penetrando nele junto com a espada venenosa que se arqueava em seu braço e em seu peito. Ele era só dor e medo. Mais tarde pensou que também o remorso pelo sonho sujo colaborara para o seu desespero. Mas na dor imensa podiam caber todos os sentimentos que em sua vida lhe haviam ofuscado a alma, e portanto também a aventura com a jovem.

Quando a dor e o medo sumiram, ele continuou estudando aquela suprema preocupação. Provavelmente acreditava que com aquele estudo poderia se encaminhar à grande cura. Como era importante aquela jovem em sua vida! Por

causa dela adoecera. Agora ela o perseguia nos sonhos e o ameaçava de morte. Era mais importante que todos e mais que todo o resto de sua vida. Mesmo aquilo que nela desprezava era importante. Aquelas pernas que na realidade o haviam indignado, no sonho o haviam corrompido. No sonho ela aparecera vestida de chitas mas as pernas eram exatamente as do dia anterior, cobertas por meias de seda.

Veio o médico com suas prescrições e sua confiante e costumeira calma, inalterável pois que a angina pectoris só o atingia enquanto cura para os outros. Declarou que este seria o último ataque. — A dor forte era aliás um sintoma

favorável, pois nos organismos desfeitos não se produzem mais dores fortes. — Depois: aproximava-se a estação boa. Tinha certeza que a guerra estava para acabar e que o velho poderia ir a algum bom lugar de cura.

A enfermeira não esqueceu de avisar o médico a respeito da visita que o velho recebera o dia anterior. O médico, sorrindo, recomendou não aceitar mais tais visitas até que ele o permitisse.

Com firmeza viril o velho recusou a proibição. Era preciso curá-lo sem lhe proibir nada. Aquela visita não podia tê-lo prejudicado e se ressentia daquela proibição como de uma ofensa. Daí para frente ele chamaria a jovem e a veria com

frequência. O médico — se assim o desejasse — poderia se certificar de que aquelas visitas não podiam fazer-lhe mal.

Tal atitude do velho, naquele mesmo dia, logo após ter sofrido tanto, era a manifestação de uma grande, uma verdadeira nobreza. Ele mesmo sentia estar dando uma grande prova de força. Os outros não podiam saber que a grande angina não fora a aventura mais importante daquela noite. Não podia passar o resto de sua vida doente, como até então. Deveria se tornar mais intensa e mais extensa, pois seu pensamento não podia girar em volta de sua própria pessoa. Tinha intenção de seguir as prescrições do médico, mas acreditava

saber também outras coisas que eram importantes para sua cura e que ele não queria dizer ao médico.

O médico não discutiu, porque, bem prático como era, não achava que a discussão seria uma boa cura.

O cessar de uma grande dor é uma grande doçura e o velho viveu naquele dia aquela doçura. A liberdade de se mover e de respirar é uma verdadeira felicidade para quem a perdeu, mesmo por alguns instantes. Contudo ele, naquele mesmo dia, encontrou tempo de escrever à jovem. Mandava-lhe o dinheiro que lhe destinara desde o dia antes e a avisava que mandaria mais em seguida. Rogava-lhe não ir à casa dele até ele a chamar, pois

ficara doente.

Ele sabia agora que amava a jovem de chitas coloridas e a amava como a uma filha. Possuía-a na realidade e a possuía no sonho, aliás nos dois sonhos. Em ambos os sonhos, afirmava o velho a si mesmo não sabendo que os sonhos se têm de noite e se completam de dia, houvera uma grande dor, talvez causa do mal que o acometera, a dor da compaixão. Esse era o destino da jovem e ele colaborara para isso. Por culpa dele ela caminhara pelas ruas com a campainha de chamado amarrada ao pé, ou então até mesmo presa a um trole, deslizará naquele círculo, oferecendo-se aos olhos e às mãos dos homens. E não importava que a jovem que

o visitara no dia anterior não tivesse despertado nele nenhum sentimento de compaixão ou de afeto. Ela, agora, era assim, e era preciso salvá-la transformando-a de maneira a fazê-la voltar a ser a boa, a cara jovem, que — infelizmente! — havia sido dele e que ele amava agora pela sua fraqueza, que clamava por carícias e proteção.

Quanta doçura proporcionava-lhe tal propósito! Uma doçura que invadia cada fibra sua, mas que modificava cada coisa e cada pessoa, até sua enfermeira, até a própria doença, aliás, que ele pensava poder combater.

No dia seguinte chamou o contador e fez um testamento em que, com exceção de

alguns legados que a ele pareceram importantes, mas que eram pouca coisa comparados ao seu patrimônio, deixou à jovem tudo que possuía. Assim ela não precisaria mais vender-se.

A educação da jovem começaria quando ele, após ter-se recolhido, estivesse em condições de oferecê-la. Empregou alguns dias a refazer as notas feitas no dia antes e que deviam servir de base aos sermões que queria fazer à jovem. Depois, não satisfeito, destruiu-as. Agora ele sabia exatamente onde estava o erro cometido por ele e por ela, e que havia causado nele a doença e nela a corrupção. Não o atormentava o fato de não ter pago o amor de modo adequado ou

de ter abandonado a jovem. Ele errara quando a abordara daquele jeito. Aquele era o erro a ser estudado. Por isso começou a escrever novas notas sobre as relações que deviam e podiam acontecer entre jovens e velhos. Ele sentia que não tinha o direito de impedir o amor à jovem. O amor, para ela, podia ainda ser moral, mas era preciso impedir-lhe qualquer amor desordenado e sobretudo o amor com os velhos. Em seus apontamentos, por algum tempo, ele tentou colocar ao lado dos velhos cujo amor era preciso evitar também aquele janota com o guarda-chuva elegante que ele ainda não esquecera. Isto complicava-lhe a tarefa e tornava suas notas menos seguras e

corretas. O janota acabou desaparecendo daquelas notas e ficaram sozinhos, um em frente ao outro, o velho e a jovem.

O tempo passava e ele nunca se sentia pronto a chamar a jovem. Escrevera muito, mas era preciso colocar ordem naquelas notas para que estivessem à mão no momento que fosse preciso. Fazia chegar toda semana uma certa quantia à jovem por meio de seu funcionário e lhe escrevia que ainda não estava bem o bastante para recebê-la. Acreditava dizer a verdade o bom velho, e era verdade que não estava de todo bem, mas certamente não pior de como estava antes do último ataque. Porém agora desejava a saúde absoluta do homem laborioso e ela ainda

não chegara.

Sentia-se melhor porque nele renascera a confiança. Esta confiança por um certo tempo aumentou continuamente em relação direta com seu agarramento à vida, isto é, o seu trabalho. Um dia, relendo o que escrevera, nasceu na mente do velho a teoria, a teoria pura, da qual foi eliminada a jovem e ele mesmo. Aliás a teoria nasceu precisamente por essas duas eliminações. A jovem que recebia dele somente dinheiro logo perdeu toda importância. As mais fortes impressões acabam deixando na alma somente um leve eco que não se percebe se não é buscado, e àquela altura o velho, da lembrança daquela jovem que amara e que

não existia mais, sentia surgir um coro de vozes juvenis que pediam socorro. Quanto a ele, como consequência da teoria, mudou de aspecto por uma dupla metamorfose. Antes de mais nada ele se tornou bem diferente daquele velho egoísta que corrompera uma jovem para dela usufruir e não pagá-la, porque se via confundido com mil outros que de bom grado fariam ou faziam a mesma coisa. Não era possível sofrer por isso. A sua cabeça encontrava-se ao lado de milhares de outras cabeças brancas e debaixo daquele candor havia em todas a mesma malícia. Ele, então, tornou-se bem diverso de todos os demais. Ele era o outro, o puro teórico limpo de toda malícia pela

sua sinceridade. E era uma sinceridade fácil porque não se tratava de confessar, mas de estudar e descobrir.

Não escrevia mais para a jovem. Deveria manter-se a um nível chão para ser compreendido por ela e não valia a pena. Ele acreditava escrever para um grande público e talvez também para o legislador. Não buscava ele uma parte importante das leis morais que, segundo ele, deviam reger o mundo?

Infinita era a confiança lançada em seu espírito pelo trabalho. A teoria era longa e por isso não podia morrer antes de terminá-la. Parecia-lhe que não devia se apressar. Uma potência superior iria vigiar para que ele pudesse chegar ao

final de sua obra tão importante. Escreveu o título com sua maior e mais bela letra: Das relações entre velhice e juventude. Depois, quando ia começar o prefácio, pensou que para a publicação deveria fazer desenhar uma bela figura ilustrativa do título. Não encontrou o meio de colocar aquela plataforma do bonde com a jovem ao freio e um velho que a arranca ao trabalho. Era difícil, mesmo para o melhor desenhista, exprimir claramente a ideia com aqueles elementos. Depois teve uma inspiração (não lhe faltava sequer uma inspiração): o desenho deveria representar um garoto de dez anos conduzindo um velho bêbado. Chegou a chamar um desenhista para que fizesse

logo o desenho. Obteve uma garatuja e o velho a recusou, e declarou que quando estivesse melhor iria ele mesmo procurar na cidade um desenhista que servisse para ele.

No tempo bom que finalmente chegara, o velho se punha a escrever já de manhã cedo. Depois deixava de bom grado de escrever para se submeter ao tratamento de sempre, porque isso não significava uma interrupção do seu trabalho. Nada podia desviar seu pensamento que caminhava e se desenvolvia sempre. Em seguida escrevia de novo até a hora do almoço. Depois dormia por cerca de uma hora em sua poltrona, um sono tranquilo sem sonhos, e

voltava à sua mesa para ficar escrevendo e meditando até a hora de seu passeio diário de carro. Ia até Sant' Andrea acompanhado por sua enfermeira ou, às vezes, até pelo médico. Caminhava um pouco ao longo da praia. Olhava o horizonte onde o sol se punha, com olhar diferente — assim lhe parecia — do que tivera no passado pelas belezas da natureza. Parecia-lhe ser mais intimamente parte dela, agora que meditava sobre assuntos elevados em lugar de fazer negócios. E olhava o mar colorido e o céu límpido associando-se de certa forma a tanta pureza por sentir-se digno dela.

Depois jantava e passava ainda uma

hora a se rejubilar com o próprio trabalho, relendo as fichas escritas que se iam acumulando numa gaveta de sua mesa. Em sua cama pura, acompanhado de sua teoria, dormia um sono sereno. Uma vez sonhou a cara jovem vestida de chitas coloridas e nem no sonho lembrou que existia a outra jovem de meias de seda. Conversou com ela em alemão, que ela falava de modo inteligível. Nada de excitante, nem daquela vez, e isso pareceu-lhe uma grande prova da saúde reconquistada.

Queria ter a seu lado alguém a quem pudesse ler sua obra e verificá-la na sua própria voz e no rosto dos outros. Mas essa facilitação ele não pôde ter. Ele

sabia, com a prática de escritor que já adquirira, que a teoria é insidiada por um grande perigo: o de se afastar da linha que lhe era consignada pela realidade. Quantas fichas foram sacrificadas porque nelas se deixara desviar pelo som das palavras! Para se ajudar escrevera numa folha seu ponto de partida e a mantinha sempre diante de si: o velho é de uma feita que a potência de que dispõe pode se tornar danosa ao, jovem o qual, só ele, é importante para o futuro da humanidade. É preciso manter o velho atento a isso. Mas pelo fato de ele deter a potência que conquistou durante sua longa existência, é necessário que ele a dedique à vantagem do jovem. Para se ater à verdade o

moralista referia-se em seguida exatamente à própria aventura: era preciso conseguir que o velho não desejasse a jovem naquela plataforma, mas cuidasse do pedido de socorro feito pela jovem. De outra maneira a vida agora apaixonada e corrompida se tornaria pura, porém de gelo.

Seguiam muito pontos de exclamação para assinalar a dificuldade da tarefa que o moralista se impunha. Como de fato se poderia provar para os velhos que era dever deles cuidar, como se fossem suas filhas, daquelas jovens que — se permitido — pegariam como amantes? A prática ensinava que os velhos só estavam dispostos a cuidar do destino daquelas

jovens que haviam tido como amantes. Era preciso provar que não era necessário passar pelo amor para chegar ao afeto.

O pensamento do velho batia nisso: até agora ele sorria da coisa porque supunha que à medida que a pesquisa metódica procedia ele poderia ver de modo mais claro os detalhes do problema.

Tentou associar ao próprio problema sua enfermeira. Não pediria a ela nada mais além de escutá-lo. Às primeiras palavras dele ela ficou furiosa: — O senhor ainda se ocupa com aquela lá?

Era evidente que toda teoria morreria estrangulada começando-se por chamar aquela lá a jovem que da teoria era a verdadeira mãe.

Então experimentou com o médico. Ele parecia gostar da teoria. O médico constatava uma verdadeira melhoria no estado do velho e por isso não podia deixar de gostar daquela teoria que lhe parecia útil. Porém era difícil aceitá-la para si mesmo. Ele também velho, estando em boa saúde, olhava para a vida com o vivo desejo de pessoa inteligente e não admitia ser excluído de nenhuma manifestação dela.

— No fundo — ele disse ao velho — você quer nos atribuir uma importância muito grande. Não somos afinal tão sedutores. Olhava o velho e em seguida olhava a si mesmo no espelho.

— No entanto seduzimos — disse o

velho seguro de sua experiência.

— Quando acontece não é tão ruim — observou o médico sorrindo.

O velho também tentou sorrir, mas foi uma careta. Ele sabia de fato que era muito ruim.

O médico lembrava então que era antes de tudo médico e parava de discutir a teoria, isto é, o remédio a que ele mesmo atribuía uma certa importância. Quis até ajudar a teoria, colaborar para ela, mas era natural que onde ele tocava destruía os fantasmas do velho:- Se o desejar — disse ao velho — eu lhe trago uma obra intitulada: O velho. A velhice, infelizmente, ali é considerada como uma doença. Mas não de longa duração,

porém.

O velho discutiu: — Doença, a velhice? Doença, uma parte da vida? E o que é então a juventude?

— Acredito que nem ela seja a saúde absoluta — disse o médico —, mas é outra coisa. A juventude às vezes fica doente, mas normalmente são doenças sem complicações. Mas nos velhos mesmo um resfriado é uma doença complicada. Isto deve querer significar alguma coisa.

— Isto significa apenas que o velho é fraco. De fato — gritou o velho vitoriosamente — ele nada mais é que um jovem enfraquecido. Finalmente a encontrara. Esta descoberta iria fazer parte da sua teoria que muitas vantagens

tirava disso. — Por isso e para que sua fraqueza não se torne doença precisa de uma moral bem sólida. — A modéstia impedia-lhe dizer que essa moral seria fornecida por sua obra, mas pensou isso.

Esta conversa com o médico, que lhe propiciara tanto benefício, deveria encorajar outras conversas. Mas um dia o médico traiu tão claramente sua ideia íntima que o velho entendeu que entre eles não havia nenhum ponto em comum.

No decorrer de suas elucubrações, o velho um dia encontrou-se a ter que analisar quais direitos teria para com a juventude. Meu Deus! A Bíblia não foi escrita em vão. A juventude devia obediência à velhice? Respeito? Meto?

O médico começou a rir e quando ria gostava de mostrar seu mais íntimo pensamento. — Obediência? Imediata porque não se deve deixar os velhos esperando. Respeito? Todas as jovens de Trieste de joelhos para que se possa mais facilmente escolhê-las. Afeto? Do bom e sólido, braços em volta do pescoço ou em outro lugar, e boca na boca.

Enfim o pobre velho não tinha sorte e não encontrava a alma gêmea. Ele não sabia que ao médico faltava a experiência da grande angina e que portanto não era um velho como ele.

Essa discussão também teve um efeito, mas negativo. Diversas fichas já escritas foram pelo velho colocadas em

quarentena, no meio de uma folha em branco em que escreveu: — O que deve a juventude à velhice?

Às vezes a teoria ficava confusa e era difícil continuar. O velho então sentia-se muito mal. Guardou o trabalho pensando que um breve repouso lhe daria a clareza que lhe faltava, mas como os dias transcorriam vazios! Logo a morte ficou mais próxima. O velho agora tinha o tempo de sentir a pulsação insegura do próprio coração e a própria respiração cansada e barulhenta.

Foi num desses períodos que ele mandou rogar à jovem que viesse à sua casa. Tinha esperanças de que bastaria voltar a vê-la para sentir renovado o

próprio remorso, que era o principal estímulo a escrever. Mas nem daquele lado lhe veio o auxílio esperado.

A jovem continuara a evoluir. Muito elegante como da outra vez, evidentemente esperara ser recebida com beijos. O velho não foi muito severo e dessa vez não por embaraço, mas porque pouco lhe importava. A esta altura ele amava a juventude inteira, homens e mulheres, inclusive a cara jovem vestida de chitas e não essa boneca tão vaidosa dos próprios vestidos que falava deles diante do espelho.

Mas evoluíra tanto a ponto de se queixar que o dinheiro não era mais suficiente e pedia que ele aumentasse sua

mensalidade.

Aqui o velho desfechou a própria antiga prática de negócios. — Por que você acredita que eu lhe devo dinheiro? — perguntou sorrindo.

— Não foi você que me seduziu? — perguntou a pobre jovem que devia ter sido instruída por alguém.

O velho permaneceu calmo. Infelizmente a repreensão já não lhe importava mais. Discutiu e depois disse que para fazer amor são necessárias duas pessoas e que por parte dele não houvera nem violência nem astúcia.

Ela logo se deixou convencer e não insistiu. Provavelmente estava arrependida e chateada por ter falado

daquele jeito, ela que sempre fizera de tudo para não parecer interessada.

Ele, para torná-la ainda mais dócil e esperando sentir pelo menos em mínima parte a antiga emoção, contou-lhe que a lembrara no próprio testamento.

— Eu sei e lhe agradeço — disse ela. O velho não quis dizer que estranhava o fato de ela saber de um testamento que era mantido em segredo e aceitou seus agradecimentos.

Aquele encontro desiludiu-o tanto a ponto de se propor refazer o próprio testamento e deixar o resíduo dos próprios bens a algum instituto de beneficência.

Mas não fez nada pelo simples fato de

que os teóricos são pessoas muito lentas quando se trata de agir.

E foi assim que o velho se encontrou sozinho diante da sua teoria.

Pelo menos o longo prefácio à sua obra estava terminado e, segundo ele, com um esplêndido resultado, tanto que ele o lia e relia continuamente para encontrar estímulo a seguir adiante.

Naquele prefácio ele se propusera tão somente a provar como a humanidade tinha necessidade de sua obra. Ele não sabia, mas esta era a parte mais fácil da obra. De fato, toda obra que pretende criar uma teoria se divide em duas partes. A primeira dedica-se à destruição de

teorias preexistentes ou, melhor ainda, à crítica do estado de fato existente, enquanto a segunda tem a difícil tarefa de reconstruir as coisas em bases novas; coisa bastante difícil. A um teórico aconteceu ter publicado em vida dois volumes inteiros para provar que as coisas procediam mal e no modo mais injusto. O mundo voou pelos ares e não se arrumou nem quando os herdeiros do teórico publicaram um terceiro volume, póstumo, dedicado à reconstrução das coisas. Uma teoria é sempre uma coisa complexa e fazendo-a não se percebem logo todas as suas ilações. Surgem uns teóricos que sustentam a destruição de um animal, dos gatos, por exemplo. Escreve-

se, escreve-se e não se percebe logo que em volta da teoria, como consequência dela, pululam os ratos. Só mais tarde o teórico se encontra no meio da dificuldade e, com angústia, pergunta-se: "O que vou fazer com esses ratos?".

Meu velho ainda estava muito longe de tal dificuldade. Nada mais lindo e mais fluido do que o prefácio a uma teoria. O velho descobria que nesse mundo faltava à juventude alguma coisa que tornaria a juventude ainda mais linda: uma velhice sadia que a amasse e cuidasse dela. Não faltaram estudos e meditações nem para o prefácio porque nele era preciso estabelecer toda a extensão do problema. Portanto o velho partia desde o começo,

como a Bíblia. Os velhos — quando não eram ainda velhos demais — haviam reproduzido a si mesmos nos jovens, com grande facilidade e com algum prazer. Passando a vida de um a outro organismo era difícil saber se a mesma elevava-se ou melhorara. Os séculos históricos atrás de nós eram muito breves para tirar deles a experiência. Mas depois da reprodução poderia haver progresso espiritual se a associação entre velhos e jovens fosse perfeita e se uma juventude sadia pudesse se apoiar numa velhice muito sadia. A finalidade do livro era portanto demonstrar para o bem do mundo a necessidade da saúde do velho. De acordo com o velho o futuro do mundo,

isto é, a potência dos jovens que farão este futuro, dependia da assistência e dos ensinamentos dos velhos.

O prefácio tinha também uma segunda parte. Se pudesse, o velho faria muitas partes. A segunda procurava provar a vantagem que ao velho adviria de uma sua própria relação pura com a juventude. Com os filhos a pureza era fácil, mas não podia ser impura com os amigos dos filhos. O velho — se puro — viveria mais sadio e mais longamente, o que segundo ele seria de grande utilidade para a sociedade.

O primeiro capítulo era ele também um prefácio. Afinal era preciso descrever o estado atual das coisas! Os velhos

abusavam da juventude e os jovens desprezavam os velhos. Os jovens faziam leis para impedir aos velhos de continuarem na direção dos negócios e por sua vez os velhos obtinham leis para impedir a ascensão dos jovens quando eram jovens demais. Esta rivalidade não revela um estado de coisas pernicioso para o progresso humano? Que importância tinha a idade para a designação aos cargos públicos?

Estes prefácios de que dou apenas o núcleo deram muito trabalho e muita saúde ao pobre velho por vários meses. Houve depois outros capítulos que caminharam bastante facilmente e não o cansaram apesar de seu estado de

fraqueza: os capítulos polêmicos. Um deles foi dedicado a negar que a velhice fosse uma doença. Pareceu ao velho ter sido muito feliz naquele capítulo. Como se podia crer que a velhice, que nada mais era senão a continuação da juventude, fosse uma doença? Deveria haver também a intervenção de outro elemento para mudar a saúde em doença; este elemento o velho não sabia encontrá-lo.

Em seguida, nos propósitos do velho, a obra deveria se dividir em duas partes. Uma delas devia tratar do modo como a sociedade precisaria se organizar para ter velhos sadios e a outra da organização da juventude para regulamentar suas relações com a velhice.

Aqui, porém, o velho era interrompido a todo instante pela invasão dos roedores. Já falei daquelas fichas que tinham sido guardadas por ele cobertas por uma folha de papel, com o propósito de retomá-las quando alguma dúvida sua tivesse sido esclarecida. A elas se associaram em seguida muitos outros pacotes de fichas.

Assim ele lembrava que o dinheiro tivera uma parte importante em sua aventura com a jovem. Durante alguns dias escreveu que o dinheiro (que normalmente pertence aos velhos) deveria ser sequestrado para não servir a corromper e é de espantar que passaram muitas horas antes que ele percebesse como seria doloroso se lhe tirassem o

dinheiro. E então parou de escrever sobre esse argumento e guardou as fichas à espera de maior luz.

Uma outra vez pensou em descrever como desde o primeiro ano escolar se deveria lembrar que a finalidade da vida é chegar a ser um velho sadio. A juventude quando peca não sofre e não faz sofrer muito. Mas o pecado do velho é mais ou menos equivalente a dois pecados do jovem. E um pecado a mais é o exemplo que ele dá. Portanto — segundo o teórico — desde o começo seria preciso estudar para envelhecer de maneira sadia. Mas depois pareceu-lhe que nesse raciocínio o caminho para a virtude não era bem assinalado. Se o pecado do

jovem tinha tão leve importância, onde se podia começar a educação do velho? E na folha em que sepultou aquelas fichas escreveu: "A ser estudado quando deve começar a educação do velho".

Houve fichas em que o velho se esforçou para provar que para ter uma velhice sadia era preciso circundá-la de jovens sadios. O sistema de guardar as fichas e de não destruí-las favorecia as contradições de que o autor não se apercebia. Nestas últimas fichas transpareceu no autor uma certa ira contra a juventude. No geral era verdade que se a juventude fosse sadia, a velhice não poderia pecar. A maior força física já a protegia de atentados. No papel que

envolveu tanta filosofia estava escrito: "A partir de quem deve começar a moral?".

E o velho foi acumulando suas dúvidas acreditando estar fabricando alguma coisa. Contudo a luta era superior às suas forças, e quando voltou o inverno também o médico percebeu uma ulterior decadência física do paciente. Fez umas indagações e acabou adivinhando que a teoria que fizera tanto bem agora fazia mal.— Por que você não muda de argumento? — perguntou-lhe. — Você deveria deixar aquele trabalho e se dedicar a alguma outra coisa.

O velho não quis entrar em confidências e assegurou que fazia aquele trabalho só para passar o tempo. Temia o

olho do crítico, mas pensava temê-lo só até terminar a obra.

A intervenção do médico dessa vez não teve um efeito bom. O velho quis dedicar-se a completar a obra resolvendo uma dúvida atrás da outra e começou retomando o problema daquilo que cabe aos velhos por parte dos jovens. Escreveu dias seguidos, cada vez mais agitado, depois por vários dias esteve à mesa lendo e relendo o que escrevera.

Reuniu novamente as velhas e as novas fichas no lençol em que estava escrita a pergunta que não sabia responder. Depois ansiosamente debaixo dela escreveu diversas vezes a palavra:- Nada!

Foi encontrado duro com a caneta na boca sobre a qual passara seu último suspiro.
